

JOÃO PAULO LAZZARINI CYRINO

O SINCRETISMO PASSIVO-REFLEXIVO

EM GEORGIANO:

DISCUSSÕES SOBRE EXPLICAÇÕES FORMAIS

PORTO ALEGRE,

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA
LINHA DE PESQUISA: GRAMÁTICA, SEMÂNTICA E LÉXICO

O SINCRETISMO PASSIVO-REFLEXIVO
EM GEORGIANO:

DISCUSSÕES SOBRE ABORDAGENS FORMAIS

JOÃO PAULO LAZZARINI CYRINO

ORIENTADOR: PROF. DR. SERGIO DE MOURA MENUZZI

Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise
Linguística, apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE,

2011

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de agradecer, logo no início, à CAPES pela concessão da bolsa, que me permitiu realizar o trabalho com dedicação exclusiva, e também ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS por toda a assistência prestada. Também agradeço aos que me auxiliaram com os dados e com a literatura sobre a língua, especialmente às professoras Lea Nash e Nino Amiridze, ao Davit Mchedlishvili e à Lana Grdzlishvili.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Sergio de Moura Menuzzi, por ter me acolhido com tanta atenção na UFRGS e em Porto Alegre e por todo o clima de amizade e de trabalho que promoveu entre mim e seus demais alunos, a partir do qual foi possível um aprendizado bastante profundo. A esses colegas do Grupo de Sintaxe e Interfaces, Eduardo Correa, Gabriel Roisenberg e Pablo Ribeiro, pelas brincadeiras, pelas conversas, pela amizade e pela parceria. Ao Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero, também membro deste grupo de estudos, por ter me encorajado a trabalhar aqui, pelas tantas conversas e pela grande amizade.

Aos meus colegas da USP, em especial à Prof^a. Dr^a. Ana Paula Scher, que me introduziu no mundo da Morfossintaxe e tem acompanhado meu caminho com tanta atenção. Devo muito aos membros do Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída, especialmente ao Rafael Minussi, à Indaiá Bassani, à Sonia Rocha e ao Júlio Barbosa, com quem tanto pude aprender e, depois, discutir, além de toda a amizade que mantemos. Desse grupo também destaco a grande amiga, Paula Armelin, que me escuta desde o primeiro ano de graduação e com quem tanta coisa foi possível conquistar.

Aos professores da Teoria e Análise Linguística da UFRGS, Sabrina Abreu, Luiz Carlos Schwindt, Gisela Collischon, Marcos Goldnadel e Mathias Schaff, que acompanharam boa parte de meu trabalho. Também aos demais amigos linguístas, Leonor Simioni, Rerisson Cavalcante, Karin Vivanco, Daniel Peres, Fátima de Almeida, Thiago Coutinho-Silva, Pablo Faria, Luciana Sanchez, Lara Frutos, entre outros, com quem sempre pude ter excelentes conversas.

Aos amigos e amigas que me aguentam quase que diariamente, Arthur Beltrão Telló,

Rafael Frate, Henrique Bordini, Guilherme Darisbo, Gabriela Motta, Marcel Trindade, Willian Silveira, Mirela Favaretto, Pedro Schmidt, Laís Medeiros, Ubiratan Machado, Joana Luz, Larissa Costa e Patrícia Mentz. Sem seu apoio, tudo seria tão mais complicado.

À minha família, especialmente minha mãe, Sonia, meu pai, Pedro Paulo, e minha irmã, Isabella, pelo apoio incondicional que sempre me deram e por toda a atenção que precisei receber no período de realização deste trabalho

E agradeço a Deus, que sem ele nada disso estaria por aqui.

RESUMO

A presente dissertação investiga o sincretismo do morfema pré-radical -i- dos verbos do georgiano, uma língua da família kartveliana (Sul-Caucasiana) falada na República da Georgia. O morfema é conhecido na literatura por estar relacionado à reflexivização na língua e ao sincretismo passivo-reflexivo, apresentando semelhanças, por exemplo, com o SE das línguas românicas. Além disso, o morfema também ocorre como marca de aspecto perfectivo em verbos inergativos. Os principais objetivos dessa investigação são (i) o de descrever o comportamento do morfema e relacionar seus diversos contextos de ocorrência e (ii) o de verificar a possibilidade de analisá-lo uniformemente. No primeiro capítulo, apresentamos uma síntese dos aspectos mais relevantes da gramática da língua para a compreensão do restante da dissertação; no segundo, contextualizamos o morfema -i- dentro do paradigma das *vogais pré-radicais* e descrevemos seu comportamento nos diferentes contextos de inserção; no terceiro, investigamos a possibilidade de se considerar o sincretismo de -i- como sendo um caso de *sincretismo passivo-reflexivo*; no quarto, apresentamos as teorias concorrentes, de EMBICK (1998, 2004) e de REINHART & SILONI (2004, 2005), sobre o sincretismo passivo-reflexivo e mostramos os problemas que apresentam os dados do georgiano para ambas as teorias. Por fim, o quinto capítulo conclui a dissertação por apresentar duas alternativas de explicação para o fenômeno que ainda devem ser investigadas: (i) baseando-se em LIDZ (2001), parece ser possível explicar o comportamento de -i- por conceber a interação de diferentes níveis de representação pré-sintáticos e (ii), baseando se em DE SCHEPPER (2007) e em HASPELMATH (2003), é possível explicar a variedade de contextos de inserção do morfema por meio de uma teoria de derivação diacrônica gradual.

ABSTRACT

This dissertation investigates the syncretic behaviour of the verbal pre-radical *-i-* morpheme present in Georgian, a Kartvelian (South Caucasian) language spoken mainly in the Republic of Georgia. Within the literature, the morpheme is known for its relation with reflexivization and with the passive-reflexive syncretism, being somehow similar to the romance clitic SE, for example. The morpheme also occurs as a mark of perfective aspect on unergative verbs. The main goals of this research are (i) to describe the morpheme behaviour and to co-relate its various contexts of occurrence and (ii) to verify the possibility of analysing it uniformly. In the first chapter, we present a synthesis of the most relevant aspects of the language's grammar in order to clarify the reasonings and data presented throughout this dissertation; in the second, we contextualize the *-i-* morpheme within the paradigm of the *pre-radical vowels* and describe its behaviour in its different contexts of occurrence; in the third, we investigate the possibility of considering the morpheme's syncretism as being of a Passive-Reflexive type; on the fourth, we present the two actual concurrent theories on Passive-Reflexive Syncretism: EMBICK (1998, 2004)'s and REINHART & SILONI (2004, 2005)'s, showing the issues Georgian data present to both theories. Finally, the fifth chapter concludes the dissertation by presenting two alternatives, which may be further investigated, to explain the phenomenon. The first one is based on LIDZ (2001) and suggests that the behaviour of *-i-* is the result of the interaction of different pre-syntactical levels of representation. The second one is based on DE SCHEPPER (2007) and HASPELMATH (2003) and proposes that the variety of contexts where *-i-* can occur is the consequence of a diachronic gradual derivation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9	
TRANSLITERAÇÃO.....	12	
CAPÍTULO I – ASPECTOS PRÉ-ELIMINARES DA GRAMÁTICA		
DO GEORGIANO.....	14	
1.1. Os Sistemas de Casos, as Séries e Classes verbais e a Concordância Nominal.....	14	
1.2. A Morfologia Verbal do Georgiano.....	18	
1.2.1. <i>A Concordância Verbal</i>	18	
1.2.2. <i>Vogais Pré-Radicaís e Preverbos</i>	21	
1.2.3. <i>Formação dos Tempos/Modos</i>	23	
1.3. Síntese.....	31	
CAPÍTULO II – AS VERSÕES VERBAIS E AS VOGAIS PRÉ-RADICAIS.....		34
2.1. As vogais pré-radicaís: Conceito de Versão Verbal.....	35	
2.1.1. <i>Marcação das Versões por Vogais Pré-Radicaís</i>	37	
2.1.2. <i>A versão subjetiva e as construções reflexivas</i>	38	
2.2. Derivação dos verbos da Classe II.....	41	
2.2.1. <i>Uso da vogal pré-radical -i-</i>	43	
2.2.2. <i>Outros recursos derivacionais</i>	46	
2.3. Mais a fundo nas vogais pré-radicaís.....	49	
2.3.1. <i>Vogais pré-radicaís licenciando argumentos Dativos e marcando</i> <i>Perfectividade</i>	49	
2.3.2. <i>O morfema -i-</i>	52	
2.4. Síntese.....	56	
CAPÍTULO III – O SINCRETISMO DE -I- ENQUANTO UM CASO DE SINCRETISMO		
PASSIVO-REFLEXIVO.....	58	

3.1. O SINCRETISMO PASSIVO-REFLEXIVO.....	58
3.2. O Morfema -i- enquanto um caso de Sincretismo Passivo-Reflexivo.....	62
3.3. Síntese.....	68
CAPÍTULO IV – SOLUÇÕES TEÓRICAS PARA O SINCRETISMO PASSIVO-REFLEXIVO	69
4.1. A Análise de Embick.....	69
4.1.1. <i>Implementando aos dados do Georgiano</i>	77
4.2. Teoria da Redução Lexical (e Sintática).....	82
4.2.1. <i>Implementando aos dados do Georgiano</i>	86
4.3. Síntese.....	91
CAPÍTULO V– CAMINHOS PARA A EXPLICAÇÃO DO SINCRETISMO.....	93
5.1. O domínio empírico do sincretismo do morfema -i-.....	93
5.2. Os Problemas das Análises Uniformizantes Correntes.....	98
5.2.1. <i>O Sincretismo Passivo-Reflexivo enquanto Sincretismo de Voz</i>	98
5.2.2. <i>O Sincretismo Passivo-Reflexivo enquanto um fenômeno de Reflexividade</i>	102
5.2.3. <i>Conclusão</i>	105
5.3. Possibilidades Alternativas de Explicação do Sincretismo Passivo-Reflexivo.....	105
5.3.1. <i>Interação de diferentes níveis/componentes gramaticais</i>	106
5.3.2. <i>Derivação diacrônica gradual</i>	112
5.4. Síntese e Considerações Finais da Dissertação. da Dissertação.....	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123

INTRODUÇÃO

A presente dissertação investiga o sincretismo do morfema *-i-* presente nos verbos do georgiano, uma língua da família Kartveliana (Sul-Caucasiana), falada na República da Geórgia. O morfema ocorre na posição imediatamente precedente ao radical de certos verbos transitivos e intransitivos da língua e é descrito em diferentes momentos na gramática tradicional. Em um primeiro momento, o morfema é considerado como um formador de verbos de uma determinada classe, que corresponde a dos verbos anti-causativos. Também é considerado como marca do que se chama de *versão subjetiva*, em linhas gerais, quando o sujeito apresenta algum tipo de relação de posse ou benefício sobre o objeto. Nesse contexto incluem construções reflexivas, que podem se formar com o morfema *-i-* e o substantivo *tav*. Por fim, o morfema é considerado também como marca de tempo/aspecto em uma classe de verbos que corresponde a dos inergativos com uma semântica de atividade.

Para a linguística interessa investigar as propriedades em comum que apresentam os contextos de inserção de morfemas como esse a fim de se obter uma descrição mais apurada de seu significado e uma análise uniforme de suas funções. O sincretismo de *-i-* foi abordado, por exemplo, em NASH (2002), que o considerou como comparável ao sincretismo do clítico SE médio-reflexivo das línguas românicas. Entretanto, a autora só levou em conta a ocorrência do morfema em verbos anti-causativos, reflexivos e em construções de posse inalienável. Em AMIRIDZE (2006) pode-se observar as primeiras dificuldades para esse tipo de comparação. A autora – que lida com as estratégias de reflexivização da língua e as dificuldades de enquadrar tais fenômenos dentro da teoria de REINHART & REULAND (1993) – menciona os diversos contextos de inserção de *-i-* considerando a dificuldade de se captar as semelhanças que supostamente apresentam entre-si. Assim, em seu trabalho, os usos de *-i-* em contextos que envolvam reflexividade são abordados como estratégias independentes. Cabe mencionar que as dificuldades encontradas por AMIRIDZE (2006) para lidar com os dados do georgiano dentro da teoria de reflexividade de REINHART & REULAND (1993) são tão profundas que a autora dedica todas as páginas de seu trabalho a somente apontá-las e a fornecer uma melhor descrição dos dados, sem que haja espaço para

uma nova análise para os fenômenos.

Neste trabalho, a ideia inicial seria a de fornecer uma análise uniforme para os contextos de inserção do morfema *-i-*. Entretanto, da mesma forma que ocorreu com o trabalho de AMIRIDZE (2006), foram tantas as dificuldades de se analisar os contextos de ocorrência do morfema de acordo com as atuais teorias para sincretismos que se assemelham a esse, que limitamo-nos a uma descrição bastante apurada do comportamento do morfema e a um debate acerca das teorias existentes para lidar com esse tipo de fenômeno. Por fim apresentamos duas possibilidades de explicação para o sincretismo, que não necessariamente se excluem, e sobre as quais é necessário mais pesquisa para que se possa chegar a alguma conclusão acerca de sua validade teórica em si e empírica sobre os dados do georgiano.

Reservamos o primeiro capítulo para apresentar ao leitor a língua georgiana. Lá encontram-se alguns aspectos da gramática que serão relevantes para a compreensão dos dados e dos raciocínios presentes no decorrer do trabalho. O leitor deve ter em conta de que o georgiano é uma língua não-indoeuropéia e, portanto, constitui-se de diversas propriedades que não nos são familiares. A língua constitui-se de um sistema morfológico flexional e rico, sendo classificada tipologicamente como polissintética, além de conter o que se chama de ergatividade cindida: a co-existência de dois sistemas de caso – Nominativo-Acusativo e Ergativo-Absolutivo – que se alternam de acordo com o tempo verbal. No Capítulo I, portanto, apresentamos como se dá a concordância nominal e verbal na língua, a morfologia verbal e a formação dos tempos verbais e sua relação com os sistemas de caso.

O Capítulo II está dedicado a fornecer uma descrição sobre as Vogais Pré-Radicais, um paradigma da morfologia verbal no qual está incluído o morfema *-i-*. Essas vogais marcam principalmente o que se chama de *versão*, que podemos por hora considerar como características especiais da estrutura de argumentos dos verbos nas sentenças. Na segunda parte do capítulo apresentamos uma com mais detalhe os contextos de ocorrência de *-i-* e algumas generalizações a respeito de seu comportamento.

No Capítulo III discutimos a noção de sincretismo passivo-reflexivo e como o fenômeno se relaciona à categoria de voz na gramática. Essa discussão é importante para que, na segunda parte, apresentemos características do morfema *-i-* que nos permitam considerar seu sincretismo como um sincretismo passivo reflexivo. No fim desse capítulo assumimos que o morfema *-i-* como marca de tempo/aspecto em verbos inergativos deve ser tratado de forma independente. Assim, levamos para o Capítulo IV apenas os contextos de *-i-* que podem ser enquadrados dentro do sincretismo passivo-reflexivo.

O Capítulo IV apresenta as duas principais formas atuais de se analisar o sincretismo

passivo-reflexivo dentro da Teoria Gerativa. Por um lado, a teoria de EMBICK (1998, 2004), baseada na Morfologia Distribuída e assumindo que o sincretismo é consequência de um fenômeno de voz. Por outro lado, a teoria de REINHART & SILONI (2004, 2005), baseada na identidade semântica entre verbos reflexivos e anti-causativos proposta em CHIERCHIA (2004). Nesse momento da dissertação mostramos falhas teóricas e empíricas dessas teorias e chegamos à conclusão de que nem os contextos de sincretismo passivo-reflexivo do georgiano podem ser analisados uniformemente.

Concluimos a dissertação com o Capítulo V, em que retomamos toda a discussão e apresentamos duas possibilidades de análise a serem investigadas futuramente. A primeira possibilidade baseia-se no desencontro entre níveis de representação linguísticos, conforme propõe LIDZ (2001), seguindo a teoria do Léxico de GRIMSHAW (1990). Essa proposta baseia-se nos dados do kannada, uma língua falada na Índia, que apresenta morema com um comportamento sincrético muito semelhante ao do -i- georgiano. A segunda possibilidade, que não exclui a primeira, baseia-se nas observações de HASPELMATH (2003) sobre o sincretismo passivo-reflexivo e no trabalho de DE SCHEPPER (2007). Trata-se de uma abordagem de derivação diacrônica gradual dos contextos de inserção de -i-. Essa análise permite explicar, por exemplo, a ocorrência de -i- como marca de tempo, que parece compartilhar propriedades em comum com o -i- dos anti-causativos, embora não compartilhe nenhuma propriedade com os demais contextos de ocorrência de -i-. Isso é dizer que a teoria prevê que de contextos A, B e C de inserção de um mesmo morfema, A se assemelhe a B por uma propriedade e B se assemelhe a C por outra, não havendo nenhuma semelhança entre A e B.

Cabe observar que os dados do presente trabalho foram coletados (i) da literatura, com a devida menção, e (ii) de informantes. Procuramos apresentar dados bastante comuns, naturais em qualquer conversação e de acordo com o que prescreve a gramática tradicional.

TRANSLITERAÇÃO

Dada a ausência de uma transliteração oficial do alfabeto georgiano para o português, estabeleceu-se para a presente dissertação o seguinte padrão de transliteração:

Georgiano	IPA	Transliteração
ა	[a]	a
ბ	[b]	b
გ	[g]	g
დ	[d]	d
ე	[e]	e
ვ	[v]	v
ზ	[z]	z
თ	[t ^h]	t
ი	[i]	i
კ	[k ^ʔ]	k'
ლ	[l]	l
მ	[m]	m
ნ	[n]	n
ო	[o]	o
პ	[p ^ʔ]	p'
ჟ	[ʒ]	zh
რ	[r]	r
ს	[s]	s
ტ	[t ^ʔ]	t'
უ	[u]	u
ფ	[p ^h]	p'
ქ	[k ^h]	k
ყ	[ɣ]	gh
ღ	[q ^ʔ]	q
შ	[ʃ]	sh

ʈ	[tʰ]	ch
ʈʂ	[tsʰ]	ts
ɖ	[dz]	dz
ʈʂʰ	[tsʰʰ]	ts'
ʈʂʰʰ	[tʃʰ]	ch'
ʂ	[x]	x
ʂʂ	[dʒ]	j
ʂʂʰ	[h]	h

CAPÍTULO I

ASPECTOS PRÉ-ELIMINARES

DA GRAMÁTICA DO GEORGIANO

O primeiro capítulo dessa dissertação tem como objetivo o de fornecer ao leitor o conhecimento necessário da gramática do georgiano para que se possa entender os fenômenos em questão no decorrer dos demais capítulos, bem como os argumentos e problemas apresentados.

Essa “introdução” à gramática do georgiano divide-se em duas partes. Primeiramente lidamos com a descrição dos sistemas de casos da língua, introduzimos os termos *Série* e *Classe verbais* e lidamos com algumas questões de flexão nominal. Essa primeira seção prepara o leitor para a segunda seção, central do capítulo, que lida com a morfologia verbal da língua. Veremos a estrutura dos verbos georgianos e alguns de seus elementos, bem como a formação dos tempos/modos verbais. Feita essa exposição, terminamos o capítulo com uma síntese dos principais aspectos a se ter em conta para a leitura do restante da dissertação.

1.1. Os Sistemas de Casos, as Séries e Classes verbais e a Concordância Nominal

Para compreender o funcionamento da gramática do georgiano é essencial ter em conta três características de sua gramática. A primeira delas é a de que o georgiano é uma língua de **ergatividade cindida**: em determinadas condições gramaticais o sistema de casos utilizado é o Ergativo/Absolutivo ao invés do Nominativo/Acusativo.

A segunda é que seus tempos verbais podem e, pela gramática tradicional, são divididos em **três Séries** que estão diretamente relacionadas ao sistema de casos usado. A **Série I**, também denominada de série do Presente-Futuro, engloba *tempos/modos verbais*¹ que

1 Por *tempos/modos verbais* entenda-se o conjunto tempo/modo/aspecto que é melhor traduzido em inglês por *tense*. Em georgiano há um termo específico para isso: *mc'krivi*, que significa item/ponto, referindo-se aos tempos/modos verbais de cada Série.

se utilizam do sistema de caso **Nominativo-Acusativo**. A **Série II**, denominada de série do Aoristo, engloba tempos/modos que se utilizam do sistema de caso **Ergativo-Absolutivo**. Já no caso da Série III, ou série do Perfeito, o sistema de casos é o Nominativo-Acusativo, mas há uma inversão em que os verbos exigem **sujeito Dativo** e **objeto Nominativo**. Abaixo segue um quadro dos tempos/modos verbais do georgiano em suas respectivas **Séries**:

(1.1) **Série I: Presente**

- Indicativo Presente
- Indicativo Futuro
- Condicional
- Pretérito Imperfeito
- Subjuntivo Presente
- Subjuntivo Futuro

Série II: Aoristo

- Aoristo Indicativo
- Aoristo Subjuntivo

Série III: Perfeito

- Perfeito
- Mais-que-Perfeito
- Terceiro Subjuntivo

A terceira característica importante da gramática é que os verbos podem e, também de acordo com a gramática tradicional, são divididos em quatro **Classes**. Cada classe envolve uma peculiaridade nos níveis semânticos, morfológicos e sintáticos. Podemos descrever brevemente cada classe nos seguintes termos: **Classe I**, dos verbos transitivos; **Classe II**, dos verbos intransitivos (que normalmente correspondem ao que se chama, na literatura gerativista, de "inacusativos"); **Classe III**, dos verbos "médios" (que normalmente correspondem aos "inergativos") e **Classe IV**, dos verbos indiretos ("psíquicos" e "estativos"). Algumas destas classes também apresentam particularidades quanto à distribuição dos casos. Por exemplo, os verbos de Classe IV tem a mesma distribuição de casos que os verbos na Série III: sujeitos no Dativo e objetos no Nominativo.

Tanto as Classes como os tempos/modos verbais serão abordados com mais detalhe na

próxima seção.

Introduzidas essas três características cruciais para compreender a gramática, passemos aos aspectos principais da morfologia nominal: marcação de casos e distribuição dentro do sintagma nominal. O georgiano conta com sete casos morfologicamente distintos para o substantivo (conforme sua gramática tradicional): *nominativo*, *ergativo*, *dativo*, *genitivo*, *adverbial*, *instrumental* e *vocativo*. Não há marcas específicas para o *absolutivo* e o *acusativo*. Esses casos são marcados com o uso, respectivamente, do *nominativo* e do *dativo*, como se mostra abaixo:

- (1.2) a. K'ac **-i** mok'lavs datv**-s**.
 Homem-**NOM** mata urso-**DAT**. (Casos G. Tradicional)
 Homem-**NOM** mata urso-**ACU**. (Casos "Reais")
 "O homem está matando o urso"
- b. K'ac **-ma** mok'la datv**-i**.
 Homem **-ERG** matou urso-**NOM**. (Casos G. Tradicional)
 Homem **-ERG** matou urso-**ABS**. (Casos "Reais")
 "O homem matou o urso."

As discussões presentes nesta dissertação irão depender do conhecimento do caso "real"² das palavras nas sentenças mencionadas. Logo, procurarei utilizar o segundo tipo de glosa.

A título de conhecimento, seguem listadas abaixo as marcas de caso utilizadas em

- 2 Para ilustrar melhor a noção de caso *real*, vejamos uma sentença com objeto direto e indireto em georgiano:

Gogo s -ts'er -s ts'eril-s masts'avlebl-eb-s.
 Menina.NOM 3s-escrever-3s carta -DAT professor -pl-DAT.
 "A menina está escrevendo uma carta aos professores."

Os dois objetos da sentença *tserils* e *masts'avlebebls* estão marcados com DAT, porém um deles é interpretado como objeto direto e outro é interpretado como indireto. Isso quer dizer que, na verdade, um desses objetos marcados com DAT na verdade recebe o caso acusativo, que possui a mesma marca morfológica que o dativo (DAT). Para testar qual é qual, pode-se transpor a sentença para o aoristo, no sistema Ergativo-Absolutivo, e o objeto que se manter com a marca DAT é o objeto indireto, o Dativo real. O objeto que tiver como marca de caso ABS, é o objeto direto, que, no presente, recebe o caso real Acusativo.

Gogo -m da -s -ts'er -a ts'eril-i masts'avlebl-eb-s.
 Menina-ERG pvb-3s-escrever-aor.3s carta -ABS professor -pl-DAT.
 "A menina escreveu uma carta aos professores."

Na dissertação, utilizaremos somente o caso real nas glosas.

georgiano:

(1.3)

Caso	Substantivo	Adjetivo
Nominativo / Absolutivo	-i / -a / ∅	-i
Ergativo	-m(a)	-ma
Dativo / Acusativo	-s	∅
Genitivo	-is	-i
Instrumental	-(i)t	-i
Adverbial	-(a)d	∅
Vocativo	-o / -v	-o

Sobre a distribuição dentro do sintagma nominal, podemos destacar duas características. A primeira, os adjetivos em geral se antepõem aos substantivos e os genitivos sempre se antepõem aos possuídos, como no inglês:

(1.4) Ivan-is tetr -i mankana.
 João-GEN branco-NOM carro.NOM.
 "O carro branco do João."

A segunda é com relação ao plural. Apenas o substantivo recebe plural, e o adjetivo não concorda em número. O plural dos nomes é marcado pelo sufixo **-eb**, imediatamente anterior à marca de caso.

(1.5) a. Tetr -i mankana.
 Branco-NOM carro.NOM.
 "Carro branco."
 b. Tetr -i mankan(a)-eb-i.
 Branco-NOM carro -pl-NOM.
 "Carros brancos."

No dado (1.5b) ainda é possível observar o comum processo de síncope da última vogal do radical diante de algum sufixo.

Passemos a seguir a examinar a morfologia verbal do georgiano.

1.2. A Morfologia Verbal do Georgiano.

Em georgiano os verbos se formam por meio de um arranjo com um grande número de afixos. Por conta disso, os gramáticos olham para o verbo como sendo um conjunto de *slots* morfológicos, cada qual com uma função na realização do significado do verbo. O modelo básico é o que se segue (cf. HEWITT, 1996):

(1.5)

-3	-2	-1	0	1	2	3	4	5	6
Preverbo	Prefixo de concordância	Vogal pré-radical	RAIZ	infixo passivo	sufixo causativo	tema	Marca de passado	Vogal de tempo/modo	Sufixo de concordância

A presente dissertação terá especial enfoque nas vogais pré-radicais, que se inserem no slot -1. Como será apresentado mais adiante, a gramática tradicional associa-as à "versão" do verbo. A "versão" de um verbo seria uma forma de definir propriedades relacionadas a estrutura de argumentos/grade temática. Assim, a vogal presente no slot -1 pode indicar uma detransitivização, bitransitivização, modos alternativos de realizar os mesmos argumentos (como, por exemplo, as alternâncias locativas), etc. Tudo isso será abordado com o devido detalhe adiante.

Por ora, dois tópicos são essenciais: o primeiro é a concordância dos verbos e o segundo, a formação dos tempos.

1.2.1. A Concordância Verbal

A concordância dos verbos em georgiano leva em conta não só o sujeito do verbo, como ocorre nas línguas indo-européias, mas também o(s) objeto(s). Como se pode ver no esquema (1.5), as marcas de concordância distribuem-se antes (prefixais) e depois (sufixais) da raiz do verbo. As marcas prefixais não têm sua forma dependente de **tempo/modo** ou **classe** verbal, expressando puramente concordância. As marcas sufixais têm sua realização de alguma forma atrelada à **Classe** e ao **tempo/modo** do verbo.

Abaixo seguem as marcas prefixais de concordância:

(1.6)

v-	1 pessoa, sujeito ³
m-	1 pessoa singular, objeto
g-	2 pessoa, objeto
gv-	1 pessoa plural, objeto.
h-/s-	3 pessoa, objeto indireto.

As marcas inconstantes estão relacionadas aos sujeitos de terceira pessoa, no singular e no plural. Algumas destas marcas são: *-s*, *-a*, *-o*. Além dessas marcas, há a marca **-t**, o último sufixo a ocorrer nos verbos, que indica plural de um dos argumentos, caso as outras marcas de concordância do verbo não tenham denotado isso. Ou seja, **-t** ocorre quando os sujeitos são de primeira e segunda pessoa do plural e para marcar o plural de um objeto na segunda pessoa.

A seguir seguem alguns paradigmas verbais para exemplificar:

(1.7) **Verbos de primeira classe no presente do indicativo:**

xatav (*X desenha Y*)

	1S.OBJ	2S.OBJ	3S.OBJ	1P.OBJ	2P.OBJ	3P.OBJ
1S.SUJ	--	g-xatav ⁴	v-xatav	--	g-xatav-t	v-xatav
2S.SUJ	m-xatav	--	xatav	gv-xatav	--	xatav
3S.SUJ	m-xatav-s	g-xatav-s	xatav-s	gv-xatav-s	g-xatav-t	xatav-s
1P.SUJ	--	g-xatav-t	v-xatav-t	--	g-xatav-t	v-xatav-t
2P.SUJ	m-xatav-t	--	xatav-t	gv-xatav-t	--	xatav-t
3P.SUJ	m-xatav-en	g-xatav-en	xatav-en	gv-xatav-en	g-xatav-en	xatav-en

(1.8) **Verbos de primeira classe no presente do indicativo,**

com objeto indireto na 3ª pessoa: *c'er* (*X escreve Y a Z*)

	1S.OBJ	2S.OBJ	3S.OBJ	1P.OBJ	2P.OBJ	3P.OBJ
1S.SUJ	--	g-c'er	v-s-c'er	--	g-c'er-t	v-s-c'er
2S.SUJ	m-c'er	--	s-c'er	gv-c'er	--	s-c'er
3S.SUJ	m-c'er-s	g-c'er-s	s-c'er-s	gv-c'er-s	g-c'er-t	s-c'er-s
1P.SUJ	--	g-c'er-t	v-s-c'er-t	--	g-c'er-t	v-s-c'er-t
2P.SUJ	m-c'er-t	--	s-c'er-t	gv-c'er-t	--	s-c'er-t
3P.SUJ	m-c'er-en	g-c'er-en	s-c'er-en	gv-c'er-en	g-c'er-en	s-c'er-en

3 Quando o sujeito é de primeira pessoa e o objeto é de segunda pessoa, as marcas **v-** e **g-** “disputam” o mesmo slot. Nesses casos é a marca **g-** que ocorre, em detrimento de **v-**. Isso pode ser visto nos paradigmas em (1.7) e (1.8).

4 Ver nota 3

				en		
--	--	--	--	-----------	--	--

(1.9) **Verbos da segunda classe no presente do indicativo:***igheb (X abre)*

1S.SUJ	v-igheb
2S.SUJ	igheb
3S.SUJ	igheb- a
1P.SUJ	v-igheb-t
2P.SUJ	igheb- t
3P.SUJ	igheb- ian

(1.10) **Verbos da terceira classe no presente do indicativo:***mushaob (X trabalha)*

1S.SUJ	v-mushaob
2S.SUJ	mushaob
3S.SUJ	mushaob- s
1P.SUJ	v-mushaob-t
2P.SUJ	mushaob- t
3P.SUJ	mushaob- en

No entanto, com os verbos da Classe IV, como já mencionado, há uma inversão: como o sujeito desses verbos é dativo, as flexões de concordância de objeto é que são, correspondentemente, utilizadas para os sujeitos. Nesse caso, para marcar o objeto, é utilizado – na primeira e segunda pessoas – o verbo “ser” preso ao verbo e, na terceira pessoa, as marcas de sujeito utilizadas em outras classes.

Além de marcas para sujeito e objeto, todos os verbos apresentam uma vogal pré-radical que, como veremos no próximo capítulo, licencia um argumento dativo sem preposição⁵.

(1.11) **Verbos da quarta classe no presente do indicativo:***qvar (X ama Y)*

	1S.OBJ	2S.OBJ	3S.OBJ	1P.OBJ	2P.OBJ	3P.OBJ
1S.SUJ	--	m-iqvar-xar	m-iqvar-s	--	m-iqvar-xart	m-iqvar-s
2S.SUJ	g-iqvar-	--	g-iqvar-s	g-iqvar-	--	g-iqvar-s

⁵Essas vogais pré-radiciais não estão destacadas no paradigma em (1.11). Entretanto, vale informar que no caso específico do verbo *qvar* (amar) as vogais que ocorrem são -i- para sujeitos de primeira e segunda pessoas e -u- para sujeitos de terceira pessoa. Introduziremos essas vogais na próxima seção.

	var			vart		
3S.SUJ	v-uqvar- var	uqvar- xar	uqvar- s	v-uqvar- vart	uqvar- xart	uqvar- s
1P.SUJ	--	gv-iqvar- xar	gv-iqvar-s	--	gv-iqvar- xart	gv-iqvar-s
2P.SUJ	g-iqvar- vart	--	g-iqvar-s	g-iqvar- vart	--	g-iqvar-s
3P.SUJ	v-uqvar- vart	uqvar- xar	uqvar- t	v-uqvar- vart	uqvar- xart	uqvar- t

Na próxima seção apresento dois outros importantes elementos da formação dos verbos em georgiano: as vogais pré-radiciais, que mencionamos logo acima, e os preverbos.

1.2.2. Vogais Pré-Radiciais e Preverbos

O slot -1 da estrutura verbal do georgiano está reservado para o que se chama de Vogal Pré-Radical. Esse slot será ocupado, portanto, por vogais, que são: *-a-*, *-i-*, *-u-* e *-e-*. Essas vogais indicam o que se chama na gramática tradicional de *versão verbal*. As versões, bem como a distribuição dessas vogais, serão explicadas com mais detalhe no próximo capítulo e retomadas em diversos momentos da dissertação, uma vez que nosso tema central é sobre a distribuição da vogal pré-radical *-i-*. No momento vale explicar brevemente o que são as versões verbais e como se distribuem essas vogais em cada versão, uma vez que essas vogais ocorrerão na formação de alguns tempos/modos verbais, apresentados na próxima seção.

As versões podem ser explicadas como propriedades argumentais que se adicionam aos verbos transitivos. Existem quatro versões: a *versão neutra*, a *versão locativa*, a *versão objetiva* e a *versão subjetiva*.

A *versão neutra* ou não é marcada ou é marcada pela vogal pré-radical **-a-** em alguns verbos e não indica nenhuma propriedade argumental além daquilo que supostamente pede o lexema verbal. A *versão locativa*, marcada pela vogal pré-radical **-a-**, indica que o verbo tem um argumento locativo. A *versão objetiva*, quando marcada pela vogal **-u-**, indica que o verbo terá um objeto indireto na terceira pessoa que é beneficiário da ação e, quando marcada pela vogal **-i-**, indica que esse objeto está na primeira ou na segunda pessoa. Por fim, a *versão subjetiva*, que buscamos descrever no decorrer da dissertação, marcada pela vogal **-i-**, tradicionalmente indica que o sujeito possui o objeto direto do verbo. Contudo há outros significados atribuídos à versão subjetiva tais como a reflexividade e a possibilidade de o sujeito ser, ao invés de possuidor, agente e beneficiário da ação.

Além das versões, as vogais pré-radicaís são utilizadas na formação de alguns tempos verbais, na derivação dos verbos de Classe II e para marcar a existência de objetos indiretos nesses verbos. Tudo isso é descrito com mais detalhe no próximo capítulo.

Outro elemento importante para compreender a formação dos tempos/modos verbais do georgiano são os *preverbos*. Os *preverbos* são o elemento mais anterior do verbo georgiano, o prefixo de todos os prefixos, e possuem uma função tradicional de indicar direcionalidade em verbos de movimento:

- (1.12) a. Mi -di-s.
 pvb-ir-3s.
 "Ele vai."
- b. Mo -di-s.
 pvb-ir-3s.
 "Ele vem."
- c. Ts'a-di-s.
 Pvb -ir-3s.
 "Ele vai embora."

Abaixo segue uma lista dos significados tradicionais dos preverbos:

- (1.13) **Significado dos preverbos:**
- | | |
|---------|---------------------|
| a(gh) | - para cima |
| ga(n) | - para fora |
| ga(r)da | - por cima, através |
| da | - em volta |
| mi | - lá |
| she | - dentro |
| cha | - para baixo |
| ts'a | - embora |
| mo | - cá |

Apesar dessa função tradicional, em georgiano moderno os preverbos são utilizados sistematicamente em alguns tempos verbais denotando, provavelmente, perfectividade. Os preverbos ocorrem nos tempos de futuro, aoristo (pretérito perfeito), e nos tempos da Série III.

Apresentados esses dois elementos da estrutura verbal do georgiano, passemos para a apresentação da formação dos tempos/modos verbais da língua na próxima seção.

1.2.3. Formação dos Tempos/Modos

Como dito anteriormente, a gramática tradicional georgiana divide os tempos/modos verbais em três diferentes *Séries*. As diferenças morfológicas entre elas são grandes e, em grande parte, isso se deve aos diferentes sistemas de caso que seguem os verbos em cada série. Nessa seção apresentaremos alguns detalhes acerca da formação dessas *Séries* e de seus respectivos tempos/modos verbais.

1.2.3.1 *Séries I e II*

A Série I de tempos/modos se diferencia das demais por apresentar a combinação Raiz + Tema e o sistema de casos NOM/ACU. O *tema* dos verbos desta Série atua como a vogal temática das línguas românicas: possui função meramente interna à morfologia. Em georgiano os *temas* são: *-eb*, *-av*, *-am*, *-ob*, *-i* e zero. Esses temas são relevantes para a derivação de outros tempos/modos verbais.

Os tempos/modos que fazem parte da série I são o Indicativo Presente, Indicativo Futuro, Condicional, Pretérito Imperfeito, Subjuntivo Presente e o Subjuntivo Futuro. A formação desses tempos se dá mediante a inclusão ou não de um *preverbo* (slot -3), da *marca de passado* (slot 4) e das vogais de tempo/moço inseridas no slot 5. Abaixo seguem alguns exemplos da derivação de tempos na série I:

- (1.14) a. v -gheb-av
 1s3s-raiz-tema
 "eu pinto X" (Indicativo Presente)
- b. **she**-v -gheb-av
 pvb-1s3s-raiz-tema
 "eu pintarei X" (Indicativo Futuro)

- c. v -gheb-av -d -i
1s3s-raiz-tema-psd-vtp
"eu pintava X" (Pretérito Imperfeito)
- d. **she-v** -gheb-av -d -i
pvb-1s3s-raiz-tema-psd-vtp
"eu pintaria X" (Condicional)
- e. V -gheb-av -d -e
1s3s-raiz-tema-psd-vtp
"(se) eu pintasse X" (Subjuntivo Presente)
- f. **she-v** -gheb-av -d -e
pvb-1s3s-raiz-tema-psd-vtp
"(se) eu pintar X" (Subjuntivo. Futuro.)

A série II inclui dois tempos/modos verbais: o Aoristo Indicativo e o Aoristo Subjuntivo, também chamado de Optativo. O Aoristo Indicativo corresponde ao pretérito perfeito do indicativo em português e o Optativo é um tempo/modo que indica possibilidades e hipóteses. Esses tempos/modos são formados a partir do Indicativo Futuro, ou seja, incluem o *preverbo*. Entretanto, os verbos no aoristo não apresentam *tema* e sua vogal de tempo/modo varia dependendo do tipo de aoristo: forte ou fraco. Aoristos são fortes ou fracos dependendo das vogais presentes na raiz. No aoristo indicativo a vogal de tempo/modo pode ser *e* ou *i*, e no aoristo subjuntivo, *o* ou *a*. O sistema de casos em uso na série II é o ERG/ABS, sendo assim, os sujeitos de verbos transitivos e inergativos são ergativos e os objetos são absolutivos. Os dados abaixo ilustram a utilização e formação desses tempos/modos verbais:

- (1.15) a. Me chem-i saxl-i **she-v** -gheb -e.
Eu.ERG meu -ABS casa-ABS pvb-1s3s-pintar-aor
"Eu pintei a minha casa." (Aoristo Indicativo)
- b. Unda chem-i saxl-i **she-v** -gheb -o.
Precisa meu -ABS casa-ABS pvb-1s3s-pintar-opt.

“É preciso que eu pinte a minha casa.” (Optativo)

- (1.16) a. Shen **cha**-icv **-i** palt'o.
 Tu.ERG pvb-vestir-aor casaco.ABS
 “Tu vestiste um casaco.”
- b. Shen unda palt'o **cha**-icv **-a**.
 Tu.ERG precisa casaco.ABS pvb-vestir-opt.
 “É preciso que vistas um casaco.”

No caso do sujeito ser da terceira pessoa, as vogais de tempo/modo são diferentes no aoristo indicativo, normalmente *a* para o singular e, no plural é apagada em detrimento das marcas *-es* (para verbos de classe I e III) e *-nen* (para verbos de classe II). O aoristo subjuntivo marca o sujeito da terceira pessoa do singular com *-s*, sem apagar a vogal de tempo/modo *e*, no plural, com *-n*, também sem apagar a vogal de tempo/modo, ou *-nen*, como no aoristo indicativo, para a classe II. Os dados abaixo mostram os aoristos indicativo/subjuntivo na terceira pessoa:

- (1.17) a. Sakartvelo-s eks-prezident'-ma
 Geórgia -GEN ex -presidente-ERG
 ga -avr cel **-a** gancxadeb-a.
 pvb-divulgar-aor.3s3s anúncio-ABS.
 “O ex-presidente da Geórgia divulgou um anúncio.”
- b. Dghes sakartvelo-s p'rezident'-ma ikneb
 Hoje Geórgia -GEN presidente -ERG talvez
 mi -igh **-o -s** sigel -i.
 pvb-aceitar-opt-3s3s documento-ABS.
 “Talvez o presidente da Geórgia aceite o documento hoje.”
- (1.18) a. P'olicieleb-ma da -mal **-es** nark'ot'ik'eb-i.
 Policiais -ERG pvb-esconder-3p3p drogas -ABS.
 “Os policiais esconderam as drogas.”

- b. P'olicieleb-i da -rch -nen sht'ab -shi.
 Policiais-ABS pvb-permanecer-3p quartel-em
 "Os policiais devem/podem permanecer no quartel."

1.2.3.2. Formação da Série III

Tendo explicado um pouco da formação dos tempos/modos da série I e série II, nossa atenção será dirigida à Série III. A Série III engloba três tempos/modos verbais: o Perfeito, o Mais-que-Perfeito e o Subjuntivo Perfeito ou Terceiro Subjuntivo. Apesar dos nomes tradicionais serem relativos a “perfeito”, o uso desses verbos não está muito relacionado à perfectividade das sentenças. No caso do Perfeito, seu uso é evidencial, ou seja, indica que a ação “parece ter sido realizada”. O Mais-que-Perfeito tem um uso marginal de mais-que-perfeito. No entanto, o principal uso desse tempo/modo é para expressar o passado dos modos subjuntivos, como ilustrado em (1.20) abaixo. E o Subjuntivo Perfeito é de uso completamente marginal no georgiano moderno, estando presente apenas em algumas expressões de desejo. A título de simplificação, não iremos abordar o uso desse tempo/modo. Abaixo seguem exemplos do uso do Perfeito e do Mais-que-Perfeito:

- (1.19) Shen-s da -g -i -c'er -i -a ts'ign-i.
 Tu -DAT pvb-2s-vpr-escrever-prf-3s livro -NOM
 “(Dizem que) tu escreveste um livro.” (Perfeito)

- (1.20) Chem unda chem-i saxl-i she-m -e -gheb -a.
 Eu.DAT precisa meu -NOM casa-NOM pvb-1s-vpr-pintar-mqp.
 “Foi preciso que eu pintasse a minha casa.” (M.Q.Perf.)

Como pode ser observado nos exemplos em (1.19) e (1.20), as formas verbais da Série III são peculiares em termos de concordância verbal e de marcação de caso. Funcionam como os verbos psíquicos (Classe IV), com inversão das marcas de concordância, o sujeito no dativo e o objeto no nominativo. Todas elas se utilizam das marcas da *versão objetiva*: as vogais pré-radiciais *u-* (com o sujeito na terceira-pessoa) e *i-* (com o sujeito nas demais pessoas) ou *e-* (para todas as pessoas). No caso dos verbos de Classe II, inacusativos, não ocorre, na formação das formas da série III, nem a inversão nas marcas de concordância e

nem o uso de vogais pré-radicais. Isso se deve ao caráter de argumento interno do sujeito destes verbos, e à formação dos tempos da série III, para estes verbos, por meio de participios (ver tabela em 1.26 adiante).

A formação das formas da Série III será apresentada inicialmente para os verbos de classe I (transitivos) e para os de Classe III (intransitivos inergativos); os verbos de classe II serão vistos posteriormente. E, com relação aos verbos psíquicos (isto é, os da Classe IV), daremos atenção à sua formação somente na seção seguinte, tanto nos tempos/modos da Série III como nos das demais séries.

A formação do Perfeito dos transitivos e inergativos (Classes I e III) depende do *tema* que a raiz do verbo usa na Série I – isto é, na série que inclui, por exemplo, o Futuro do Indicativo, que utilizaremos abaixo para fins de analogia. Se o temas forem *-av* ou *-am*, o verbo manterá esses temas no Perfeito e marcará a concordância com o objeto na terceira pessoa com *-s*. Além disso, o Perfeito requer o *preverbo*. A formação se dá da seguinte forma:

(1.21)

	Futuro do Indicativo	Perfeito
Eu desenho X	da-v-xat'-av	da-m-i-xat'-av-s
Tu desenhás X	da-xat'-av	da-g-i-xat'-av-s
X desenha Y	da-xat'-av-s	da-u-xat'-av-s
X me desenha	da-m-xat'-av-s	da-v-u-xat'-av-var
Tu me desenha	da-m-xat'-av	da-g-i-xat'-av-xar
Eu te desenho	da-g-xat'-av	da-g-i-xat'-av-var

Verbos que apresentam o tema *-eb* manterão esse tema e também apresentarão a vogal de tempo/modo *-i-* após o tema:

(1.22)

	Futuro do Indicativo	Perfeito
Eu aumento X	ga-v-a-did-eb	ga-m-i-did-eb-i-a
Tu aumentas X	ga-a-did-eb	ga-g-i-did-eb-i-a
X aumenta Y	ga-a-did-eb-s	ga-u-did-eb-i-a
X me aumenta	ga-m-a-did-eb-s	ga-v-u-did-eb-i-var
Tu me aumentas	ga-m-a-did-eb	ga-g-i-did-eb-i-var
Eu te aumento	ga-g-a-did-eb	ga-g-i-did-eb-i-xar

Verbos que na Série I apresentam os demais temas (*-ob, -om, etc.*) não terão esses temas realizados no Perfeito. Assim como nos verbos de tema *-eb* (cf. 1.22) vogal de tempo/modo *-i-* também ocorre:

(1.23)

	Futuro do Indicativo	Perfeito
Eu esquento X	ga-v-tb-ob	ga-m-i-tb-i-a
Tu esquentas X	ga-tb-ob	ga-g-i-tb-i-a
X esquenta Y	ga-tb-ob-s	ga-u-tb-i-a
X me esquenta	ga-m-tb-ob-s	ga-v-u-tb-i-var
Tu me esquentas	ga-m-tb-ob	ga-g-i-tb-i-var
Eu te esquento	ga-g-tb-ob	ga-g-i-tb-i-xar

No Mais-que-Perfeito, não se usa a cópula para marcar objetos de primeira e segunda pessoas. A vogal de tempo é *-e* para a primeira e segundas pessoas e, para a terceira pessoa é *-a* ou *-o*, a vogal pré-radical é *-e* para todas as pessoas. Verbos com o tema em *-eb* mantêm esse tema com um aumento *-in* (portanto, *-eb-in*). Os demais temas não ocorrem:

(1.24)

	Perfeito	Mais-que-Perfeito
Eu desenho X	da-m-i-xat'-av-s	da-m-e-xat'-a
Tu desenhavas X	da-g-i-xat'-av-s	da-g-e-xat'-a
X desenha Y	da-u-xat'-av-s	da-e-xat'-a
X me desenha	da-v-u-xat'-av-var	da-v-e-xat'-e
Tu me desenha	da-g-i-xat'-av-var	da-g-e-xat'-e
Eu te desenho	da-g-i-xat'-av-xar	da-m-e-xat'-e

(1.25)

	Perfeito	Mais-que-Perfeito
Eu aumento X	ga-m-i-did-eb-i-a	ga-m-e-did-eb-in-a
Tu aumentas X	ga-g-i-did-eb-i-a	ga-g-e-did-eb-in-a
X aumenta Y	ga-u-did-eb-i-a	ga-e-did-eb-in-a
X me aumenta	ga-v-u-did-eb-i-var	ga-v-e-did-eb-in-e
Tu me aumentas	ga-g-i-did-eb-i-var	ga-g-e-did-eb-in-e
Eu te aumento	ga-g-i-did-eb-i-xar	ga-m-e-did-eb-in-e

Verbos da Classe II, inacusativos, utilizam-se de outra estratégia para a formação dos tempos/modos da Série III. Ao invés do complexo raiz, preverbo e tema, utiliza-se o particípio passado, que não apresenta formação regular e previsível. A junção desse particípio à cópula no presente do indicativo resulta no Perfeito e a junção à cópula no aoristo, no Mais-que-Perfeito. Por serem verbos intransitivos, não há concordância com objetos:

(1.26)

	Perfeito	Mais-que-Perfeito
Tu nasce	dabadebul-xar	dabadebul-iqavi
Ele nasce	dabadebul-a	dabadebul-iqo
Eles nascem	dabadebul-an	dabadebul-iqvnen

Na seção seguinte exploraremos a formação dos tempos em verbos da Classe IV. Deixamos os verbos de Classe IV em seção separada por conta de apresentarem um comportamento sintático e morfológico bastante peculiar.

1.2.3.3. Formas dos Verbos da Classe IV

A Classe IV de verbos, que engloba os verbos psíquicos e estativos, é bastante semelhante à forma dos verbos da Classe I na Série III (Perfeito, Mais-que-Perfeito e Subjuntivo Perfeito) no que diz respeito à concordância e à distribuição dos casos. Além disso, os verbos dessa classe utilizam-se de vogais pré-radicaux correspondendo, geralmente, às marcas da versão objetiva ou locativa. Cabe dizer também que grande parte dos verbos da Classe IV são defectivos, ou seja, não apresentam realizações em uma ou outra (sub-)série de tempos/modos. O verbo prototípico de classe IV, *siqvaruli* (amar), por exemplo, não se realiza na Série II.

Voltando à Classe IV, vejamos a formação do indicativo presente, do subjuntivo presente e do pretérito imperfeito:

(1.27)

	Indic. Presente	Subj. Presente	Pretérito Imperf.
Eu amo X	m-i-qvar-s	m-i-qvar-d-e-s	m-i-qvar-d-a

Tu amas X	g-i-qvar-s	g-i-qvar-d-e-s	g-i-qvar-d-a
X ama Y	u-qvar-s	u-qvar-d-e-s	u-qvar-d-a
X me ama	v-u-qvar-var	v-u-qvar-d-e	v-u-qvar-d-i
Tu me amas	g-i-qvar-var	g-i-qvar-d-e	g-i-qvar-d-i
Eu te amo	m-i-qvar-xar	m-i-qvar-d-e	m-i-qvar-d-i

Os exemplos acima mostram que a formação do Subj. Presente e do Pretérito Imperfeito para a Classe IV é semelhante à formação para as demais classes; a diferença está basicamente na inversão das marcas de concordância e no uso das marcas de **versão objetiva**. Diferentemente do indicativo presente, nos demais tempos/modos da Série I não há o uso da cópula para marcar objeto.

No caso do Indicativo Futuro, utiliza-se a vogal pré-radical **-e** invariavelmente para todas as pessoas e o tema **-eb** é inserido em detrimento de qualquer outro. Como no caso da raiz *qvar* o tema é zero, o futuro é formado apenas por inserir **-eb** após a raiz e utilizar a vogal pré-radical **-e**. Além disso, os sufixos de concordância seguem o padrão **-i** para a primeira e segunda pessoas e **-a** para a terceira pessoa. As formas derivadas do Indicativo Futuro (Subjuntivo Futuro e Condicional) seguem conforme as derivadas do Indicativo Presente: a inserção de **-(o)d-** e, no caso do subjuntivo, da vogal de tempo/modo **-e**.

(1.28)

	Indic. Futuro	Subj. Futuro	Condicional
Eu amo X	m-e-qvar-eb-a	m-e-qvar-eb-od-e-s	m-e-qvar-eb-od-a
Tu amas X	g-e-qvar-eb-a	g-e-qvar-eb-od-e-s	g-e-qvar-eb-od-a
X ama Y	e-qvar-eb-a	e-qvar-eb-od-e-s	e-qvar-eb-od-a
X me ama	v-e-qvar-eb-i	v-e-qvar-eb-od-e	v-e-qvar-eb-od-i
Tu me amas	g-e-qvar-eb-i	g-e-qvar-eb-od-e	g-e-qvar-eb-od-i
Eu te amo	m-e-qvar-eb-i	m-e-qvar-eb-od-e	m-e-qvar-eb-od-i

Como já mencionado, muitos dos verbos da classe IV são defectivos; esse é o caso do verbo *qvar*, que está sendo utilizado para ilustrar os paradigmas flexionais. O verbo não ocorre na Série II. Sendo assim, para ilustrar a série II, utilizamos o verbo *ndom* (querer).

(1.29)

	Indic. Futuro	Aoristo Indic.	Aoristo Subj.
Eu quero X	m-e-ndom-eb-a	m-e-ndom-a	m-e-ndom-o-s

Tu queres X	g-e-ndom-eb-a	g-e-ndom-a	g-e-ndom-o-s
X quer Y	e-ndom-eb-a	e-ndom-a	e-ndom-o-s
X me quer	v-e-ndom-eb-i	v-e-ndom-i	v-e-ndom-o
Tu me queres	g-e-ndom-eb-i	g-e-ndom-i	g-e-ndom-o
Eu te quero	m-e-ndom-eb-i	m-e-ndom-i	m-e-ndom-o

Os exemplos acima mostram que a formação da Série II é feita a partir do apagamento do tema do indicativo futuro. No caso da Série III a formação se dá tomando por radical um tipo de nominalização do verbo denominada *masdar*⁶. A título de menção, essa formação coincide com a de verbos da Classe II (inacusativos) que possuem objetos indiretos, aos quais não nos referimos anteriormente. Abaixo apresentamos o paradigma da Série III para os verbos da classe IV:

(1.30)

	Perfeito	Mais-que-perfeito
Eu amo X	m-qvareb-i-a	m-qvareb-od-a
Tu amas X	g-qvareb-i-a	g-qvareb-od-a
X ama Y	qvareb-i-a	qvareb-od-a
X me ama	v-qvareb-i-var	v-qvareb-od-i
Tu me amas	g-qvareb-i-var	g-qvareb-od-i
Eu te amo	m-qvareb-i-xar	m-qvareb-od-i

1.3. Síntese

Nesse capítulo apresentamos uma série de conceitos e aspectos acerca da gramática do georgiano. De todo esse conteúdo, é essencial termos em conta os seguintes fatos para a leitura do restante da presente dissertação:

- Os tempos/modos verbais dividem-se em três **Séries**: Série I, do Presente/Futuro; Série II, do Aoristo e Série III, do Perfeito.
- Os verbos dividem-se em três **Classes**: Classe I, de verbos transitivos; Classe II, de

⁶ *Masdar* é um termo também encontrado na tradição gramatical do árabe, e refere-se à forma mais simples de nominalização do verbo. Em português o *masdar* seria a substantivação de infinitivos: “o fazer”, “o aprender”, etc. O *masdar* dos verbos georgianos normalmente é formado com a raiz seguida do tema, e a vogal -a- para marcar caso nominativo. Além disso, é possível que o *masdar* ocorra com um preverbo, indicando algum tipo de perfectividade: **k'et-eb-a** (o “estar fazendo”) vs. **ga-k'et-eb-a** (o fazer).

verbos intransitivos inacusativos (anticausativos/passivos/médios⁷); Classe III, de verbos intransitivos inergativos (normalmente denotando *atividades*) e a Classe IV, de verbos psíquicos.

- Os casos Nominativo (NOM) e Absolutivo (ABS) são marcados pela mesma desinência: -i. Assim também ocorre com os casos Dativo (DAT) e Acusativo (ACU): -s.
- Sentenças com verbos na Série II seguem o sistema de casos Ergativo-Absolutivo. Nas demais Séries o sistema de caso é Nominativo-Acusativo. Entretanto, na Série III, há uma inversão no sistema de casos e o sujeito das sentenças é Dativo enquanto seu objeto é Nominativo. A mesma inversão se verifica em verbos de Classe IV em todas as Séries de tempo/modo. O quadro abaixo ilustra a distribuição dos casos na língua:

(1.31) a. Série I

	Classe I	Classe II	Classe III	Classe IV
Sujeito	NOM	NOM	NOM	DAT
Obj. Direto	ACU	--	--	NOM

b. Série II

	Classe I	Classe II	Classe III	Classe IV
Sujeito	ERG	ABS	ERG	DAT
Obj. Direto	ABS	--	--	NOM

c. Série III

	Classe I	Classe II	Classe III	Classe IV
Sujeito	DAT	DAT	DAT	DAT
Obj. Direto	NOM	--	--	NOM

- Preverbos tradicionalmente marcam direcionalidade em verbos de movimento, mas são sistematicamente utilizados para marcar **perfectividade** nos tempos/modos verbais.

No próximo capítulo descreveremos a distribuição das vogais pré-radicaís do georgiano, tendo como consequência uma explicação mais detalhada acerca das versões

⁷ No capítulo seguinte examinaremos com mais detalhe a classe II e explicaremos seu uso em construções passivas, anticausativas e médias.

verbais, bem como a descrição dos processos de formação dos verbos de Classe II e marcação de objetos indiretos. Essa descrição já não tem mais apenas o intuito de apresentar o leitor à gramática do georgiano, mas sim de apresentar uma sistematização da distribuição das vogais pré-radicaís não realizada pela gramática tradicional.

CAPÍTULO II

AS VERSÕES VERBAIS

E AS VOGAIS PRÉ-RADICAIS

No capítulo anterior foram apresentados alguns aspectos importantes da gramática do georgiano, principalmente com relação ao funcionamento dos verbos: sua estrutura e a formação de seus tempos/modos. O presente capítulo dedica-se a apresentar com detalhe as vogais pré-radicaais, com especial destaque à vogal *-i-*, com a qual lidaremos pelo resto da dissertação.

Até o momento sabe-se que essas vogais são responsáveis pelo que se chama tradicionalmente de *versão verbal*, pela marcação de verbos de Classe II e pela marcação de tempo/aspecto em verbos de Classe III e IV. Aqui detalhamos essas “funções” das vogais pré-radicaais e buscaremos mostrar as relações que seus usos apresentam entre si, uma vez que pela gramática tradicional do georgiano, as vogais pré-radicaais são tratadas como elementos independentes: enquanto marcas de *versão*, de Classe II ou de tempo/aspecto (cf. SHANIDZE, 1973; ARONSON, 1990 e HEWITT, 1996).

O capítulo divide-se da seguinte forma: primeiramente, na seção 2.1 apresentamos o conceito de *versão verbal* e como as vogais pré-radicaais marcam cada versão. Feito isso, na seção 2.2 partimos para o estudo da formação de verbos de Classe II, onde examinaremos o comportamento das vogais pré-radicaais na formação dessa classe verbal. Após essa parte em que seguimos a organização da gramática tradicional, na seção 2.3 buscamos fenômenos em comum entre os contextos de ocorrência das vogais pré-radicaais em versões verbais, marcação de Classe II e de tempo/aspecto em verbos de Classe III e Classe IV.

Com essa primeira sistematização, preparamos o debate acerca do sincretismo da vogal *-i-*, tópico central da dissertação: quais são seus contextos de ocorrência e com o que lidaríamos na tentativa de buscar uma causa única para a inserção do mesmo morfema em todos os seus contextos de ocorrência. Esse debate será realizado posteriormente, no capítulo seguinte.

2.1. As vogais pré-radicais: Conceito de Versão Verbal

É comum nas línguas que alguns verbos permitam a inserção de argumentos preposicionados, mudando propriedades do significado da sentença, como se observa abaixo:

- (2.1) a. Ricardo escreveu uma carta.
 b. Ricardo escreveu uma carta para a prefeitura.
 c. Ricardo escreveu uma carta naquele papel.
 d. Ricardo escreveu um bilhete para si próprio.
 e. Ricardo escreveu uma carta pela prefeitura.

Em georgiano, um verbo pode licenciar argumentos “extras” através do recurso que se chama de “versão”. Em georgiano, diria-se que a sentença em (2.1a) encontra-se na versão denominada pela tradição gramatical georgiana de *neutra*. Assim também ocorreria com a sentença em (2.1b), onde há um argumento dativo comum⁸, que expressa o papel semântico de “recipiente”. A versão *neutra* é a versão zero na qual os argumentos do verbo ou são licenciados pela semântica/grade temática do verbo (em georgiano, *escrever*, por exemplo tem um argumento *tema* obrigatório e um *recipiente* opcional), ou por posposição.

As demais sentenças poderiam ser expressas em georgiano de duas formas: (i) diretamente, com o uso de posposição diante do argumento “extra” que é a forma menos comum; e (ii) com o uso de vogal pré-radical e com o argumento “extra” marcado com DAT. Nesse último caso, em que usamos vogais pré-radicais para licenciar o argumento “extra”, a versão deixa de ser *neutra*: a sentença em (c), por apresentar um argumento locativo, estaria na versão *locativa*; a sentença em (d), por apresentar um objeto indireto referente ao sujeito, estaria na versão *subjativa*; por fim, a sentença em (e), por apresentar um objeto indireto beneficiário, estaria na versão *objetiva*.

Para ilustrar, as sentenças em (2.1) estão traduzidas abaixo. Em (2.2) e (2.3), as sentenças necessariamente estão na versão *neutra*. Em (2.4-2.6), as sentenças em (a) encontram-se na versão neutra com um argumento “extra” licenciado por posposição e em (b) encontram-se nas versões *locativa*, *subjativa* e *objetiva*, respectivamente.

⁸ Nas línguas com marcação morfológica de caso, o dativo normalmente marca objetos indiretos de verbos do tipo “dar”. Ou seja, objetos indiretos que se referem à entidade que recebe o objeto direto. A esse uso do dativo damos o nome de dativo comum, uma vez que esse uso não costuma requerer outra marcação além da do próprio dativo nas línguas.

- (2.2) Rik'ardo-m ts'eril-i da -ts'er -a.
 Ricardo -ERG carta -ABS pvb-escrever-aor.3s
 "Ricardo escreveu uma carta."
- (2.3) Rik'ardo-m ts'eril-i da -s -ts'er -a
 Ricardo -ERG carta -ABS pvb-3s-escrever-aor.3s
 kalak -is sabch'o -s.
 cidade-GEN conselho-DAT
 "Ricardo escreveu uma carta para a prefeitura."
- (2.4) a. Rik'ardo-m ts'eril-i imi -s kaghald-**ze**
 Ricardo -ERG carta -ABS aquele-DAT papel -**DAT.em**
 da -ts'er -a.
 pvb-escrever-aor.3s
- b. Rik'ardo-m ts'eril-i imi -s kaghald -s
 Ricardo -ERG carta -ABS aquele-DAT papel -DAT
 da -**a** -ts'er -a.
 pvb-**vpr**-escrever-aor.3s
 "Ricardo escreveu uma carta naquele papel."
- (2.5) a. Rik'ardo-m ts'eril-i tavisi-s tav -**is -tvis**
 Ricardo -ERG carta -ABS poss -DAT reflx-**GEN-para**
 da -ts'er -a.
 pvb-escrever-aor.3s
- b. Rik'ardo-m ts'eril-i da -**i** -ts'er -a.
 Ricardo -ERG carta -ABS pvb-**vpr**-escrever-aor.3s
 "Ricardo escreveu um bilhete para si próprio."
- (2.6) a. Rik'ardo-m ts'eril-i da -ts'er -a
 Ricardo -ERG carta -ABS pvb-escrever-aor.3s
 kalak -is sabch'o -s -**tvis**.

cidade-GEN conselho-GEN-**por**.

- b. Rik'ardo-m ts'eril-i kalak -is sabch'o -s
 Ricardo -ERG carta -ABS cidade-GEN conselho-DAT
 da -u -ts'er -a.
 pvb-**vpr**-escrever-aor.3s
 "Ricardo escreveu uma carta pela prefeitura."

A seguir serão apresentadas as vogais responsáveis por marcar cada versão verbal do georgiano. Feito isso, partiremos para as construções reflexivas desta língua, que se utilizam da *versão subjetiva*.

2.1.1. Marcação das Versões por Vogais Pré-Radicais

As vogais que marcam as versões verbais são as seguintes:

- (2.7) -a- : versão locativa.
 -i- : versão subjetiva;
 versão objetiva com arg. extra na 1^a e 2^a pessoa.
 -u- : versão objetiva com arg. extra na 3^a pessoa.

Tendo em conta que algumas raízes ocorrem diante da vogal -a- indicando versão *neutra* e outras não, no caso da versão *locativa*, a vogal -a- ocorre em todos os verbos:

- (2.8) a. Lok'ok'ina-s v -xat -av kaghald-ze.
 Caramujo -ACU 1s-desenhar-tema papel -DAT.sobre.
 "Estou desenhando um caramujo no papel."
- b.*Lok'ok'ina-s kaghald-s v -xat -av.
 Caramujo -ACU papel -DAT 1s-desenhar-tema.
- c. Lok'ok'ina-s kaghald-s v -**a** -xat -av.
 Caramujo -ACU papel -DAT 1s-**vloc**-desenhar-tema.
 "Estou desenhando um caramujo no papel."

No caso da versão objetiva, utilizam-se duas vogais pré-radicais, *-u-* para quando o objeto indireto está na terceira pessoa e *-i-* para quando está na primeira e segunda pessoas, diferindo da versão subjetiva, em que a marca é *-i-* para todas as pessoas. A versão objetiva caracteriza-se pela presença de um argumento extra interpretado como beneficiário da ação, e nunca como alvo/recipiente. Logo, o predicado 'enviar uma carta para X' não está na versão objetiva, diferentemente de 'enviar uma carta para X por/em prol de Y':

(2.9) a. Ts'eril-i gamo-g **-u** -gzavn -e Mariam-s.
 Carta -ABS pvb -2s-**vobj**-enviar-aor Maria -DAT.
 "Eu enviei uma carta para ti em prol da Maria."

b. Ts'eril-i Mariam-s gamo-v **-i** -gzavn -e shen.
 Carta -ABS Maria -DAT pvb -1s-**vobj**-enviar-aor tu.DAT
 "Eu enviei uma carta para a Maria por ti."

Os usos da versão subjetiva serão abordados com maior detalhe a seguir, juntamente com a formação de construções reflexivas, que dependem da marcação de versão subjetiva na maior parte dos casos.

2.1.2. A versão subjetiva e as construções reflexivas.

Para a gramática tradicional do georgiano uma sentença está na *versão subjetiva* quando o resultado da ação sobre o objeto tem repercussão no sujeito. Isso inclui, portanto, construções com algum tipo de reflexividade entre sujeito e um dos objetos (direto ou indireto). Exemplos de uso da *versão subjetiva* são:

(2.10) a. Prezident'-is chamosvla-ma mi **-i** -p'qr -o
 Presidente-GEN chegada -erg pvb-**vsub**-tomar-aor.3s
 sazogadoebriob-is quradgheb-a
 público -GEN atenção -ABS
 "A chegada do presidente chamou (para si) a atenção
 do público."

b. Shen sadil -s i -mzad -eb.
 Tu.NOM jantar-ACU **vsub**-preparar-tema
 "Tu preparas o jantar para ti próprio"

De acordo com AMIRIDZE (2006), sentenças como em (2.10) podem ser consideradas reflexivas do tipo Sujeito-Objeto Indireto, embora não haja um objeto indireto expresso em termos sintagmáticos. Mas, é fato que a leitura das sentenças em (2.10) é sinônima à das que se seguem abaixo, sem o uso da vogal pré-radical *-i-* e com objeto indireto expresso por pronome e posposição:

(2.11) a. Prezident'-is chamosvla-ma mi -i -p'qr -o
 Presidente-GEN chegada -ERG pvb-vsub-tomar-aor.3s
m -is -tvis sazogadoebriob-is quradgheb-a
ele-GEN-para público -GEN atenção -ABS
 "A chegada do presidente chamou (para si) a atenção do público."

b. Shen sadil -s a -mzad -eb **shen-is -tvis**.
 Tu.NOM jantar-ACU vneu-preparar-tema tu -GEN-para
 "Tu preparas o jantar para ti próprio"

Outra leitura possível para as construções com a vogal pré-radical *-i-* como as em (2.10) é a de posse, conforme se mostra abaixo:

(2.12) Saxl-s she-v **-i** -gheb -av.
 Casa-ACU pvb-ls-**vsub**-pintar-tema.
 "Eu pintarei a minha casa."
 ou
 "Eu pintarei a casa para mim."

Tendo essa primeira noção acerca da versão subjetiva, cabe examinarmos as estratégias de reflexivização em georgiano. O primeiro a se ter em conta com relação às construções reflexivas na língua é que a anáfora *tav* usada em georgiano é um substantivo que significa "cabeça". Esse tipo de anáfora reflexiva não é incomum nas línguas, ocorrendo por

exemplo em Ibibio e no crioulo caboverdeano (Cf. HEINE, 1999, SCHLADT, 1999). Apesar dessa característica de anáfora reflexiva, *tav* por si só não é capaz de reflexivizar um predicado. Construções reflexivas que expressam co-referência de sujeito e objeto direto, em georgiano, requerem ou o uso da vogal *-i-*, ou o uso de um pronome possessivo, ambos em conjunto com a anáfora *tav*, para serem consideradas construções gramaticais. Os dados abaixo ilustram isso:

- (2.13) a. *Shen shen-s g -gheb -av.
 Tu tu -ACU 2s-pintar-tema.
 "Tu estás te pintando."
- b. Shen **tav -s i** -gheb -av.
 Tu **reflx-ACU vsub**-pintar-tema.
 "Tu estás te pintando."
- c. Shen **shen -s tav -s** gheb -av.
 Tu **poss.2s-ACU reflx-ACU** pintar-tema.
 "Tu estás te pintando."
- d. Shen **shen -s tav -s i** -gheb -av.
 Tu **poss.2s-ACU reflx-ACU vsub**-pintar-tema.
 "Tu estás te pintando."

Já as construções reflexivas que expressam co-referência de sujeito e objeto indireto, como as nos dados em (2.10) e (2.11), não admitem o uso do anafórico reflexivo *tav*, como mostrado abaixo; portanto (2.10)-(2.11) versus (2.14) abaixo revelam um caso da conhecida distribuição complementar entre pronomes e reflexivos:

- (2.14) a. *Shen sadil -s i -mzad -eb **shen -s**
 Tu.NOM jantar-ACU **vobj**-preparar-tema poss.2s-DAT
tav -s
reflx-DAT
 "Tu preparas o jantar para ti próprio."

b.*Is sadil -s u -mzad -eb -s
 Ele.NOM jantar-ACU **vobj**-preparar-tema-3s3s
tavis -as tav -s
poss3s-DAT reflex-DAT
 "Ele prepara o jantar para si próprio."

A marca *-i-* presente na versão subjetiva parece ter um papel crucial para a formação de construções reflexivas. Na seção seguinte serão vistos os verbos da classe II, inacusativos, que podem ser derivados de verbos transitivos também com o uso produtivo da vogal pré-radical *-i-*. Esta vogal parece ser a mesma que marca a versão subjetiva (construções reflexivas) porque há relação semântica entre os dois tipos de construção.

2.2. Derivação dos verbos da Classe II

Como já dito anteriormente, a Classe II de verbos é constituída por aqueles verbos intransitivos denominados “inacusativos” por várias teorias linguísticas correntes. O sujeito desses verbos é sempre absolutivo⁹ no sistema de casos ERG/ABS – por exemplo, no aoristo indicativo ou subjuntivo –, contrastando com sujeitos de verbos transitivos (Classe I) ou inergativos (Classe III), que tomam o caso ergativo nessas condições. Esse fato pode ser utilizado como um teste básico para determinar a inacusatividade de um verbo em georgiano. Os dados abaixo ilustram o teste: em (2.15) alterna-se um verbo de Classe II no presente (2.15a) e em no aoristo (2.15b,c), em que o sistema de casos é ERG/ABS. Em (2.16) e (2.17) faz-se a mesma alternância com verbos de Classe I (transitivos) e Classe III (inergativos), para mostrar o contraste de gramaticalidade no uso do caso ergativo e do caso absolutivo no sujeito.

(2.15) a. Kaghald-**i** i -ch'r -eb -a.
 Papel **-NOM** vpr-cortar-tema-3s.
 "O papel se rasga."

⁹ Conforme dito no primeiro capítulo, os casos Nominativo e Absolutivo em Georgiano compartilham a mesma marcação morfológica *-i*. Portanto, nos tempos/modos da **Série II**, em que o sistema de casos é Ergativo-Absolutivo, a marca de caso *-i* sempre indica **Absolutivo**.

A marca de caso *-s* também é compartilhada por dois casos: **Acusativo** e **Dativo**. Vide nota 2 no Capítulo I para maiores esclarecimentos.

b. Kaghald-**i** da -i -ch'r -a.
 Papel **-ABS** pvb-vpr-cortar-aor.3s.
 "O papel se rasgou."

c.*Kaghald-**ma** da -i -ch'r -a.
 Papel **-ERG** pvb-vpr-cortar-aor.3s.
 "O papel se rasgou."

(2.16) a. Kal **-i** ch'r -s kaghald-**s**.
 Mulher-**NOM** cortar-3s papel **-ACU**.
 "A mulher corta o papel."

b.*Kal **-i** da -ch'r -a kaghald-**s**.
 Mulher-**ABS** pvb-cortar-aor.3s papel **-ACU**.
 "A mulher cortou o papel"

c. Kal **-ma** da -ch'r -a kaghald-**i**.
 Mulher-**ERG** pvb-cortar-aor.3s papel **-ABS**.
 "A mulher cortou o papel"

(2.17) a. Kal **-i** musha -ob -s.
 Mulher-**NOM** trabalhar-tema-3s.
 "A mulher está trabalhando."

b.*Kal **-i** i -musha -a.
 Mulher-**ABS** vpr-trabalhar-aor.3s.
 "A mulher trabalhou."

c. Kal **-ma** i -musha -a.
 Mulher-**ERG** vpr-trabalhar-aor.3s.
 "A mulher trabalhou."

Como se observa, no sistema de casos ERG/ABS (2.15b,c; 2.16b,c; 2.17b,c.) os

sujeitos dos verbos transitivos e inergativos não recebem o caso absoluto (2.16b; 2.17b), ao contrário dos verbos de Classe II (inacusativos) (2.15b).

A interpretação dos verbos da Classe II pode ser também “média”, ou seja, a de que o sujeito tem capacidade de sofrer a ação verbal, por exemplo em: “Essa porta abre, a outra, não.” A leitura média das sentenças em georgiano será indicada conforme a conveniência.

Os verbos de Classe II são divididos pela gramática tradicional em três subclasses: (i) prefixais, que apresentam a vogal pré-radical *-i-*, (ii) sufixais, que apresentam o morfema *-d-* entre a raiz e o tema e (iii) os verbos sem nenhum afixo marcando que são da Classe II. Além disso, todos os verbos dessa Classe apresentam o tema *-eb* nos tempos/modos que exigem a ocorrência de tempo verbal (Série I, por exemplo).

Outra característica importante dos verbos da Classe II é a de que, como se observa nos exemplos em (2.15) e (2.16) acima, possuem contrapartes na Classe I. Isso significa que as marcas morfológicas que caracterizam a Classe II podem ser compreendidas como marcas derivacionais – em particular, podem ser vistas como estratégias de mudança de valência verbal (alternância causativo-incoativa), como a relação entre (1.44) e (1.43) ilustra.

Primeiramente veremos a formação dos verbos da Classe II que pertencem à subclasse dos verbos prefixais, que são os mais produtivos na língua. Feito isso, trataremos dos sufixais e dos sem marca em conjunto. Embora a gramática tradicional georgiana não tenha essa visão, será mostrado que os verbos sufixais e os verbos sem marca apresentam grandes semelhanças entre si e uma grande diferença com relação aos prefixais.

2.2.1. Uso da vogal pré-radical *-i-*

Como já mencionado no final da seção anterior, um grupo grande de verbos da Classe II apresenta a mesma vogal pré-radical *-i-* que acreditamos ser, conforme veremos no próximo capítulo, a mesma dos verbos da Classe I na versão *subjativa* e na marcação de reflexividade. Os verbos da Classe II que apresentam essa vogal pré-radical *-i-* são denominados “verbos prefixais”; são, na maior parte dos casos, a contraparte anti-causativa de um verbo transitivo – o que caracteriza uma alternância semelhante a conhecida “alternância causativo-incoativa” do português e do inglês (ver RIBEIRO, 2009 e referências lá citadas). Abaixo seguem exemplos dessa alternância em georgiano:

(2.18) a. Shen k'ar -i da -a -gh -e.
Tu.ERG porta-ABS pvb-**vpr**-abrir-aor

"Tu abriste a porta."

b. K'ar -i da -i -gh -a.

Porta-ABS pvb-**vpr**-abrir-aor.3s

"A porta se abriu."

c. Shen magida ga -a -nt -e.

Tu.ERG mesa.ABS pvb-**vpr**-iluminar-aor.

"Tu iluminou a mesa."

d. Magida ga -i -nt -a.

Mesa.ABS pvb-**vpr**-iluminar-aor.3s.

"A mesa ficou clara." (lit. "A mesa iluminou-se.")

Mais do que a formação desses verbos inacusativos prefixais, que é relativamente simples, interessa mostrar que formam uma classe à parte em termos morfológicos se os comparamos com os verbos sufixais e sem marca. Existe uma possibilidade de verbos intransitivos inacusativos apresentarem um argumento obliquo extra, como na sentença '*A porta se abriu para os convidados*'. Em georgiano isso é expresso, somente nos verbos de Classe II prefixais, com a vogal pré-radical -e-.

(2.19) a. K'ar -i da -i -gh -a.

Porta-ABS pvb-**vpr**-abrir-aor.3s.

"A porta se abriu."

b. K'ar -i da -e -gh -a st'umr -eb-s.

Porta-ABS pvb-**vpr**-abrir-aor.3s convidado-pl-DAT.

"A porta se abriu para os convidados."

c. K'ar -i da -i -gh -a st'umr -eb-is-tvis.

Porta-ABS pvb-**vpr**-abrir-aor.3s convidado-pl-EN-para.

"A porta se abriu para os convidados."

Como se observa em (2.19), a vogal pré-radical -e- ocorre na presença de um

argumento extra (2.19b), podendo ser evitada se o objeto indireto for expresso com uma pós-posição (2.19c). A gramática tradicional utiliza-se do termo “verbo de Classe II Absoluto” para se referir aos verbos sem a vogal pré-radical *-e-*, e do termo “verbo de Classe II Relativo” para os verbos com a vogal. Logo, os verbos em (2.19a,c) são absolutos e o verbo em (2.19b) é relativo.

A vogal *-e-* licencia qualquer tipo de argumetno extra, ou seja, em comparação com as vogais que marcam versão verbal (*-a-*, *-i-* e *-u-*), *-e-* é ambíguo, marca tanto versão locativa como objetiva:

- (2.20) a. Ts'eril-i **e** -ts'r -eb -a kaghald-s.
 Carta -NOM **vpr**-escrever-tema-3s papel -DAT.
 “A carta se escreve no papel.”
- b. Ts'eril-i **e** -ts'r -eb -a
 Carta -NOM **vpr**-escrever-tema-3s
 radiosadgur -eb-s.
 estação_de_rádio-pl-DAT.
 “A carta se escreve em prol das estações de rádio.”
- (2.21) a. Vin -me ts'eril-s **a** -ts'er -s
 Quem.NOM-indef carta -ACU **vloc**-escrever-3s
 kaghald-s.
 papel -DAT.
 “Alguém escreve a carta no papel.”
- b. Vin -me ts'eril-s **u** -ts'er -s
 Quem.NOM-indef carta -ACU **vobj**-escrever-3s
 radiosadgur -eb-s.
 estação_de_rádio-pl-DAT.
 “Alguém escreve a carta em prol das estações
 de rádio.”

Conforme veremos a seguir, a vogal *-e-* não ocorre nos verbos *suffixais* e *sem marca*. Nesse caso, as vogais utilizadas são as que se usam nos verbos transitivos: *-a-*, *-i-* e *-u-*.

2.2.2. Outros recursos derivacionais.

Além dos verbos *prefixais* de classe II, formados com a vogal pré-radical *-i-*, há mais dois tipos de verbos da classe II, que possuem maior grau de semelhança morfológica entre si: os verbos *sufixais* e os *sem marca*. O primeiro grupo é constituído por verbos normalmente derivados de nomes e adjetivos. Todos eles apresentam, na contraparte transitiva, a vogal *-a-* de versão neutra e o tema *-eb*, além de uma raiz monossilábica. Esses verbos terão, o sufixo pós-radical *-d-* quando convertidos numa forma da Classe II, conforme ilustram os dados abaixo:

- (2.22) a. did-i *grande*
 a-did-eb-s *X aumenta Y*
 did-**d**-eb-a *Y aumenta*
- b. tetr-i *branco*
 a-tetr-eb-s *X embranquece Y*
 tetr-**d**-eb-a *Y (se) embranquece*
- c. dzvir-i *caro*
 a-dzvir-eb-s *X encarece Y*
 dzvir-**d**-eb-a *Y (se) encarece*

Embora os dados em (2.22) sugiram que apenas verbos de adjetivais ou denominais tenham derivação sufixal para a Classe II, é importante ter em conta que há exemplos não de adjetivais ou denominais:

- (2.23) a. a-shen-eb-s *X constrói Y*
 shen-d-eb-a *Y se constrói*
 *shen-a **construção*
- b. a-k'et-eb-s *X faz Y*
 k'et-d-eb-a *Y se faz*
 *k'et-a **feitura*

Logo, o único critério que realmente determina se um verbo da Classe I será sufixal na Classe II é morfológico, estando sua forma na Classe I de acordo com as três condições: (i) tema em *-eb*; (ii) raiz monossilábica; e (iii) presença da vogal pré-radical *-a-* indicando versão neutra.

A derivação de verbos da Classe II por meio da prefixação de *-i-* ou da sufixação de *-d-* são, de longe, as mais produtivas. Tanto é assim que a gramática tradicional cunhou os termos *iniani* para a derivação com *-i-* e *doniani* para a derivação com *-d-*¹⁰. Entretanto há mais um tipo de verbo na segunda classe, e esse não apresenta nenhuma marca além do tema em *-eb* comum a todos os verbos da Classe II. Eis alguns exemplos:

(2.24) a. Mezobel-i i -shr **-ob** -s palt'o-s.
 Vizinho-NOM vsub-secar-**tema**-3s casaco-ACU.
 "O vizinho está secando para si o/o seu casaco."

b. Mezobel-is palt'o shr **-eb** -a.
 Vizinho-GEN casaco.NOM secar-**tema**-3s.
 "O casaco do vizinho está secando."

(2.25) a. Amind-i saxl-s tb **-ob** -s.
 Tempo-NOM casa-ACU aquecer-**tema**-3s.
 "O tempo está aquecendo a casa."

b. Saxl-i tb **-eb** -a.
 Casa-NOM aquecer-**tema**-3s.
 "A casa está esquentando."

(2.26) a. Isini rch(-)en-en im sk'am -s
 Eles.NOM manter -3p aquele.ACU cadeira-ACU
 saxl-shi.
 casa-DAT.em.
 "Eles mantêm aquela cadeira dentro da casa."

10 Vide ARONSON (1990), para a terminologia da gramática tradicional do georgiano.

- b. Sk'am -i rch **-eb** -a saxl-shi.
 Cadeira-NOM manter-**tema**-3s casa-DAT.em
 "A cadeira permanece dentro da casa."

O que os verbos *sufixais* e os *sem marca* têm em comum e o que os diferencia dos *prefixais* é a forma que tomam na presença de argumentos extras. Diferentemente dos verbos *prefixais*, que contam com a vogal pré-radical *-e-* para marcar todas as versões, os verbos *sufixais* e os *sem marca* utilizam-se das mesmas vogais pré-radicais que ocorrem nos verbos da Classe I: *-a-*, *-u-* e *-i-*, ou seja, comportam-se como os verbos de Classe I com relação a *versões verbais*, conforme ilustrado abaixo:

- (2.27) a. Saxl-eb-i chkara shen -d -eb -ian
 Casa-pl-NOM rapidamente construir-suf-tema-3p
 mch'edshvil-eb-is -tvis.
 mchedshvili-pl-GEN-para.
 "As casas se constroem rapidamente para
 os Mchedshvili."

- b.*Saxl-eb-i chkara **e** -shen -d -eb -ian
 Casa-pl-NOM rapidamente **vpr**-construir-suf-tema-3p
 mch'edshvil-eb-s.
 mchedshvili-pl-DAT.
 "As casas se constroem rapidamente para
 os Mchedshvili."

- c. Saxl-eb-i chkara **u** -shen -d -eb -ian
 Casa-pl-NOM rapidamente **vobj**-construir-suf-tema-3p
 mch'edshvil-eb-s.
 mchedshvili-pl-DAT.
 "As casas se constroem rapidamente para
 os Mchedshvili."

- (2.28) a. T'ansatsmel-eb-i shr -eb -a magida-ze.
 Roupa -pl-NOM secar-tema-3s mesa -sobre.

"As roupas estão secando sobre a mesa."

b. *T'ansatsmel-eb-i **e** -shr -eb -a magida-s.
 Roupa -pl-NOM **vpr**-secar-tema-3s mesa -DAT.
 "As roupas estão secando sobre a mesa."

c. T'ansatsmel-eb-i **a** -shr -eb -a magida-s.
 Roupa -pl-NOM **vloc**-secar-tema-3s mesa -DAT.
 "As roupas estão secando sobre a mesa."

(2.29) Da -gv -neb -d -eb -ian.
 pvb-1p (Obj.In) -render-suf-tema-3p (Suj) .
 "Eles vão se render para nós."

2.3. Mais a fundo nas vogais pré-radicais

Como pôde ser visto no decorrer deste capítulo, as vogais pré-radicais dos verbos em georgiano estão presentes em diversos contextos e ocupando funções aparentemente sem relação uma com a outra. Estão presentes na formação dos verbos nos tempos/modos do Perfeito Indicativo e do Mais-que-perfeito, bem como nos verbos psicológicos e estativos da Classe IV. Além disso essas vogais também marcam a existência de determinados tipos de argumentos oblíquos, sem a necessidade de que sejam introduzidos por preposição, fenômeno denominado *versão verbal* e, por fim, a vogal pré-radical *-i-* que deriva formas intransitivas anti-causativas (Classe II de verbos) a partir de verbos da Classe I, isto é, da classe dos transitivos.

Apesar da grande variedade de contextos e funções que as vogais pré-radicais ocupam de acordo com a gramática tradicional, a análise linguística desses contextos nos permite obter algumas generalizações sobre quais propriedades sintáticas, semânticas ou mesmo morfológicas acarretam na inserção de uma vogal ou outra. Nesta seção, chegaremos às primeiras generalizações acerca do que pode acarretar na inserção de uma ou de outra vogal pré-radical nos verbos do georgiano.

2.3.1. Vogais pré-radicais licenciando argumentos Dativos e marcando Perfectividade.

Quando apresentamos os paradigmas de “conjugação” dos tempos/modos verbais em georgiano anteriormente, mencionamos que os verbos nos tempos/modos do Perfeito (Série III) e os verbos da Classe IV em todos os tempos/modos verbais apresentam as vogais pré-radicaais que marcam a versão objetiva, ou seja, as vogais *-i-* e *-u-*. Também foi mencionado que a ocorrência dessas marcas se deve à presença de um argumento do verbo dativo sem posposição e que, nesse caso, *-i-* ocorre quando tal argumento está na primeira ou segunda pessoas, e *-u-*, quando na terceira. Isso explica a ocorrência dessas vogais tanto nos verbos de Classe IV, Série III, como nos demais verbos na versão objetiva: ambos apresentam um argumento marcado com DAT sem que esse caso seja atribuído por uma posposição:

(2.30) a. Prezident'-s da -u -ts'er -i -a is
 Presidente-DAT pvb-vobj-escrever-perf-3s aquele
 dok'ument'-i.
 documento -NOM.
 “O presidente parece ter assinado aquele documento.”
 (Classe I, Série III - Perfeito)

b. Shen g -i -nd -a rame?
 Tu.DAT 2s-vobj-querer-3s algo.NOM.
 “Queres alguma coisa?”
 (Classe IV, Série I - Indicativo Presente)

(2.31) Prezident'-ma da -u -ts'er -a dok'ument-i
 Presidente-ERG pvb-vobj-escrever-3s documento-ABS
 tbilis -is kalak -is sabch'o -s.
 Tbilisi-GEN cidade-GEN conselho-DAT
 “O presidente escreveu o documento em prol da
 prefeitura de Tbilisi.”
 (Classe I, Série II - Aoristo)

Em alguns verbos de Classe IV as vogais que marcam versão subjetiva não ocorrem. Por outro lado, ocorrem vogais que indicam outras versões verbais (ver 2.32), ou mesmo o zero ou o *-a-* de versão neutra indicando o uso do dativo comum, como no caso do verbo *qav*

(“ter”, objeto animado) e *a-kv* (“ter”, objeto inanimado), ilustrados em (2.33) abaixo, em que semanticamente faz mais sentido que o sujeito seja um “recipiente” do que um “beneficiário”:

(2.32) Chem m -**a** -sxov -xar.
 Eu.DAT 1s-**vloc**-lembrar-cop.2s
 “Eu estou me lembrando de ti.”

(2.33) a. Gogo -s dzaghl -i h -q'av -s.
 Menina-DAT cachorro-NOM 3s(obj.ind)-ter_anim-3s.
 “A menina tem um cachorro.”

b. Gogo -s tojina **a** -kv -s.
 Menina-DAT boneca.NOM **vneu**-ter_inan-3s.
 “A menina tem uma boneca.”

Casos como esses não são comuns na língua, mas mostram que o sujeito é, de algum modo, visto como um objeto indireto da sentença, sugerindo a hipótese de que as vogais *-i-* e *-u-* que ocorrem nesses contextos, bem como nos verbos de Série III, têm a mesma função que as que marcam a versão objetiva dos verbos.

Outro fato também necessita de uma explicação. Os verbos de Classe IV nos tempos/modos futuros e nos aoristos indicativos e subjuntivos assemelham-se a verbos de Classe II relativos (isto é, com argumento oblíquo licenciado pela vogal *-e-*):

(2.34) a. K'ar -i da -**e** -gh -**eb** -a st'umr -eb-s.
 Porta-ABS pvb-**vpr**-abrir-**tema**-3s convidado-pl-DAT.
 “A porta se abre para os convidados.”

b. Gogo -s **e** -ndom -**eb** -a tojina
 Menina-DAT **vpr**-querer-**tema**-3s boneca.NOM
 dabadeb -is dghe-s.
 nascimento-GEN dia -DAT.
 “A menina vai querer uma boneca no aniversário.”

Além disso, é preciso lembrar que a vogal pré-radical também é usada para indicar

tempo/aspecto. Este fato receberá alguma atenção na presente dissertação, uma vez que afeta também a vogal *-i-*, que é usada para marcar futuros e aoristos em verbos inergativos, como se apresenta em (2.35) abaixo:

- (2.35) a. Dghes bavshv -eb-i tamash -ob -s.
 Hoje criança-pl-NOM brincar-tema-3s.
 "As crianças estão brincando hoje."
- b. Xval bavshv -eb-i i -tamash -eb -s.
 Amanhã criança-pl-NOM vpr-brincar-tema-3s
 "As crianças estarão brincando amanhã."

Uma explicação possível está no fato de que o uso de *preverbos* implica numa interpretação de aspecto *perfectivo*¹¹ não desejada para a semântica dos verbos de Classe III ou de Classe IV. Esses verbos parecem carecer de telicidade: verbos de Classe III denotam, em geral *atividades*, e verbos de Classe IV, fenômenos *psíquicos*. Esses eventos não parecem carregar em si um ponto final e, por conta disso, é possível que haja, em georgiano, uma restrição na utilização de marcas de aspecto *perfectivo*, como o preverbo, nesses casos. Essa hipótese será retomada no final da dissertação, no Capítulo V.

No momento cabe a questão: se estão apenas marcando tempo, por que as vogais pré-radiciais são *-e-* para os verbos da Classe IV e *-i-* para os de Classe III? A resposta para isso parece estar relacionada com o fato de que *-e-* é exigido nos verbos de Classe IV para licenciar o sujeito dativo, da mesma forma que licencia os objetos indiretos em verbos de Classe II relativos, como apresentado nos dados em (2.19-2.20).

Em síntese, as vogais *-i-* e *-e-* presentes em verbos de Classe II, podem marcar aspecto perfectivo para verbos atélicos (Classe III e IV). A razão pela qual a gramática da língua se apropria justamente dessas marcas é desconhecida, embora suspeitamos que seja a atelicidade dos verbos de Classe III e IV que os impede de receber marca padrão de perfectividade (preverbos). A diferença entre *-i-* e *-e-* é que *-e-* atua como as vogais de *versão objetiva* (*-u-* e *-i-*) e de *versão locativa* (*-a-*), no que diz respeito a licenciar argumentos no caso Dativo.

2.3.2. O morfema *-i-*

11 Sobre a característica de perfectividade atribuída pelos **preverbos**, ver seção 1.2.2, no Capítulo I.

Como tem sido apontado, a vogal pré-radical *-i-* é sincrética, ocorrendo em diversos contextos; assim, pode ou não ser o caso de que ela indique uma propriedade comum a todos os contextos pertinentes. A possibilidade da vogal *-i-* indicar uma propriedade comum aos vários contextos em que ocorre é uma questão central na presente dissertação e será retomada em diversos momentos. Neste momento, introduzimos a questão com detalhe.

A vogal *-i-* costuma ocorrer em construções reflexivas e anti-causativas, conforme os exemplos abaixo:

(2.36) Zaza-m tav -i da **-i** -xat' -a kaghald-ze.
 Zaza-ERG reflx-ABS pvb-**vpr**-desenhar-3s papel -DAT.sobre
 "Zaza se desenhou num pedaço de papel."

(2.37) Saxl-i **i** -ts'v -eb -a.
 Casa-NOM **vpr**-queimar-tema-3s.
 "A casa está (se) queimando."

Se levada em conta a ocorrência de *-i-* somente nesses contextos, o sincretismo da vogal seria comparável ao do SE nas línguas românicas, conforme afirma NASH (2002). Nesse caso, a ocorrência de *-i-* poderia ser explicada conforme alguma das teorias acerca do chamado ou sincretismo passivo-reflexivo, que vem sendo estudado por diversos autores (EMBICK, 1997, 1998, 2004; ALEXIADOU & ANAGNOSTOPOULOU, 2004; KALLULLI, 2006, 2008; REINHART & SILONI, 2004, 2005; CHIERCHIA, 2004, entre outros). Entretanto, há outros contextos de ocorrência do morfema.

Por um lado, *-i-* marca a dita versão subjetiva, que indica algum tipo de co-indexação entre o sujeito e o resultado do evento indicado pelo verbo: *-i-* está presente em construções onde o sujeito é, ao mesmo tempo, agente e beneficiário da ação (2.38), construções de posse (2.39) e, como apresentado acima, construções reflexivas:

(2.38) Namcxevar-s v **-i** -ch'er.
 Bolo -ACU 1s-**vsub**-cortar.
 "Eu corto para mim (um pedaço do) o bolo."

(2.39) Palt'o-s v **-i** -ch'er.

Casaco-ACU 1s-**vsub**-cortar.

“Eu corto o meu casaco.”

Formalmente as duas construções são idênticas, recebem as mesmas marcas. Isso parece indicar que alguma propriedade contextual ou da semântica do verbo permite a leitura de posse em detrimento da de sujeito beneficiário, ou vice-versa. Em algumas sentenças, sem a devida contextualização, há ambiguidade:

(2.40) Zurab-i otax -s i -gheb -av -s.

Zurab-NOM quarto-ACU **vpr**-pintar-tema-3s.

“Zurab pinta o quarto para si.”

“Zurab pinta o seu quarto.”

Como já mencionado na seção 2.1.2, para AMIRIDZE (2006), construções como as em (2.38) são, na verdade, reflexivizações entre Sujeito e Objeto Indireto. Embora não haja um objeto indireto claramente expresso nesses casos, a interpretação dessas sentenças claramente envolvem uma co-indexação entre o sujeito e um argumento a mais do verbo, que seria o beneficiário da ação. É importante ressaltar que, conforme aponta AMIRIDZE (2002), reflexivizações entre Sujeito e Objeto Indireto com *-i-* não tem outra alternativa de expressão (2.41), diferentemente das reflexivizações entre Sujeito e Objeto Direto, com as quais são válidos tanto o uso de anafórico *tav* junto com morfema *-i-* como o do mesmo *tav* com um pronome possessivo; deste modo, pode-se considerar, sim, a versão subjetiva como sendo uma estratégia – ou melhor, “a” estratégia – de reflexivização entre Sujeito e Objeto Indireto.

(2.41) a. Namcxevar-s v -i -ch'er.

Bolo -ACU 1s-**vsub**-cortar.

“Eu corto para mim (um pedaço do) o bolo.”

b. *Namcxevar-s v -ch'er chem-is -tvis.

Bolo -ACU 1s-cortar eu -GEN-para.

“Eu corto para mim (um pedaço do) o bolo.”

De qualquer forma, como esses usos do morfema envolvem alguma noção de “reflexividade”, poderiam ainda, em tese, ser levados em conta numa análise de sincretismo

não-ativo, como veremos nos próximos capítulos dessa dissertação, em que o sincretismo é discutido em termos de teorias linguísticas propriamente¹². Entretanto, há ocorrências de *-i-* para marcar algum tipo de perfectividade, e, por esse motivo, as teorias que consideraremos não terão condições de explicar o sincretismo de *-i-* em sua extensão completa. O morfema ocorre nos tempos futuros e nos aoristos de verbos de Classe III¹³, como mostramos em (2.35) na seção anterior, e repetimos abaixo:

- (2.42) a. Dghes bavshv -eb-i tamash -ob -s.
 Hoje criança-pl-NOM brincar-tema-3s.
 "As crianças estão brincando hoje."
- b. Xval bavshv -eb-i **i** -tamash -eb -s.
 Amanhã criança-pl-NOM **vpr**-brincar-tema-3s
 "As crianças estarão brincando amanhã."

Diante desses dados alguém se questionaria acerca da possibilidade desse uso do morfema *-i-* estar relacionado aos demais – isto é, aos usos em construções reflexivas e anti-causativas¹⁴. Nesse caso, cabe lembrar que, antes de apresentar os dados em (2.35) ou (2.42), discutimos a presença do morfema *-e-* indicando os mesmos tempos que *-i-*, porém em verbos de Classe IV:

- (2.43) a. K'ar -i da -e -gh -eb -a st'umr -eb-s.
 Porta-ABS pvb-**vpr**-abrir-**tema**-3s convidado-pl-DAT.
 "A porta se abre para os convidados."
- b. Gogo -s **e** -ndom -eb -a tojina
 Menina-DAT **vpr**-querer-**tema**-3s boneca.NOM
 dabadeb -is dghe-s.
 nascimento-GEN dia -DAT.
 "A menina vai querer uma boneca no aniversário."

12 Para adiantar, nos próximos capítulos discutiremos e discordaremos de AMIRIDZE (2006) no que diz respeito a considerar esses usos de *-i-* como um caso de reflexividade.

13 Que são inergativos e se enquadram como *Activities* ou *Atividades* no quadro de Aspectos Lexicais (Aktionsart, cf. VENDLER, 1967).

14 Aos usos de verbos de Classe II em geral, que, dependendo do contexto não necessariamente apresentam leituras anti-causativas, mas também de construções médias e, em alguns casos, passivas.

Em (2.43) repetem-se os exemplos de (2.34). Em (2.43b) há a ocorrência do morfema *-e-* para marcar o futuro de um verbo de classe IV. A mesma vogal está presente em (2.43a), marcando a presença de um argumento “extra” no caso dativo na construção com um verbo anti-causativo. Sem o objeto indireto, o verbo da construção em (2.43a) ocorre com o morfema *-i-*, como é de se esperar no caso de um verbo anti-causativo dessa classe morfológica:

(2.44) K'ar -i da -i -gh -eb -a.
 Porta-NOM pvb-vpr-abrir-tema-3s.
 “A porta (se) abrirá.”

Isso significa que o mesmo *-i-* que marca perfectividade é um *-i-* que se alterna com *-e-* na presença de um argumento no dativo (2.43), identificando-se com o *-i-* de anti-causativos em termos de comportamento morfológico.

2.4. Síntese

Do presente capítulo é importante ressaltar os seguintes fatos:

- A *versão locativa* permite que o argumento do verbo marcado com caso dativo seja interpretado como um argumento LOCATIVO do verbo. Essa versão é marcada com a vogal *-a-*.
- A *versão objetiva* permite que o argumento do verbo marcado com caso dativo seja interpretado como um argumento BENEFICIÁRIO do verbo. Quando esse argumento está na 1ª ou na 2ª pessoas, marca-se a versão com a vogal *-i-*. Quando o argumento está na 3ª pessoa, a vogal *-u-* é utilizada.
- A *versão subjetiva* marca algum tipo de relação entre o sujeito e o resultado do verbo. Com a versão subjetiva podem ocorrer *construções de posse* e *construções reflexivas*. A versão subjetiva é marcada pela vogal *-i-*.
- Verbos de Classe II podem ser de três tipos: *prefixais*, *suffixais* e *sem marca*. Os verbos *prefixais* são formados com a vogal pré-radical *-i-*. Além disso, na presença de um argumento “extra”, são marcados pela vogal pré-radical *-e-*, diferentemente dos verbos *suffixais* e *sem marca*, que seguem o sistema de versões verbais dos verbos de classe I.

Após observação dos contextos de ocorrência dessas vogais, foi possível sistematizá-las da seguinte forma:

- Algumas vogais pré-radicaais parecem licenciar argumentos no caso Dativo que não possuem papel semântico de Recipiente – que seria o *default* para esse caso. Sendo assim, além de ocorrerem nas denominadas *versões verbais*, as vogais pré-radicaais podem licenciar os sujeitos dativos de verbos de Classe IV, bem como nas construções nos tempos de Série III (perfeito, mais-que-Perfeito, e terceiro subjuntivo).
- Por outro lado, acredita-se que a vogal -i- presente na versão subjetiva seja a mesma presente em verbos de Classe II, por afinidade *semântica* de seus contextos de ocorrência.
- Além disso, a vogal -i- dos verbos de Classe II (bem como sua contraparte licenciadora de argumentos dativos, -e-) comporta-se da mesma forma que as vogais -i- e -e- de verbos de Classe III e IV, respectivamente, que ocorrem no futuro e aoristo. Nesse caso, por afinidade *morfológica*, é possível dizer que sejam as mesmas vogais em ambos os contextos.

Esses dois últimos itens configuram o sincretismo da vogal pré-radical -i-, que investigaremos no restante da presente dissertação. No próximo capítulo discutiremos a hipótese de que o sincretismo de -i- possa se enquadrar no que se chama de sincretismo Passivo-Reflexivo.

CAPÍTULO III

O SINCRETISMO DE -I- COMO UM CASO DE SINCRETISMO PASSIVO-REFLEXIVO

Nos capítulos anteriores apresentamos diversos aspectos da gramática do georgiano, a fim de situar os contextos de ocorrência das vogais pré-radicais *e*, mais precisamente, a ocorrência da vogal *-i-*, com a qual lidamos no restante da dissertação. Vimos que a vogal ocorre em verbos de construções reflexivas e de posse, em verbos anti-causativos e médios, e também marcando tempos futuros ou o aoristo de verbos inergativos.

No presente capítulo, discutiremos a possibilidade de se classificar o fenômeno que ocorre com o morfema *-i-* do georgiano como um fenômeno de Sincretismo Passivo-Reflexivo, o que faria o morfema se aproximar de marcas como o SE de línguas românicas, da concordância passiva do grego e do albanês, e do sufixo reflexivo *-sja* de línguas eslávicas, por exemplo.

O presente capítulo divide-se em duas seções: na seção 3.1 discute-se o Sincretismo Passivo-Reflexivo de um modo geral, incluindo as origens do estudo do fenômeno e o atual estado da arte dentro da teoria gerativa; na seção 3.2 reapresentamos os contextos de ocorrência do morfema *-i-*, e tentamos enquadrar o fenômeno dentro do que se chama de Sincretismo Passivo-Reflexivo.

3.1. O Sincretismo Passivo-Reflexivo

Por Sincretismo Passivo-Reflexivo entende-se um fenômeno bastante comum nas línguas do mundo: a ocorrência de uma mesma marca (morfológica) em construções passivas/anticausativas e reflexivas. A natureza da marca, em termos de categoria gramatical, varia entre as línguas. Nas línguas românicas, o clítico anafórico SE apresenta esse comportamento sincrético, como se observa nas construções anticausativas e reflexivas no português brasileiro:

- (3.1) a. João **se** machucou no acidente. (anticausativa)
 b. João **se** lavou no tanque. (reflexiva)

No caso do russo, e de outras línguas eslavicas, o mesmo sufixo é inserido em verbos anti-causativos e reflexivos:

- (3.2) a. Dver' otkryla **-s'**. (anticausativa)
 Porta.NOM abriu.fem-reflx.
 "A porta (se) abriu."
 b. Oni kupali **-s'**. (reflexiva)
 Eles.NOM lavar.pl-reflx.
 "Eles se lavaram."

Outro modo sincrético de se marcar reflexivas e passivas/anticausativas é o uso da concordância verbal não-Ativa. Isso ocorre em línguas como o grego e o albanês:

- (3.3) a. Fëmi -ja la -het gjithë qejf.
 Criança-NOM lavar-3s.Prs.NAt todo prazer.
 "A criança está se lavando com prazer."
 (Reflexiva - Albanês, cf. KALLULLI, 1999: 4.3)
 b. Dera hap -et.
 Porta.NOM abrir-3s.Prs.NAt.
 "A porta abre."
 (Anticausativa - Albanês, cf. KALLULLI, 1999: 4.27)

Como se pode observar em (3.3a) não há nenhum anafórico marcando a construção reflexiva em albanês. Esta mesma ausência de anáfora é encontrada em grego, que também marca construções reflexivas e anticausativas com a concordância não-ativa:

- (3.4) a. I supa kegete.
 A sopa.NOM esquentar.NAt.
 "A sopa está (se) esquentando"

(Anticausativa - Grego,
cf. ALEXIADOU & ANAGNOSTOPOULOU, 2004: 4b)

b. I maria htenizete.
A Maria pentear.NAt.
"A maria se penteia."

(Reflexiva - Grego,
cf. ALEXIADOU & ANAGNOSTOPOULOU, 2004: 5b)

É interessante observar que, no caso das línguas indo-européias, a natureza gramatical do morfema sincrético tem muita relação com o conceito de *Voz* e com sua sistematização pelas gramáticas tradicionais das línguas.

O conceito de voz, primeiramente empregado nas gramáticas do Grego Antigo, pode ser considerado como uma forma de informar o sincretismo da concordância não-ativa: a existência de um paradigma ativo e outro não-ativo de concordância refletiria uma oposição entre *voz ativa* e *voz média*, essa última englobaria os contextos não-ativos – isto é, passivas, reflexivas e anti-causativas. Entretanto, essa divisão só é clara para línguas como o grego e o albanês, que apresentam ausência de objetos diretos anafóricos em construções reflexivas e concordância não-ativa em reflexivas e anti-causativas.

No caso das línguas românicas, bálticas e eslávicas, que não apresentam na concordância verbal a mesma oposição existente no grego moderno e no albanês, como aponta GENIUŠIENI (1987), há grande discussão acerca de como se dá a categoria de voz. Embora o uso do anafórico SE – por exemplo – seja mais ou menos correspondente aos usos da concordância não-ativa no grego, grande parte das construções passivas em línguas românicas (bem como nas eslávicas) é formada por participialização do verbo. Na tentativa de transpor a categoria de voz da gramática grega para essas línguas, os gramáticos provavelmente observaram três estratégias que poderiam se referir a um fenômeno de voz: o verbo não-marcado, que corresponderia à voz ativa, o verbo marcado com anáfora (SE, por exemplo) e a participialização, essas últimas corresponderiam aos usos da voz média. Por conta da existência de três estratégias relacionadas a uma suposta categoria de voz nessas línguas, muitos autores preferiram classificar as vozes em três: Ativa, não marcada; Passiva, marcaa com participialização, e Reflexiva, marcada com anáfora. Entretanto, este sistema não dá conta do fato de haver construções passivas e anti-causativas sob o título de voz reflexiva, por exemplo. Nesse sentido, pode-se dizer que o sincretismo passivo-reflexivo que ocorre

nessas línguas não pode ser apropriadamente descrito neste tipo de classificação.

Com o desenvolvimento das teorias linguísticas, alguns autores, especialmente gramáticos eslávicos¹⁵, desde os anos 20 passaram a excluir as construções com a marca *-sja*, sincrética nessas línguas, do sistema de vozes. Sendo assim, passou-se a considerar apenas a voz Ativa e Passiva, e os usos do *-sja* passaram a ser considerados como classes verbais derivadas, sem a preocupação com a proposição de um status uniforme para o morfema sincrético.

Dentro da Teoria Gerativa pode-se ler que a preocupação com a explicação do sincretismo passivo-reflexivo surge como consequência do debate acerca do lugar da derivação na representação morfológica – debate que encontramos já em ANDERSON (1982), por exemplo. Nesse sentido, o fenômeno do sincretismo passivo-reflexivo, por envolver essencialmente uma interface entre semântica, morfologia e sintaxe, acabaria por fornecer argumentos corroborando ou não determinado tipo de concepção sobre a Gramática.

Há as abordagens que vêem o sincretismo como consequência de algum tipo de derivação e/ou representação sintática subjacente comum. São trabalhos importantes nesse sentido a tese de MARANTZ (1984), inaugurando o que veio a se chamar depois de “Análise Inacusativa dos Reflexivos”, bem como o trabalho de KRATZER (1994, 1996), em que se combina a Morfologia Distribuída (proposta primeiramente em HALLE & MARANTZ, 1993) e com a proposta de uma categoria funcional *Voice* que reflete, sintaticamente, aspectos da semântica de eventos de PARSONS (1990). Esse tipo de abordagem tem recebido continuidade em trabalhos como os de EMBICK (1997, 1998 e 2004), LIDZ (2000), entre outros. Abordagens semelhantes são também vistas na análise de ALEXIADOU & ANAGNOSTOPOULOU (2004) para o sincretismo da morfologia passiva do grego, e a análise de KALLULLI (2008) para o da morfologia passiva do albanês.

Há também os trabalhos de REINHART (1997) e REINHART & SILONI (2004, 2005), que concebem o sincretismo como sendo resultado de uma operação lexical. Esse tipo de visão é altamente contrastante com as abordagens mencionadas anteriormente. Também dentro do grupo das abordagens lexicais acerca do fenômeno, pode-se mencionar o trabalho de LIDZ (2001) sobre os dados do Kannada, onde se propõe a Hipótese do Desencontro (Mismatch Hypothesis), fortemente baseada na teoria das hierarquias argumentais proposta por GRIMSHAW (1990).

Algumas dessas teorias serão apresentadas com mais detalhe no próximo capítulo abaixo, onde serão, também, aplicadas aos dados do georgiano. No momento, cabe rever o

15 Apud GENIUŠIENE (1987): HAVRÁNEK, 1928; KOPECNÝ, 1954; ISACENKO, 1960; entre outros.

que foi dito no capítulo anterior acerca da ocorrência do morfema *-i-* do georgiano, e discutir o status do sincretismo desse morfema, especialmente com relação ao do sincretismo passivo-reflexivo encontrado em outras línguas.

3.2. O Morfema *-i-* enquanto um caso de Sincretismo Passivo-Reflexivo

Dentro da teoria gerativa, NASH (2002) foi a primeira a caracterizar o sincretismo do morfema *-i-* como sendo comparável ao sincretismo do clítico SE das línguas românicas. A autora chegou a esta caracterização baseado no fato de que este morfema também ocorre em construções anti-causativas e reflexivas, como mencionado no Capítulo 2 e ilustrado abaixo:

- (3.5) a. Saxl-i **i-** ts'v -eb -a.
 Casa-NOM vpr-queimar-tema-3s.
 “A casa está (se) queimando.” (anti-causativa)
- b. Zaza-m tav -i da- **i-** xat' -a
 Zaza-ERG reflx-ABS pvb-vpr-desenhar-3s
 kaghald-ze.
 papel -DAT.sobre.
 “Zaza se desenhou num pedaço de papel.” (reflexiva)

No decorrer do capítulo anterior, entretanto, foram mencionados outros contextos de inserção do morfema *-i-*: ele também ocorre em construções com sujeito agente/beneficiário da ação – ou reflexividade entre sujeito e objeto indireto (cf. AMIRIDZE, 2006) –, em construções de posse e na marcação de tempo/aspecto de verbos da classe III. O intuito da presente seção é discutir, tendo em conta esses outros contextos, até que ponto *-i-* é comparável ao SE românico, ou à concordância não-ativa do grego e do albanês, que são os tipos de sincretismo passivo-reflexivo mais estudados.

Primeiramente, cabe ressaltar que em georgiano, assim como no grego e no albanês (cf. KALLULLI, 2008), não há distinção de forma entre verbos passivos e verbos anti-causativos. Mas há diferenças de comportamento gramatical: em georgiano, a passiva pode expressar seu agente por meio de um sintagma posposicional – em georgiano – com a posposição *mier*:

- (3.6) Dok'ument'-i gamo- **i**-gzavn -eb -a mdivn -is
 Documento -NOM pvb-vpr-enviar-tema-3s secretária-GEN
mier.
 pela.
 "O documento será enviado pela secretária."
 lit. "O documento se enviará por meio da secretária."

Além disso, assim como o grego e o albanês utilizam sua concordância não-ativa também para expressar construções reflexivas, também o georgiano recorre ao morfema *-i* para este fim. Mas, novamente, é possível distinguir gramaticalmente verbos reflexivos de verbos passivos ou anti-causativos. De um lado, os verbos reflexivos seguem o padrão de concordância e tema dos verbos da Classe I (terceira pessoa em *-s*, por exemplo), enquanto anti-causativos e passivos seguem os da Classe II. De outro, no caso de reflexividade entre sujeito e objeto *direto*, há a necessidade da presença do anafórico *tav*:

- (3.7) Mariam-i **tav -s i** -nakh-av **-s** sark'e -ze.
 Maria -NOM tav-ACU vpr-verá-tema-3s espelho-DAT.sobre
 "Maria vai se ver no espelho."

As propriedades da reflexivização do georgiano, descritas em AMIRIDZE (2006), são importantes para compreender alguns aspectos sobre a distribuição do morfema *-i*.¹⁶ A autora aponta que a anáfora *tav* por si só *não* é capaz de reflexivizar um predicado; é necessário que haja ou o morfema *-i* no verbo, ou um pronome possessivo especificando *tav* – que literalmente significa “cabeça” – para que a sentença seja interpretada como reflexiva:

- (3.8) a. *Lali tav-s xat -av -s.
 Lali.NOM tav-ACU desenhar-tema-3s.
 b. Lali tav-s **i**-xat -av -s.
 Lali.NOM tav-ACU vpr-desenhar-tema-3s.
 "Lali se desenha."

¹⁶ O trabalho de AMIRIDZE (2006) não busca uma análise de *-i*, mas sim uma descrição das estratégias de reflexivização do georgiano e dos problemas que a língua apresenta para a teoria de reflexividade proposta em Reinhart & Reuland (1993). Para a autora, *-i* apresenta um status não claro e é mencionado apenas enquanto uma estratégia de reflexivização.

c. *Lali i-xat -av -s.

Lali.NOM vpr-desenhar-tema-3s.

d. Lali tav -is tav-s xat -av -s.

Lali.NOM poss.3s-GEN tav-ACU desenhar-tema-3s.

Lit. 'Lali desenha a própria cabeça'

"Lali se desenha."

Por outro lado, *-i-* por si só, é capaz de "reflexivizar" um predicado quando a reflexivização é entre sujeito e objeto *indireto*¹⁷:

(3.9) Saxl-s she- v- i- gheb -av.

Casa-ACU pvb-1s-vpr-pintar-tema.

"Eu pintarei a casa para mim."

Deve-se ter em conta, porém, que a mesma sentença em (3.9) pode ter a leitura de posse, como ilustrado em (3.10) abaixo. AMIRIDZE (2006), contudo, não se aprofunda na relação entre estas duas leituras de (3.9).

(3.10) Saxl-s she- v- i- gheb -av.

Casa-ACU pvb-1s-vpr-pintar-tema.

"Eu pintarei a minha casa."

Em kannada (cf. (3.11) abaixo) construções de posse também ocorrem com a presença do morfema koND, considerado por LIDZ (2001) como um morfema de sincretismo passivo-reflexivo, comparável aos demais vistos no capítulo. Se o paralelismo se mantém entre as construções do geogiano e as do kannada, pode-se dizer que, seguindo o autor, até agora é válido considerar o sincretismo de *-i-* como sendo comparável ao sincretismo de SE, *-sja* ou da concordância não-ativa do grego ou do albanês.

¹⁷ Para AMIRIDZE (2006) o dado em 3.9 é considerado como um caso de reflexividade entre sujeito e objeto indireto. Entretanto, embora seja possível considerar a existência de algum tipo de co-indexação na sentença, deve-se ter em conta que (i) a leitura de "reflexividade" ocorre porque a leitura é a de que o sujeito é, ao mesmo tempo, agente e beneficiário do evento, não sendo admitida a leitura de outro tipo de papel semântico (como alvo, por exemplo), e que, (ii) esse tipo de sentença pode ter outras leituras, como a de posse.

(3.11) hari-yu kannu-gal-annu tere -du-koND-a
 Hari-NOM olho -pl -ACU abrir-PP-SINCR-3SM.
 "Hari abriu os olhos (com um instrumento)/*por si
 próprio."

(Kannada – LIDZ, 2001: 9b)

Em síntese: embora distinguíveis gramaticalmente entre si, as construções passivas, anti-causativas e reflexivas do georgiano recorrem todas a uma mesma marca morfológica no verbo, o morfema *-i-*. Mas o sincretismo com *-i-* vai além: é preciso levar em conta, ainda, os casos de ocorrência de *-i-* como marca de tempo em verbos de classe III:

(3.12) Xval bavshv -eb-i i-tamash -ob -s.
 Amanhã criança-pl-NOM vpr-brincar-tema-3s
 "As crianças estarão brincando amanhã."

Verbos de Classe III, que de um modo geral correspondem a *atividades* em termos de aspecto lexical, são marcados, para os tempos futuro e aoristo, pela vogal pré-radical *-i-*. Como nenhuma das análises do sincretismo passivo-reflexivo que consideraremos adiante diz respeito, diretamente, à informação de tempo ou de aspecto, parece, em princípio, estranho que o mesmo morfema ocorra como marca temporal ou aspectual. Mas este uso não é mera idiosincrasia de *-i-*: também a vogal *-e-* que ocorre com verbos anticausativos na presença de um objeto indireto – e que disputa a mesma posição morfológica com *-i-* (isto é, também é uma vogal pré-radical) – marca tempo/aspecto para os verbos da Classe IV (tal como *-i-* marca tempo dos verbos da Classe III). Em (3.13) vê-se as ocorrências de *-i-* e *-e-* marcando tempo nos verbos de Classe III (a) e Classe IV (b), em comparação com a ocorrência destes morfemas em verbos anticausativos, em cujo caso não marcam tempo (3.14).

(3.13) a. Xval bavshv -eb -i i-tamash -ob -s.
 Amanhã criança-pl-NOM vpr-brincar-tema-3s
 "As crianças estarão brincando amanhã."

b. Gogo -s e- ndom -eb -a tojina
 Menina-DAT vpr-querer-tema-3s boneca.NOM
 dabadeb -is dghe-s.

Nascimento-GEN dia -DAT.

"A menina vai querer uma boneca no aniversário."

(3.14) a. K'ar -i da- **i-** gh -eb -a.
 Porta-NOM pvb-vpr-abrir-tema-3s.
 "A porta (se) abrirá."

b. K'ar -i da- **e-** gh -**eb** -a st'umr -eb-s.
 Porta-NOM pvb-vpr-abrir-tema-3s convidado-pl-DAT.
 "A porta se abrirá para os convidados."

No Capítulo I, sugerimos que a motivação da inserção de -e- em verbos de Classe IV e de -i- em verbos de Classe III no futuro e aoristo deve ser a mesma. O que faz os verbos de Classe IV serem marcados por -e-, e não por -i-, é a presença de um argumento dativo na sentença. Pode-se deduzir isso não somente pela necessidade de co-ocorrência deste argumento como pelo fato de que -e- também marca a presença do argumento dativo em verbos de Classe II (3.14b). Note-se, ainda, que -e- só pode ser inserido onde não há argumentos no acusativo: no caso verbos da Classe I, que exigem argumento no acusativo, a alternância com -e- na presença de objeto indireto (argumento dativo) não é possível; ao invés disso, como já mencionado no capítulo anterior, outras vogais são usadas, conforme o papel semântico do objeto indireto:

(3.15) a. Rik'ardo-m ts'eril-i imi -s kaghald-s
 Ricardo -ERG carta -ABS aquele-DAT papel -DAT
 da- **a-** ts'er -a.
 pvb-vpr-escrever-aor.3s
 "Ricardo escreveu uma carta naquele papel."

b. Rik'ardo-m ts'eril-i kalak -is sabch'o -s
 Ricardo -ERG carta -ABS cidade-GEN conselho-DAT
 da- **u-** ts'er -a.
 pvb-vpr-escrever-aor.3s
 "Ricardo escreveu uma carta pela prefeitura."

c.*Rik'ardo-m ts'eril-i imi -s kaghald-s
 Ricardo -ERG carta -ABS aquele-DAT papel -DAT
 da- e- ts'er -a.
 pvb-vpr-escrever-aor.3s

d.*Rik'ardo-m ts'eril-i kalak -is sabch'o -s
 Ricardo -ERG carta -ABS cidade-GEN conselho-DAT
 da- e- ts'er -a.
 pvb-vpr-escrever-aor.3s

Como mostraremos a seguir, este quadro complexo da distribuição do morfema *-i-* não recebe uma explicação apropriada se visto à luz das principais teorias correntes a respeito do sincretismo passivo-reflexivo.

No final do capítulo anterior dissemos que os preverbos¹⁸ – marcadores de futuro e aoristo em verbos de Classe I e II – podem atribuir aspecto *perfectivo* ao evento. Mas, como acabamos de ver, verbos das Classes III e IV não marcam futuro e aoristo com preverbos, mas sim com o *-i/-e-*. Pode-se especular que isso ocorre com verbos da Classe III porque, por se tratarem de *atividades*, são de algum modo incompatíveis com o aspecto *perfectivo* das demais vogais pré-verbais. E, no que diz respeito aos verbos da Classe IV, a restrição pode ter a ver com alguma idiosincrasia aspectual própria aos verbos psíquicos que exija um marcador de aspecto lexical incoativo ou cessativo. Estes elementos aspectuais estão presentes em verbos anti-causativos, passivos e reflexivos marcados com *-i-* em georgiano e, talvez, tenham alguma relação interpretativa necessária ou preferencial com *atividades* e processos psíquicos. Se esta linha de explicação puder ser sustentada, talvez o sincretismo do morfema *-i-* não seja caracterizado da melhor forma como sendo um sincretismo passivo-reflexivo.

A hipótese que acabamos de esboçar, no entanto, só deve ser levada em consideração após termos esgotado as possibilidades de explicar o sincretismo de *-i-* baseando-nos em teorias já desenvolvidas para o sincretismo passivo-reflexivo. No capítulo seguinte, portanto, trataremos de tais teorias. Este esforço não apenas servirá para demonstrar suas limitações, mas também para identificar propriedades que permitam nos aproximarmos do real *status* do morfema *-i-* dentro da gramática do georgiano.

18 Sobre preverbos, ver seção 1.2.2 no Capítulo 1.

3.3. Síntese

Do presente capítulo, cabe ressaltar que:

- O Sincretismo Passivo-Reflexivo é um fenômeno existente em diversas línguas, envolvendo a marcação de construções passivas, reflexivas, anti-causativas e outras semelhantes com o mesmo morfema.
- Dentro da Teoria Gerativa há duas principais formas de analisar uniformemente tal tipo de fenômeno: (i) considerando que o sincretismo se deve a uma propriedade sintática em comum entre os contextos de ocorrência do morfema ou, (ii) considerando que o sincretismo é resultante de um mesmo processo/operação lexical.
- A ocorrência do morfema -i- do georgiano em verbos de construções reflexivas, passivas e anti-causativas nos leva a classificar o fenômeno como um caso de Sincretismo Passivo-Reflexivo.
- Entretanto, a ocorrência de -i- como marca de tempo/aspecto em verbos de Classe III (inergativos/atividades) torna questionável tal classificação.

Para o capítulo seguinte, em que exploraremos duas das principais teorias acerca do Sincretismo Passivo-Reflexivo, não consideraremos os casos de -i- como marca de tempo/aspecto. Voltaremos a levar em conta esse contexto de ocorrência somente no final da dissertação.

CAPÍTULO IV

SOLUÇÕES TEÓRICAS PARA O

SINCRETISMO PASSIVO-REFLEXIVO

Na seção 3.1 do capítulo anterior vimos um breve panorama acerca da investigação do sincretismo passivo-reflexivo dentro da linguística, especialmente da Teoria Gerativa. Em seguida, na seção 3.2, re-apresentamos os contextos de inserção do morfema *-i-* do georgiano, que acredita-se possuir um comportamento sincrético do tipo passivo-reflexivo. Na breve exposição, discutimos os problemas que a ocorrência do morfema em verbos de Classe III da língua poderiam apresentar na classificação do sincretismo como passivo-reflexivo e antecipamos a conclusão, que apresentaremos agora, segundo a qual as teorias presentes a respeito desse tipo de sincretismo não dariam conta do sincretismo de *-i-*.

Começaremos este capítulo, na seção 4.1., por apresentar a abordagem de EMBICK (1998, 2004), que considera o sincretismo em contextos passivos, reflexivos e anti-causativos como sendo consequência de um fenômeno sintático comum a esses contextos. A seguir, discutiremos a abordagem lexicalista de REINHART & SILONI (2004), na seção 4.2. Como já dissemos, o norte de nossa discussão será submeter estas análises ao teste do padrão empírico caracterizado pelo sincretismo do morfema *-i-* em georgiano.

4.1. A Análise de Embick

Em uma das abordagens sintáticas recentes do sincretismo passivo-reflexivo, procura-se concebê-lo como consequência do lugar e das propriedades que a categoria funcional da *voz* possui na estrutura sintática – abordagem inaugurada por KRATZER (1994). A motivação para a existência dessa categoria na estrutura sintática baseia-se no trabalho de MARANTZ (1984), em que são apresentadas evidências de que há uma unidade linguística entre o verbo e seus complementos que exclui seu argumento externo (o “especificador”). Além disso, a semântica de eventos de PARSONS (1990) formaliza esse tipo de separação, de modo que uma implementação sintática dessa separação justificaria de forma mais elegante a

composição semântica dos predicados proposta por Parsons. O núcleo funcional que KRATZER (1994) utiliza para formalizar estruturalmente estas idéias chama-se *Voice*, ou *Voz*; a partir de CHOMSKY (1995), entretanto, este núcleo passa a ser identificado com o elemento *v*, ou “vezinho”, das representações minimalistas. Propriedades importantes dessa categoria funcional são as seguintes:

- (4.1) a. *v* é o local da agentividade: tecnicamente, porta os traços relevantes para o licenciamento e interpretação dos argumentos externos.
- b. *v* também carrega os traços de Caso para o objeto direto (portanto, *a* e *b* codificam a chamada “Generalização de Burzio”).
- c. *v* carrega traços relacionados à eventividade.
- d. *v* carrega traços relacionados ao licenciamento do componente de modo (advérbios de modo).
- e. Existem dois tipos de *v*: um que introduz o argumento externo e outro que não o introduz.

(ALEXIADOU & ANAGNOSTOPOULOU, 2004:7¹⁹)

Deste modo, a inserção do morfema sincrético dependerá de alguns traços contidos em *v*. As teorias que contam com isso dividem-se em duas linhas. Por um lado, EMBICK (1998, 2004) postula, dentro do desenvolvimento teórico da Morfologia Distribuída, que há a inserção de um traço em *v* na ausência de um argumento externo pleno; o morfema sincrético está especificado para este traço e é inserido, portanto, na presença dele. Já KALLULLI (2006, 2008) propõe que a morfologia sincrética é consequência da existência de conjuntos (tuplas) de traços em *v*, e que a morfologia sincrética suprime um deles, impedindo a projeção de um argumento externo. Essa abordagem é proposta em função dos dados de construções

19 ALEXIADOU & ANAGNOSTOPOULOU mencionam essas propriedades. Para maior compreensão das mesmas ver, principalmente, HARLEY (1995), MARANTZ (1997), EMBICK (1998) e ALEXIADOU (2001). No caso da teoria de Embick, aqui apresentada, serão cruciais as propriedades *a* e *b*, que codificam a Generalização de Burzio, bem como a propriedade *e*.

inacusativas em línguas como o Grego e Albanês, e explica outros aspectos sobre a distribuição da concordância não-ativa dessas línguas.

Discutiremos aqui apenas a abordagem de EMBICK (1998, 2004), uma vez que a caracterização de KALLULLI (2006, 2008) – embora interessante no que diz respeito à análise de inacusativos – só permite que a derivação dos verbos resulte em formas intransitivas: em georgiano o morfema sincrético *-i-* ocorre tanto em construções transitivas como em intransitivas.

Baseando-se em dados do grego moderno, EMBICK (1998 e 2004) propõe uma forma de explicar a inserção da morfologia sincrética em construções inacusativas, passivas e reflexivas que se baseia na natureza do suposto argumento externo projetado pelo verbo.

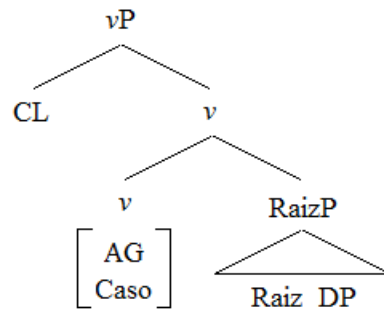
A teoria segue três pressupostos: (i) a existência do nó sintático v , como explicado anteriormente; (ii) a Análise Inacusativa dos Reflexivos, que propõe que os reflexivos podem receber uma análise sintática semelhante à dos inacusativos, com o alçamento do argumento interno do verbo à posição de sujeito; e (iii) a teoria da Morfologia Distribuída, primeiramente proposta em HALLE & MARANTZ (1993) – especialmente, suas hipóteses relativas à “inserção pós-sintática” de formativos e a subespecificação destes para os traços morfossintáticos que caracterizam os ambientes de inserção lexical. Considerando isso, Embick propõe que em v ocorrem dois traços sintático-semânticos: [AG], que codifica as propriedades que, segundo KRATZER (1994), permitem a projeção de um agente, cuja semântica pode ser descrita pela relação $\lambda x_e \lambda e_i [\text{Agente}(x)(e)]$; e [Caso], que é o traço correspondente ao caso acusativo do verbo e que, de acordo com a Generalização de Burzio, é o que permite a existência de um argumento externo.

De acordo com Embick, o verbo será transitivo, passivo ou inacusativo de acordo com a distribuição desses traços: (a) numa construção transitiva ativa, temos um v com os dois traços [AG] e [Caso] presentes, indicando a existência de um agente e de um argumento externo; (b) numa construção passiva, apenas o traço [AG] está presente, o que permite a interpretação de um agente da ação sem que seja projetado um argumento externo; e (c) a construção inacusativa não dispõe de nenhum dos traços em v e, por isso, o evento não é interpretado como possuindo um agente da ação, nem há argumento externo do verbo projetado.

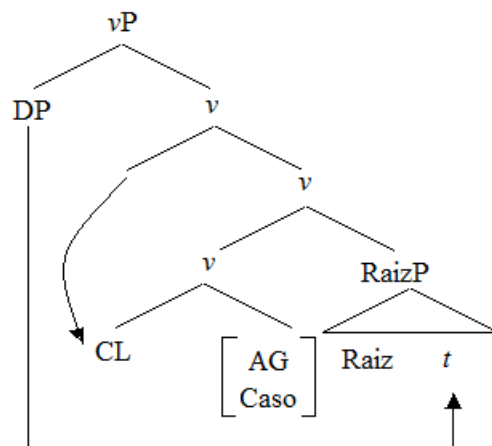
Para o autor, as construções reflexivas são formadas por verbos transitivos, com os dois traços em v : [AG] e [Caso]. Porém, assim como proposto em KAYNE (1988) e PESETSKY (1995) para línguas românicas, baseados em MARANTZ (1984), Embick assume que o sujeito superficial das reflexivas é, subjacentemente, o argumento interno do verbo; seu

movimento para a posição de sujeito se deve à presença de uma anáfora na posição de argumento externo. Ou seja, o argumento interno do verbo deve ser alçado à posição de sujeito para c-comandar a anáfora (SE em línguas românicas) que, por sua vez, já teria absorvido o caso acusativo do verbo. Abaixo apresentamos esquematicamente essa derivação:

(4.2) a.



b.



Para Embick, o que há em comum entre reflexivas, inacusativas e passivas é a ausência de um DP-pleno projetado na posição de argumento externo. Esta ausência é mais ou menos óbvia no caso de inacusativas e passivas, mas não para as reflexivas – razão pela qual Embick postula que o argumento externo nas construções reflexivas é uma anáfora e que anáforas não constituem DP-pletos (cf. EMBICK 2004). De acordo com a Morfologia Distribuída, pode haver inserção de traços no *spell-out* morfológico, após toda a derivação sintática. Recorrendo a este mecanismo da teoria, Embick propõe que a inserção do morfema que ocorre nos contextos de sincretismo Passivo-Reflexivo (“u-sincretismo”, segundo EMBICK, 1998, 2004) é explicada pela seguinte regra:

(4.3) $v \rightarrow v-[X] / \text{ ____ } \text{ argumento externo DP-pleno ausente.}$

De acordo com esta regra, v é especificado para o traço [X] na ausência de um argumento externo que seja um DP pleno; e o morfema sincrético também será especificado para este traço, de modo que, nos contextos em que v recebe este traço, o morfema sincrético é inserido.

Tomemos o caso concreto da morfologia não-ativa do grego moderno como exemplo; para os verbos na terceira pessoa, a concordância não ativa é *-ete* para o presente e *-ike* para o passado:

(4.4) a. I Maria xtenizete kathe mera.
A Maria pentear.NAt todo dia.
"A Maria se penteia todo dia."

(Cf. EMBICK, 2004: 11)

b. O Iannis plenete kathe mera.
O João lavar.NAt todo dia.
"O João se lava todo dia."

(4.5) a. O Iannis katastrofi to leoforio.
O João destruir.At o ônibus.

b. To leoforio katastrafike.
O ônibus destruiu.NAt

c. O Iannis afto-katastrafike.
O João ANAF-destruir.NAt

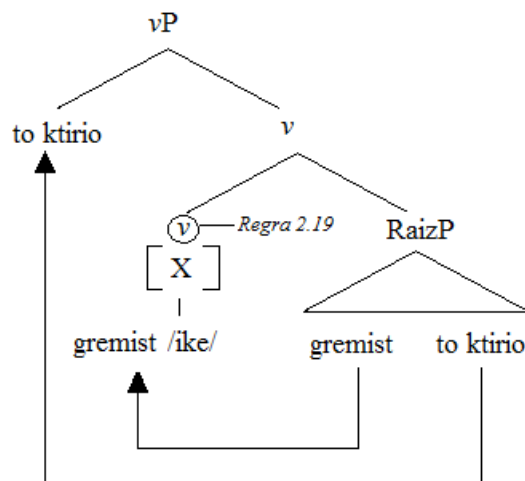
(4.4) exemplifica as construções reflexivas em grego moderno, que se comportam como as do albanês apresentadas no início do capítulo anterior: a morfologia verbal não-ativa não precisa ser acompanhada de uma anáfora para expressar reflexividade. Embora estas construções sejam as mais comuns na língua grega, há, entretanto, casos em que o verbo exige a anáfora *afto* afixada ao verbo, como em (4.5). Para EMBICK (2004), as reflexivas em (4.4) são consideradas construções inacusativas sintaticamente e por conta da semântica da raiz do verbo, há a possibilidade de se interpretar as construções como reflexivas.²⁰ Entretanto,

20 O mesmo fenômeno é apontado por EMBICK (2004) em línguas como o Fula e o Tolkapaya, línguas em que

algumas raízes, para licenciar a interpretação reflexiva, exigiriam o processo de reflexivização sintático, que se daria com a aplicação de *afto*. Implementando a teoria de Embick para esses dados, deriva-se as construções inacusativas (e reflexivas sem *afto*) e reflexivas com *afto* da seguinte forma:

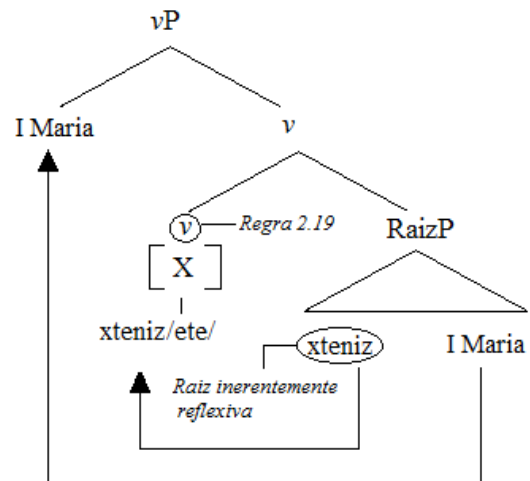
- (4.6) a. To ktirio gremistike.
 O prédio explodir.NAt
 "O prédio explodiu." (Anti-causativa)

b.



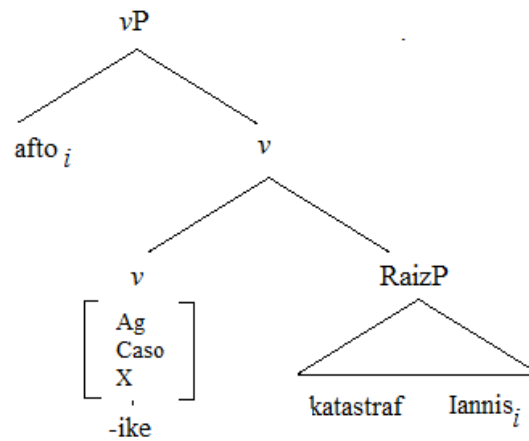
- (4.7) a. I maria xtenizete.
 A Maria pentear.NAt.
 "A Maria se penteia." (Reflexiva sem *afto*)

b.

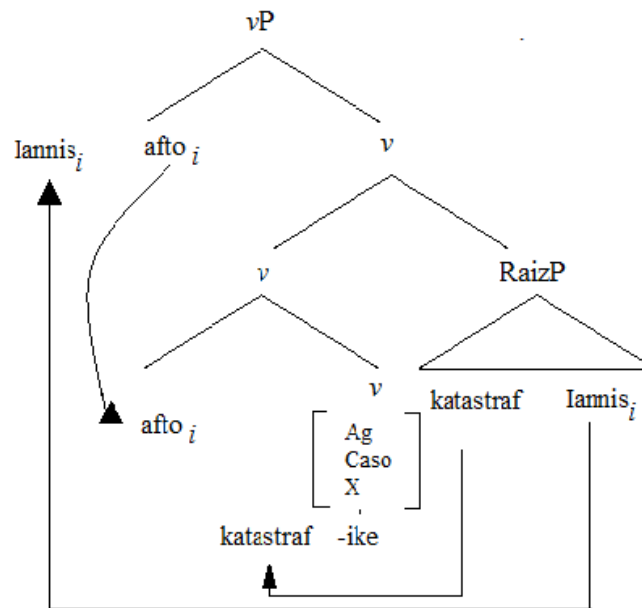


- (4.8) a. O Iannis afto-katastraf-ike.
 O João ANAF-destruir -Nat.
 "O João se (auto)destruiu." (Reflexiva com *afto*)

b.



c.



Por um lado, a teoria de Embick é interessante porque é capaz de dar conta da ocorrência de dois elementos em construções reflexivas: a anáfora e a morfologia não-ativa. De outro, como a morfologia sincrética do grego e do albanês tem um status gramatical próprio – ou seja, sua função é marcar o contraste com a voz ativa –, não oferece problemas para a idéia de que o morfema relevante ocupa o nó v . Entretanto, quando o morfema sincrético da língua é uma anáfora – como no caso do SE românico –, não é possível se utilizar da análise de Embick para explicar o sincretismo.

Para mostrar isso, examinemos as possibilidades de se analisar SE na teoria: ou (i) como a anáfora das construções reflexivas (isto é, como *afto* em grego), ou (ii) como um expoente de v , da mesma forma que a concordância não-ativa do grego. No primeiro caso, seria possível dar conta somente da ocorrência do SE em reflexivas: em construções anti-causativas, o SE não teria antecedente, não podendo, pois, ocorrer na forma de anáfora. E, no segundo caso, não teríamos como explicar o caráter anafórico de SE em construções reflexivas. Haveria problema mesmo admitindo que a língua tivesse dois SEs, um que seria anafórico e outro que marcaria voz não-ativa e ocorreria em v – uma alternativa teórica nem um pouco explicativa. Ainda que se postulasse esta análise, o algoritmo de Embick não poderia ser aplicado, uma vez que geraria construções reflexivas agramaticais, como se vê abaixo:

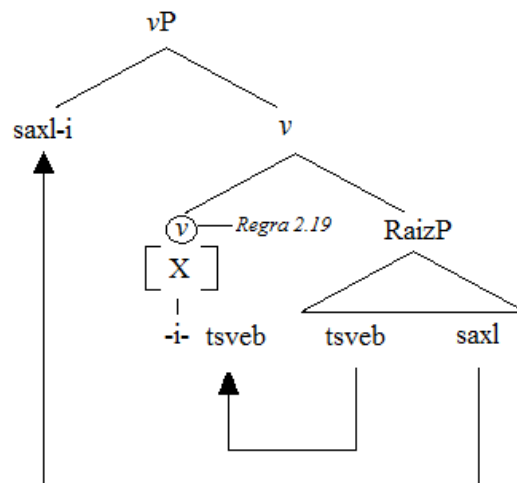
(4.9) * João_{i,k} [_{vP} se_i [_v se] [_v lavou t_k.]

4.1.1. Implementando aos dados do Georgiano

A análise de Embick foi aplicada aos dados do georgiano em LAZZARINI CYRINO (2008). Naquele trabalho, presumimos que a proposta em EMBICK (2004) por si só seria capaz de dar conta de construções inacusativas/médias e reflexivas do georgiano: o morfema *-i-*, sincrético nesses contextos, ocuparia o nó *v*, enquanto o anafórico *tav* presente em reflexivas ocuparia a posição de argumento externo. Com esta análise, *-i-* seria tratado basicamente como a concordância não-ativa do grego e *tav* como o *afto*.

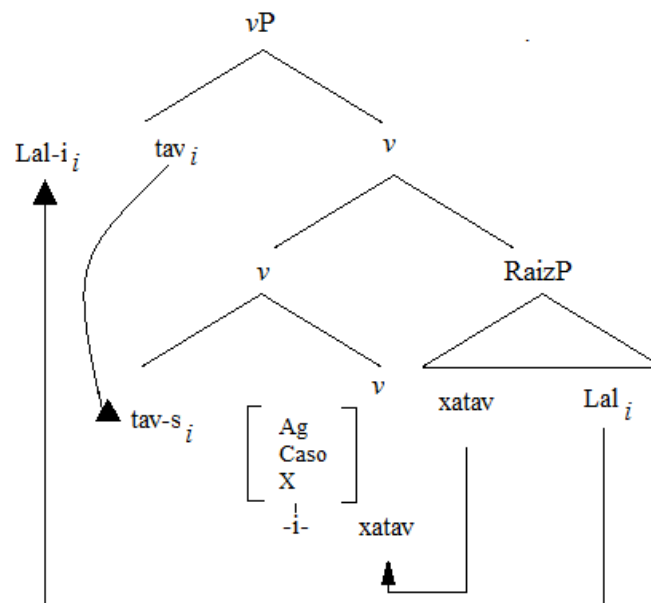
- (4.10) a. Saxl-i **i-** ts'v -eb -a.
 Casa-NOM vpr-queimar-tema-3s.
 "A casa está (se) queimando."

b.



- (4.11) a. Lali tav-s **i-** xat -av -s.
 Lali.NOM tav-ACU vpr-desenhar-tema-3s.
 "Lali se desenha."

b.



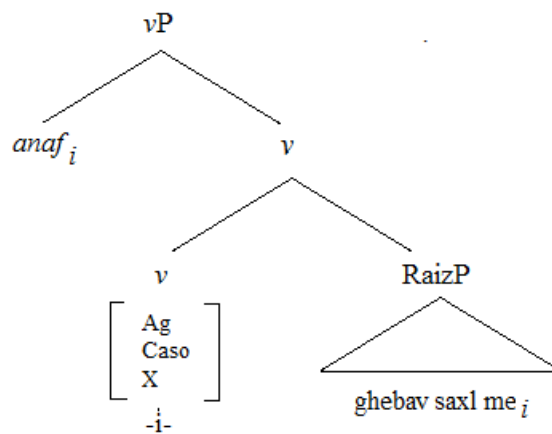
Entretanto, no caso de construções em que o sujeito expressa – ao mesmo tempo – agente e beneficiário da ação (4.12) e em construções de posse (4.13), a análise de EMBICK (2004) requer extensões:

(4.12) Me saxl-s she- v- i- gheb -av.
 Eu.NOM Casa-ACU pvb-1s-vpr-pintar-tema.
 “Eu pintarei a casa para mim.”

(4.13) Dato pex -s i- ch'r -s.
 Dato.NOM perna-ACU vpr-cortar-3s3s.
 “Dato corta a perna.”

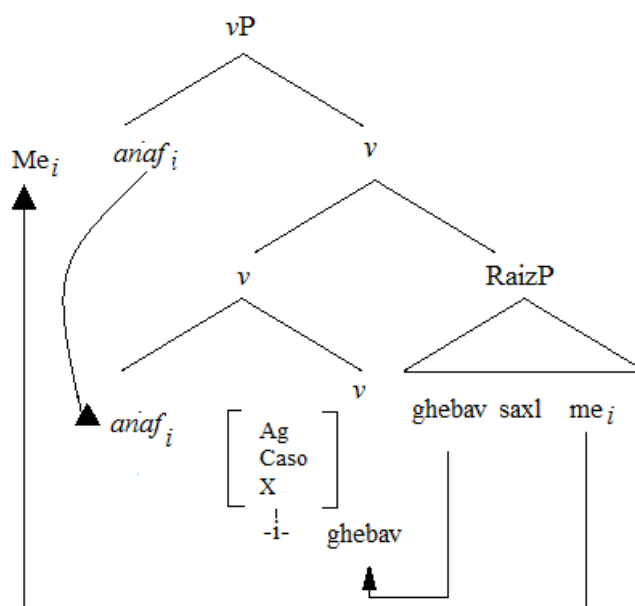
Dados como (4.12) são considerados por AMIRIDZE (2006) como casos em que há reflexividade entre sujeito e objeto indireto – embora o objeto indireto não seja fonologicamente expresso por um DP. Em LAZZARINI CYRINO (2008) sugerimos que a derivação desse tipo de construção segue o modelo das construções reflexivas como (4.11); a diferença é que, além da anáfora como argumento externo, esses verbos contam com *dois* argumentos internos – o argumento interno direto *saxl* e o argumento interno indireto *me*:

(4.14)



Para servir de antecedente à anáfora, o objeto indireto é alçado à posição de sujeito, resultando na construção abaixo:

(4.15)



Entretanto, essa análise pode ser invalidada por conta de um problema com relação ao mecanismo de checagem de casos. A mecânica proposta em EMBICK (1998, 2004) obriga a anáfora na posição de argumento externo a checar o caso acusativo do verbo, enquanto o argumento interno – alçado à posição de sujeito – checa o nominativo. No caso de (4.15), se essa mecânica fosse aplicada corretamente, o objeto direto do verbo não poderia ser realizado, uma vez que o caso acusativo do verbo já teria sido checado pela anáfora “abstrata”.

A alternativa seria dizer que o objeto direto é licenciado por caso dativo. Na verdade,

esse argumento aparentemente se aplica ao georgiano, por conta de os expoentes fonológicos dos casos acusativo (ACU) e dativo (DAT) serem os mesmos, como se ilustra abaixo:

- (4.16) Avtandil-i da-s - ts'er -s raime-**s** mezobel-**s**.
 Avtandil-NOM pvb-3s-escrever-3s algo -ACU vizinho-DAT.
 "Avtandil escreverá algo a (seu) vizinho."

No entanto, é necessário um teste para determinar qual o caso subjacente do argumento assinalado com a marca *-s* em sentenças como (4.16) acima. Um teste possível e bastante eficaz baseia-se na alternância de casos que o georgiano apresenta. Uma sentença transitiva marca o sujeito com *-i* (NOM) e o objeto com *-s* (ACU/DAT), pois está no sistema de casos Nominativo-Acusativo. No aoristo, entretanto, o georgiano segue um sistema de casos Ergativo-Absolutivo: o sujeito da sentença deverá ser marcado com *-ma* (ERG) e, se o objeto for licenciado por caso dativo, a marca deve persistir como *-s* (DAT/ACU); se o objeto for licenciado por um caso estrutural do verbo (acusativo ou absoluto), entretanto, a marca deve ser *-i* (ABS). O teste para a sentença em (4.12) é apresentado em (4.17) abaixo:

- (4.17) a. Avtandil-i saxl-**s** she- i- gheb -av-s.
 Avtandil-NOM casa-? pvb-vpr-pintar-tema-3s.
 "Avtandil pintará a casa para si."
- b. *Avtandil-ma saxl-**s** she- i- gheb -a.
 Avtandil-ERG casa-DAT pvb-vpr-pintar-aor.3s.
- c. Avtandil-ma saxl-**i** she- i- gheb -a.
 Avtandil-ERG casa-ABS pvb-vpr-pintar-aor.3s.
 "Avtandil pintou a casa para si."

Como se vê em (4.17b) vs. (4.17c), o caso "real", subjacente, do objeto da sentença em (4.17a) é acusativo. Isso demonstra que a análise que apresentamos em LAZZARINI CYRINO (2008) é inaplicável a essas construções: o objeto direto recebe caso acusativo, e não dativo; logo, não há caso acusativo para ser absorvido por uma anáfora hipotética.

Já com relação às construções de posse, como em (4.13) acima, os problemas que surgem são outros. Estas construções são tratadas, em LAZZARINI CYRINO (2008), como

um caso de alçamento do possuidor: a construção é gerada a partir de um verbo (anti-causativo) inacusativo, e uma subparte de seu argumento interno (o possuidor) é alçada à posição de sujeito por razões discursivas (topicalidade). A idéia é de que se trata de construções similares às de posse inalienável abaixo, encontradas no português brasileiro e em muitas outras línguas:

- (4.18) a. João quebrou o braço.
 b. O carro furou o pneu.

Há trabalhos que propõem análises inacusativas para as construções de posse inalienável, como por exemplo KATO (1989, 2008) e CANÇADO & NEGRÃO (2010); adotando a teoria de Embick para o sincretismo passivo-reflexivo, a análise inacusativa das construções análogas em georgiano garantiria a inserção de -i-, como desejado.

Contudo, em LAZZARINI CYRINO (2008), não observamos que construções com sujeito agente-beneficiário, como aquelas dos dados (4.12) e (4.17), também poderiam apresentar leituras de posse:

- (4.19) Avtandil-i saxl-**s** she- i- gheb -av -s.
 Avtandil-NOM casa-? pvb-vpr-pintar-tema-3s.
 "Avtandil pintará a casa para si."
 "Avtandil pintará a sua casa."

Além disso, é permitida a leitura agentiva de sentenças como em (4.13), como ilustra a contextualização abaixo:

- (4.20) Igi gaaptrebul-i da mo- i- chr -a pex -i
 Ele furioso -NOM e pvb-vpr-cortar-aor.3s perna-ABS
 dan -it.
 faca-INS.
 "Ele ficou furioso e cortou sua (própria) perna com uma faca."

Esses casos tornam a análise fornecida em LAZZARINI CYRINO (2008) insuficiente, já que a justificativa da inserção de -i- nesses casos – de acordo com a teoria de Embick – não

prevê a presença de um agente. De fato, nos demais casos em que um agente se faz presente – nas construções reflexivas com verbos transitivos –, não basta o verbo ser marcado pelo morfema *-i-*; é necessária a presença da anáfora *tav*.

Mais adiante, no próximo capítulo, chegaremos à conclusão de que as construções reflexivas em georgiano seguem o mesmo mecanismo das construções de posse. Essa conclusão cria problemas para a teoria de Embick. Se levamos em conta (i) que *tav* apresenta o significado literal de “cabeça” e (ii) que construções reflexivas se formam ou com *-i- + tav* (4.21a), ou com pronome possessivo + *tav* (4.21b), também é possível passar a considerar *-i-* como um elemento possessivo-anafórico ligado ao sujeito das construções reflexivas:.

- (4.21) a. Shen **tav -s i-** gheb -av.
 Tu reflx-ACU vpr-pintar-tema.
 “Tu estás te pintando.”
- b. Shen **shen -s tav -s** gheb -av.
 Tu poss.2s-ACU reflx-ACU pintar-tema.
 “Tu estás te pintando.”

Mas, se *-i-* é analisado como uma anáfora, a análise de EMBICK (2004) torna-se insuficiente para o georgiano – da mesma forma que é insuficiente para línguas em que o morfema sincrético é uma anáfora (como o SE), como sustentamos anteriormente.

Em resumo, a teoria proposta por Embick, embora seja capaz de dar conta da ocorrência simultânea de *-i-* e *tav* em construções reflexivas e só de *-i-* em construções anti-causativas, há problemas ao lidar com os demais contextos de ocorrência de *-i-*: construções com sujeito agente-beneficiário e construções de posse.

4.2. Teoria da Redução Lexical (e Sintática)

Anteriormente discutimos uma abordagem não-lexicalista para o sincretismo passivo-reflexivo, baseada nas seguintes hipóteses: (i) o sujeito de construções reflexivas é, na realidade, o argumento interno do verbo, como em inacusativos; e (ii) o sincretismo passivo-reflexivo está associado aos traços de *v*, sendo, portanto, a morfologia sincrética uma realização fonológica do conteúdo do nó *v*.

A teoria que examinaremos agora, proposta principalmente por REINHART (1997) e por REINHART & SILONI (2004), é contrária a essas duas hipóteses. Em REINHART

(1997), diz-se que o sincretismo passivo-reflexivo está associado a uma operação lexical de identificação entre dois argumentos de um predicado – operação que caracterizaria os verbos de construções reflexivas e anti-causativas. Já REINHART & SILONI (2004) negam a “análise inacusativa dos reflexivos”, sustentando que o sujeito das construções reflexivas compartilha características com os sujeitos de verbos inergativos, mais que com os de verbos inacusativos. Como evidência, recorrem ao teste de inacusatividade que se obtém a partir da construção russa pela qual um argumento verbal apresenta caso genitivo sob escopo da negação sentencial. Como apontado por PESETSKY (1982), apenas argumentos internos dos predicados negados apresentam caso genitivo em russo. E, embora verbos inacusativos e reflexivos são morfologicamente idênticos muitas vezes em russo, somente o sujeito de verbos inacusativos ocorrem com o genitivo de negação:

- (4.22) a. Ne objavilos' studentov.
 NEG aparecer estudantes.GEN.
 “Os estudantes não apareceram.”
 (Cf. REINHART & SILONI, 2004: 31a)
- b. *Ne pomylos' studentov.GEN.
 NEG lavar estudantes.
 (Cf. REINHART & SILONI, 2004: 31b)
- c. Ne pomylos' studenty.NOM.
 NEG lavar estudantes.
 “Os estudantes não se lavaram.”
- d. *Ne tancevalo studentov.
 NEG dançar estudantes.GEN.
 (Cf. REINHART & SILONI, 2004: 31c)
- e. Ne tancevalo studenty.
 NEG dançar estudantes.NOM.
 “Os estudantes não dançaram.”

Além deste teste, Reinhart & Siloni apresentam outros fatos para sustentar que sujeitos de verbos reflexivos não são argumentos internos promovidos.²¹

21 REINHART & SILONI (2004) apresentam vários testes; menciono aqui apenas os que considerei mais interessantes.

Em Hebraico, como observou SHLONSKY (1987), enquanto alguns sujeitos pós-verbais requerem um XP antes do verbo, há outros que não requerem tal elemento: estes últimos são os sujeitos de verbos inacusativos e passivos. Isto é, pode-se dizer que esses sujeitos são argumentos internos. Sujeitos de construções reflexivas, no entanto, não permitem essa inversão, tal como os sujeitos de verbos inergativos – que são argumentos externos:

(4.23) a. Nishbar mashehu.

Quebrar algo

“Alguma coisa quebrou.”

b. Ne'ecru shlosa xayalim ba-hafgana.

Foram-presos três soldados na demonstração.

“Foram presos três soldados na demonstração.”

c.*Rakdu shlosa yeladim ba-mesiba.

Dançaram três garotos na festa.

d.*Hitlabshu shalosh dugmaniyot ba-knisa.

Vestiram-se três modelos na entrada.

(cf. REINHART & SILONI, 2004: 28)

Um outro argumento apresentado por Reinhart & Siloni refere-se ao sufixo *-er* em inglês: como se sabe, este sufixo só pode ser aplicado a predicados que possuam um argumento externo, derivando o que se chama de *agent nominals*. Como é de se esperar, nomes com *-er* podem ser derivados de predicados reflexivos:

(4.24) a. She runs so fast because she is an experienced runner.

b.*She moves so gracefully because she is an experienced mover.

c. She dresses slowly because she is an elegant dresser.

(cf. REINHART & SILONI, 2004: 32)

No tipo de abordagem adotado por Reinhart & Siloni, o sincretismo passivo-reflexivo é explicado a partir da ideia de que tanto construções reflexivas como inacusativas (anti-causativas) sofrem uma operação de redução – operação também proposta por CHIERCHIA (1989, 2004). Embora para Chierchia e REINHART (1997) a operação seja lexical, REINHART & SILONI (2004) assumem que o lugar de realização dessa operação varia. Nas línguas românicas, o reflexivo SE – que é um morfema sincrético nestas línguas – pode ocorrer em reflexivizações com argumentos em configuração de ECM (Marcação Excepcional de Caso), como em (4.25a) abaixo. Isso torna complicada a análise lexical do fenômeno, se se adota a suposição de que a reflexivização lexical só pode envolver a ligação entre dois argumentos do mesmo predicado – o que não é o caso em construções reflexivas que envolvem ECM. Para Reinhart & Siloni, portanto, a redução é sintática nas línguas românicas. Já em línguas como o hebraico, não é possível reflexivizar em contextos de ECM (4.25b), sendo necessário o uso de uma anáfora *in situ* (4.25c). Nessas línguas, é provável que a ocorrência de marcas de reflexivização no verbo seja consequência de uma operação lexical.

- (4.25) a. Jean se considère intelligent.
 Jean SE considera inteligente.
 "Jean se considera inteligente."
- b. *Dan misxashev 'intiligenti.
 Dan considera.REFL inteligente.
- c. Dan maxshiv'et 'acmo 'intiligenti.
 Dan considera ele-próprio inteligente.
 "Dan se considera inteligente."

Assim, no caso de uma língua como o hebraico, uma entrada transitiva (4.26a) sofre a operação de Redução Lexical e forma uma entrada intransitiva (4.26b):

- (4.26) a. $V\langle\theta_1, \theta_2\rangle$
 b. Redução: $R(V)\langle\theta_1\rangle$
 $(R(V)(x)) \leftrightarrow \lambda x[V(x, x)]$
 Redução de caso

Entretanto, segundo Reinhart & Siloni, no caso de línguas como o francês, a morfologia reflexiva também absorve o Caso do verbo no léxico, mas a redução temática fica a cargo da Forma Lógica. A explicação para essa diferença de análise está na discrepância entre o número de papéis temáticos que o verbo deve atribuir e o número de Casos disponíveis. O verbo entra na numeração com dois papéis temáticos para atribuir, porém um único caso, já que o SE absorveu um dos casos disponíveis (4.27b). Sendo assim, a operação de redução se realiza na Forma Lógica e identifica os dois papéis temáticos ao único DP tomado como argumento do verbo (4.27c).

- (4.27) a. $V\langle\theta_1, \theta_2\rangle$
 b. Numeração: $\{\dots I \dots SE V(\theta_1, \theta_2), \{DP\}\}$
 SE: Absorção de Caso.
 c. LF: $[DP_{(\theta_1, \theta_2)} SE V+I \dots]$

O mecanismo de redução temática em LF obviamente viola a formulação tradicional do Critério Temático, uma vez que dois papéis temáticos são atribuídos a um argumento. Contudo, de acordo com propostas mais recentes dentro do Programa Minimalista, esse tipo de critério não é indispensável e suas consequências podem ser derivadas por módulos independentes da teoria (cf. CHOMSKY, 1995; REINHART & REULAND, 1993; entre outros)²².

De acordo com a teoria, verbos reflexivos e anti-causativos são derivados da mesma operação. Isso supõe a semântica dos inacusativos apresentada em CHIERCHIA (2004), de que verbos inacusativos apresentam algum tipo de reflexividade. Essa “reflexividade” dos inacusativos é formalizada em KOONTZ-GARBODEN (2009), conforme discutiremos mais adiante.

4.2.1. Implementando aos dados do Georgiano

Agora, procuremos imaginar como a abordagem proposta por Reinhart & Siloni poderia ser utilizada para o sincretismo georgiano. Como já mencionamos antes, o morfema *-i-* em georgiano não é capaz de – por si só – reflexivizar um predicado. Para que haja uma construção reflexiva, é necessária a ocorrência do substantivo *tav*, que significa “cabeça”, e

²² Contudo, a autora não apresenta nenhuma alternativa ao Critério Temático tradicional.

que pode ser tratado como um elemento anafórico no caso de reflexivas. Logo, a construção reflexiva em georgiano envolve **dois** elementos cuja função precisa ser explicada: o morfema sincrético *-i-* e o elemento anafórico *tav*.

Lembremos que o morfema *-i-* pode ser tomado como um elemento que indica/licencia algum tipo de interpretação reflexiva. Os dados abaixo ilustram contextos de ocorrência do morfema em que há certa leitura reflexiva:

- (4.28) a. Avtandil-i tavs-**s** she- i- gheb -av -s.
 Avtandil-NOM casa-ACU pvb-vpr-pintar-tema-3s.
 "Avtandil se pintará."
- b. Avtandil-i saxl-**s** she- i- gheb -av -s.
 Avtandil-NOM casa-ACU pvb-vpr-pintar-tema-3s.
 "Avtandil pintará a casa para si."
- c. Avtandil-i saxl-**s** she- i- gheb -av -s.
 Avtandil-NOM casa-ACU pvb-vpr-pintar-tema-3s.
 "Avtandil pintará a sua casa."

Enquanto em (4.28a), temos uma construção reflexiva comum, com sujeito e objeto direto co-indexados, em (4.28b) é possível interpretar algum grau de reflexividade entre o sujeito e um argumento beneficiário da ação que não é expresso sintaticamente. Em (4.28c), formalmente idêntica à (4.28b), também pode haver reflexividade, no sentido de que há a interpretação de que o sujeito possui o objeto, ou seja, de que o sujeito atua sobre algo que lhe pertence.

Em suma, o morfema *-i-* participa de várias construções que envolvem algum tipo de reflexividade. Entretanto, a operação de redução tal como é proposta em CHIERCHIA (2004) e REINHART & SILONI (2004) não é capaz de prever estas construções em (4.30), como mostraremos a seguir.

O dado em (4.28a), correspondente a uma construção reflexiva comum, apresenta o morfema *-i-* e o anafórico *tav*. Suponha que a redução seja lexical em georgiano. De acordo com o que é proposto em REINHART & SILONI (2004), sendo a vogal pré-radical *-i-* o elemento sincrético, é ela que deve marcar a operação de redução de argumentos do verbo ($R(V)(x) \leftrightarrow \lambda x[V(x,x)]$) realizada no léxico. Além dessa operação, é necessária a redução de

caso, conforme apontado no esquema em (4.26) acima.

À primeira vista, pode-se dizer que essa Redução de Caso é satisfeita, em georgiano, pela inserção do elemento *tav* na sentença como um expletivo. Com efeito, pode servir como indício disso o fato de *tav* carregar apenas marca de caso (não de gênero, nem de pessoa) e de ser, de certo modo, vazio de significado na presença de *-i-* (ainda que seja um nome que significa “cabeça” em outros contextos).

Entretanto, a análise de Reinhart & Siloni supõe que os verbos anti-causativos também resultem da mesma operação. Se isso ocorre em georgiano, o que explicaria a ausência de *tav* em construções anticausativas como nos exemplos a seguir?

(4.29) a. Saxl-i i-rts'qv-eb -a.

Casa-NOM vpr-alagar-tema-3s

“A casa está alagando.”

b. *Saxl-i tav -s i-rts'qv-eb -s.

Casa-NOM refl-ACU vpr-alagar-tema-3s.

A linha teórica que apresentamos no momento não apresenta recursos que permitam supor a diferença entre uma construção reflexiva e um anti-causativa em georgiano: embora as construções reflexivas não sejam morfologicamente distintas das anti-causativas nas línguas românicas ou no hebraico, elas o são em georgiano, em que reflexivas são marcadas com *tav*, e anticausativas não. Isso, a nosso ver, evidencia alguma diferença entre essas duas construções²³.

Como acabamos de ver, para estender a abordagem de Reinhart & Siloni para as construções reflexivas canônicas do georgiano (em (4.28a)), é preciso supor que *tav* seja um expletivo que marque a redução de caso – o que explica a sua presença. Pois, nas demais construções com *-i-* que envolvem algum tipo de reflexividade (dados em (4.28b,c)), é necessário explicar a *ausência* de *tav*. Tanto em (4.28b) quanto em (4.28c), há dois argumentos realizados sintaticamente, o sujeito (agente) e o objeto direto (tema/paciente), não havendo co-indexação entre eles. À presença do morfema *-i-* é atribuída a interpretação reflexiva explicada anteriormente. Para dar conta dessa reflexividade, poderíamos dizer que a

²³ Conforme apontado por Sergio Menuzzi (comunicação pessoal), a diferença entre anti-causativas e reflexivas parece se reproduzir de alguma forma nas línguas românicas: no caso de uma reflexiva, *se* pode ser convertido num NP reflexivo completo, cf. *João se viu no espelho/João viu a si mesmo no espelho*; mas isso não é possível com uma anticausativa, cf. *A porta se abriu com o vento/*A porta abriu a si mesma com o vento*.

operação de redução marcada por -i- não apenas associa sujeito a objeto direto, mas também pode associá-lo a um argumento beneficiário do verbo e, ainda, a possessivos relacionados ao objeto direto. Estas duas últimas operações seriam algo como o que representamos em (4.30) e (4.31) respectivamente:

(4.30) a. $\lambda e \lambda x \lambda y \lambda z [P(e) \ \& \ \text{AGENTE}(x, e) \ \& \ \text{PACIENTE}(y, e) \ \& \ \text{BENEFICIÁRIO}(z, e)]$

b. $R(V)(x, z) = \lambda e \lambda x \lambda y [P(e) \ \& \ \text{AGENTE}(x, e) \ \& \ \text{PACIENTE}(y, e) \ \& \ \text{BENEFICIÁRIO}(x, e)]$

(4.31) a. $\lambda e \lambda x \lambda y \lambda z [P(e) \ \& \ \text{AGENTE}(x, e) \ \& \ \text{PACIENTE}(y, e) \ \& \ \text{PARTE-DE}(z, y)]$

b. $R(V)(x, z) = \lambda e \lambda x \lambda y [P(e) \ \& \ \text{AGENTE}(x, e) \ \& \ \text{PACIENTE}(y, e) \ \& \ \text{PARTE-DE}(x, y)]$ ²⁴

Se, no caso das reflexivas canônicas, *tav* está sendo utilizado para absorver o caso não reduzido pela operação, o que impede *tav* de ser inserido nas construções acima representadas?

Embora esse argumento não seja forte o suficiente para negar qualquer possibilidade de análise de -i- conforme a teoria da redução lexical, revela que uma mera implementação técnica da análise proposta por Reinhart & Siloni não será suficiente para explicar os dados do georgiano.

Na verdade, um outro elemento básico da teoria da redução argumental, a idéia de que anticausativos sejam, em algum sentido, “reflexivos subjacentemente” – sugerida por CHIERCHIA (2004) e desenvolvida por KOONTZ-GARBODEN (2009) – também apresenta problemas de implementação. Segundo KOONTZ-GARBODEN (2009), a semântica de um verbo anticausativa – resultante da operação de “redução por identificação argumental” – deve ser algo como (4.32):

(4.32) $\lambda x \lambda s \lambda e [\exists v [\text{CAUSE}(v, e) \ \wedge \ \text{EFFECTOR}(v, x) \ \wedge \ \text{BECOME}(e, s)]$

²⁴ Essa formalização é *ad hoc* e não tem o intuito de ser definitiva e muito menos de ilustrar a real semântica de uma construção de posse. Trata-se apenas de um modo hipotético de ilustrar como atuaria uma suposta operação de redução nesse tipo de construção.

^THEME (s, x)]]

Por esta semântica, um anticausativo como *quebrar-se* deveria ser um reflexivo em que os papéis de tema e de EFFECTOR seriam exercidos por um único argumento. Entretanto, como observa RIBEIRO (2009), é possível manter o SE na construção mesmo quando o EFFECTOR (um papel semântico que representa o agente/instrumento do subevento de causa) é expresso como outra entidade, ou seja, quando a causação não é interna em verbos anticausativos:

- (4.33) a. Pedro **se** machucou *com a faca*.
 b. O vidro **se** quebrou *com a explosão*.

(cf. RIBEIRO, 2009)

O mesmo tipo de fenômeno também pode ser verificado em russo²⁵ e kannada:

- (4.34) Okno razbilo-**s'** iz-za vetra.
 Janela quebrar-reflx por_causa_de vento.
 "A janela se quebrou com o vento." (russo)

- (4.35) *gaaL -ige* baagil-u much -i **-koND-**itu
 Vento-DAT porta -NOM fechar-PP-SIN -3SN
 "A porta fechou com o vento."

(cf. LIDZ, 2001: 18a)

Embora esta observação não “prove” que não há algum tipo de reflexivização nas construções anti-causativas, ela mostra que (4.32) não pode ser a maneira correta de representar tal reflexivização. Além disso, a ocorrência de *tav* em reflexivas do georgiano e sua ausência em anti-causativas também indica a existência de diferenças entre os dois tipos de construção.

Em síntese, a teoria de REINHART & SILONI (2004) é baseada na idéia de que há algum fenômeno semântico comum a construções reflexivas e anticausativas, em oposição a EMBICK (1998, 2004), que considera que o que há em comum é uma propriedade sintática. A proposta de EMBICK (1998, 2004) é limitada porque se mostra de difícil extensão em

25 Dado de informante.

contextos em que parece implausível associar o morfema sincrético ao “sistema de voz” e de representação da transitividade – como nas construções de posse do georgiano, ou nas construções de sujeito beneficiário da ação, como foi apresentado na seção anterior.

Ao contrário disso, a ideia central da proposta que vimos nessa seção tem potencial para explicar o sincretismo destes contextos com o contexto de “reflexividade canônica” – em todos estes casos, estamos de fato lidando com a identificação entre posições argumentais. Contudo, a implementação técnica dessa ideia ainda é insuficiente para entender as diferenças de manifestação dos argumentos envolvidos (por que *tav* é obrigatório com reflexivos canônicos, mas não nas construções de posse). Além disso, e mais fundamentalmente, a ideia da “redução por identificação” enfrenta problemas quando se tenta estendê-la à construção anticausativa – precisamente aquela em que não parece plausível presumir que haja, necessariamente, algum tipo de “identificação entre papéis argumentais”.

4.3. Síntese

No presente capítulo apresentamos duas das principais teorias que buscam analisar uniformemente morfemas de sincretismo passivo-reflexivo. Além dessa exposição, buscamos implementar tais teorias aos dados do georgiano, mostrando os desafios que as construções com *-i-* apresentam para as mesmas. Buscamos sintetizar aqui alguns aspectos-chave dessas teorias, bem como os problemas apresentados pelos dados do georgiano.

Com relação à teoria de Embick, é crucial:

- A categoria sintática de *voz* (*Voice* ou *v*), com propriedades que codifiquem a generalização de Burzio e permitam a projeção ou não de um argumento externo.
- A Análise Inacusativa dos Reflexivos, que – nesse caso – não iguala reflexivos a inacusativos, mas simplesmente identifica como propriedade em comum a ambos o alçamento do argumento interno à posição de sujeito. No caso dos reflexivos esse alçamento é motivado por satisfazer a antecedência a uma anáfora e, no caso dos inacusativos, o alçamento é motivado por satisfazer a checagem de caso nominativo.
- As propriedades de inserção tardia de traços abstratos e forma fonológica, presentes no desenvolvimento teórico da Morfologia Distribuída.

Nessa teoria, a explicação para a inserção do morfema sincrético é a ausência de um DP pleno na posição de argumento externo. Em inacusativos e passivos, não há argumentos externos, satisfazendo a condição. Em reflexivas, de acordo com a teoria, o argumento externo é uma anáfora, um DP não-pleno, satisfazendo também a condição.

No caso do georgiano são dois os principais problemas:

- Incapacidade de explicar a ocorrência de *-i-* em construções com sujeito agente-beneficiário (ou reflexivas de Sujeito-Objeto Indireto, cf. AMIRIDZE, 2006).
- Incapacidade de explicar a existência de construções de posse em que o sujeito é agente.

Na teoria de Reinhart & Siloni, ressalta-se:

- A identificação entre verbos reflexivos e inacusativos por se sugerir que ambos são resultado da mesma operação: **Redução**.
- A Redução pode ser realizada no Léxico ou na Sintaxe, de acordo com a possibilidade que a língua apresenta de reflexivizar predicados com ECM.

Dois problemas principais dessa abordagem são:

- A teoria baseia-se na identificação semântica entre anti-causativos e reflexivos, por dizer que anti-causativos apresentam algum tipo de reflexividade em sua semântica. Entretanto, a representação dessa propriedade provou-se ser insuficiente para lidar com anti-causativas de causação externa. Além disso, construções passivas são impossíveis de serem analisadas seguindo tal representação.
- As construções reflexivas e anti-causativas do georgiano diferem-se quanto à transitividade: as reflexivas são transitivas, apresentando o anafórico *tav* como objeto direto. Isso é problemático para a teoria uma vez que ela depende de que construções anti-causativas e reflexivas apresentem estritamente a mesma forma.

No próximo capítulo concluímos a presente dissertação revisando as conclusões a que chegamos até o momento e apresentando duas alternativas não necessariamente excludentes de explicação para o sincretismo do morfema *-i-*

CAPÍTULO V

CAMINHOS PARA A EXPLICAÇÃO DO SINCRETISMO

No capítulo anterior apresentamos duas propostas teóricas para o sincretismo passivo-reflexivo. Vimos que ambas as propostas apresentam problemas ao lidar com dados de diferentes línguas e o principal: não conseguem explicar – em sua totalidade – os contextos de inserção do morfema -i- do georgiano.

Cabe ao presente capítulo concluir essa dissertação. Entretanto, como as atuais principais teorias acerca do sincretismo passivo-reflexivo não nos apresentaram soluções satisfatórias, apontamos aqui dois caminhos alternativos, que não se excluem e abrem outros horizontes para a abordagem do sincretismo passivo-reflexivo de um modo geral.

Iniciamos nossas “considerações finais” com uma relativamente longa recapitulação do conteúdo apresentado na dissertação (seções 5.1. e 5.2.). Essa recapitulação é conveniente para que o leitor atinja uma visão de conjunto nesse momento. Na seção 5.3. apresentamos as duas alternativas de análise para o morfema -i-. Em primeiro lugar, a abordagem de LIDZ (2001), baseada na interação entre diferentes níveis pré-sintáticos, que obteve resultados interessantes para o sincretismo do morfema -koL/-KoND- do kannada, que em muitos aspectos se assemelha ao -i- do georgiano. Posteriormente, apresentamos a hipótese de que os contextos de ocorrência de -i- tenham sido resultado de uma derivação diacrônica gradual, baseando-nos no trabalho de DE SCHEPPER (2007) para o SE indo-europeu.

5.1. O domínio empírico do sincretismo do morfema -i-.

De acordo com o que vimos no primeiro capítulo, a vogal pré-radical -i- é abordada em três momentos na gramática tradicional do georgiano. O primeiro refere-se à *versão* verbal, ou seja, ao uso de vogais-pré radicais que indicam propriedades argumentais dos verbos. Nesse caso, -i- marca o que chamam de *versão subjetiva*, em oposição às outras versões (*neutra, objetiva e locativa*).

Retomando: as *versões* verbais – tradicionalmente consideradas como parte do sistema flexional dos verbos em georgiano – são marcas que indicam/licenciam propriedades

argumentais dos verbos. Em síntese, a versão *neutra*, marcada pela vogal pré-radical -a- ou pela ausência de vogal pré-radical, não indica nenhuma propriedade argumental além das previstas pelo próprio lexema verbal.²⁶ A versão *objetiva* licencia um argumento beneficiário sem a necessidade da posposição introdutora de beneficiários, *-tvis*. Nessa versão, o verbo é marcado com a vogal pré-radical -u-, quando o objeto beneficiário está na terceira-pessoa, ou -i-, quando nas demais pessoas. Na versão *locativa* licencia-se um argumento locativo, e os verbos são marcados com -a-. Retomemos alguns exemplos do uso dessas versões:

(5.1) **Versão Neutra (sem vogal pré-radical²⁷)**

a. Davit-i ts'ign-s ts'er -s.

David-NOM livro -ACU escrever-3s.

"O David está escrevendo um livro."

b. Davit-i s -ts'er -s ts'eril-s mshobleb-s.

David-NOM 3sOI-escrever-3s carta -ACU pais -DAT.

"O David está escrevendo uma carta aos pais."

(5.2) **Versão Objetiva (vogais pré-radicais -u- e -i-)**

a. Davit-i u -ts'er -s ts'ign-s

David-NOM vpr-escrever-3s livro -ACU

k'omunist'-eb-s.

comunista -pl-DAT.

"O David está escrevendo o livro em prol dos comunistas."

b. Davit-i chem i -ts'er -s ts'ign-s.

David-NOM eu.DAT vpr-escrever-3s livro -ACU.

"O David está escrevendo o livro por mim."

(5.3) **Versão Locativa (vogal pré-radical -a-)**

Davit-i a -ts'er -s raime-s magida-s.

David-NOM vpr-escrever-3s algo -ACU mesa -DAT.

"O David está escrevendo alguma coisa na mesa."

²⁶ Ver discussão no Capítulo 1.

²⁷ Embora a vogal -a- possa ocorrer na como marca de *versão neutra* em alguns verbos.

Enquanto as versões *neutra*, *objetiva* e *locativa* apresentam-se com uma definição mais clara, a versão *subjativa*, marcada com *-i-*, possui uma caracterização complicada. Ao contrário das demais versões que licenciam ou não argumentos 'extras' para o verbo, a versão subjativa parece relacionar de alguma forma o sujeito ao objeto do verbo: a versão subjativa permite que o sujeito seja lido como possuidor do objeto ou, então, que a ação seja percebida como tendo sido realizada pelo sujeito em seu próprio benefício. Os dados abaixo ilustram o fenômeno:

- (5.4) a. Shen rotsa shen-s saxl-s she-gheb -av ?
 Tu quando teu -ACU casa-ACU pvb-pintar-tema.
 "Quando tu_i vais pintar a tua_i casa?"
- b. Shen rotsa saxl-s she-**i** -gheb -av?
 Tu quando casa-ACU pvb-**vpr**-pintar-tema.
 "Quando tu vais pintar a tua casa?"
 "Quando vais pintar a casa para ti?"

Em (5.4a) há uma construção na versão neutra, com a relação de posse entre o sujeito e o objeto sendo marcada pelo pronome possessivo de segunda pessoa *shen*. Essa mesma relação é expressa em (5.4b) com o uso da vogal pré-radical *-i-*. Entretanto, em (5.4b) há uma outra possibilidade de leitura, em que o sujeito – que é o agente da ação – é interpretado como sendo, além disso, o beneficiário dela.

Lembremos, ainda, que verbos na versão subjativa também formam construções reflexivas, sinalizadas simultaneamente pela presença do substantivo *tav* ('cabeça'): da mesma forma que *-i-* substitui o pronome possessivo em (5.4), também substitui o pronome possessivo com escopo sobre *tav* em 5.5), e a sentença continua sendo reflexiva, cf. (5.6):

- (5.5) Sulel -o , **shen-s tav -s** gheb-av!
 Idiota-VOC, **teu -ACU cabeça-ACU** pintar-tema.
 "Seu idiota, estás pintando a ti mesmo!"
- (5.6) Sulel -o , **tav -s i** -gheb -av!
 Idiota-VOC, **cabeça-ACU vpr**-pintar-tema.

"Seu idiota, estás pintando a ti mesmo!"

O segundo aspecto do uso do morfema *-i-* que merece atenção da gramática tradicional georgiana é enquanto marca de verbos da classe II – os anticausativos. Como vimos, existem três tipos morfológicos de verbos da classe II: além dos formados com a vogal pré-radical *-i-*, há os formados com o sufixo pós-radical *-d-* e os que formados sem nenhum afixo entre a raiz e o tema ou entre a raiz e as marcas de concordância. É comum encontrar nos três tipos o tema *-eb*:

- (5.7) a. da **-i** -zrd **-eb** -a. (X crescerá)
pvb-**vpr**-levantar-**tema**-3s.
- b. ga -did **-d** **-eb** -a. (X aumentará)
pvb-aumentar-spr-tema-3s.
- c. she-tb **-eb** -a. (X esquentará)
pvb-esquentar-**tema**-3s.

Finalmente, o terceiro aspecto observado pelos gramáticos é que *-i-* também ocorre na marcação dos tempos aoristos e futuros de verbos de classe III – atividades/inergativos:

- (5.8) a. Dghes mama dzalian lap'arak' -ob -s.
Hoje pai.NOM muito falando -tema-3s.
"O pai está falando demais hoje."
- b. Dghes mama-m dzalian **i** -lap'arak'-a.
Hoje pai -ERG muito **vpr**-falar -3s.
"O pai falou demais hoje."
- c. Dghes mama dzalian **i** -lap'arak'-eb -s.
Hoje pai muito **vpr**-falar -tema-3s.
"O pai vai falar demais hoje."

Embora a gramática tradicional do georgiano divida, de certo modo, em três grupos os

contextos de ocorrência de -i- e os trata de maneira separada, procuramos mostrar que há fenômenos que indicam uma suposta relação entre os contextos de inserção de -i-. Isso sugere que -i- seja um morfema sincrético, passível de ser analisado de modo “uniforme”.

De fato, o ponto de partida da presente dissertação reside na possibilidade de que o morfema -i- seja mais um caso do conhecido sincretismo passivo-reflexivo (que abrange construções passivas, anticausativas e reflexivas), bastante comum nas línguas do mundo. Além disso, a ocorrência desta mesma marca em construções que licenciam a interpretação de posse é um fenômeno observado em outras línguas – e, nesses casos, procura-se também analisar o morfema sincrético uniformemente, como no caso do Kannada na análise de Lidz (LIDZ, 2000, 2001):

(5.9) a. **Reflexiva**

hari-yu tann-annu hoDe -du-koND-a
 Hari-NOM refl-ACU agredir-PP-**SIN** -3SM
 “Hari se agrediu.”

b. **Anticausativa**

gaaL-ige baagil-u much -i -koND-itu
 Vento-DAT porta -NOM fechar-PP-**SIN** -3SN
 “A porta fechou com o vento.”

c. **Posse**

hari-yu kannu-gal-annu tere -du-koND-a
 Hari-NOM olho -pl -ACU abrir-PP-SIN -3SM.
 “Hari abriu seus olhos (com um instrumento).”

Por conta desses fatos, no decorrer desta dissertação -i- foi considerado como um caso de sincretismo passivo-reflexivo, o que nos leva a investigar as possibilidades de implementarmos uma análise uniforme para o morfema. Os resultados dessa investigação são sintetizados a seguir.

5.2. Os Problemas das Análises Uniformizantes Correntes

A ocorrência de -i- em construções reflexivas, anti-causativas e construções de posse, conforme dito anteriormente, sugere que -i- tenha um status parecido com o de morfemas sincréticos de outras línguas: o SE românico, o *sja* eslávico, a concordância não-ativa do albanês e do grego, etc.

Sem levar em conta os contextos de inserção de -i- enquanto marca de tempo – uma vez que acreditamos que nesses casos há uma extensão analógica e não real do sincretismo²⁸ –, foram testadas as implementações de duas teorias correntes acerca do sincretismo passivo-reflexivo para os dados do georgiano, na busca de uma análise uniforme para -i-. A primeira teoria – baseada em EMBICK (1998, 2004) – relaciona o sincretismo passivo-reflexivo a um fenômeno de sincretismo de voz; a segunda – baseada em REINHART (1997) e REINHART & SILONI (2004) – relaciona o sincretismo à reflexividade.

No Capítulo 4 mostramos que esses tipos de análise, além de serem problemáticas para os dados do georgiano, são problemáticas em si mesmas. Abaixo sintetizo essas conclusões.

5.2.1. O Sincretismo Passivo-Reflexivo enquanto Sincretismo de Voz.

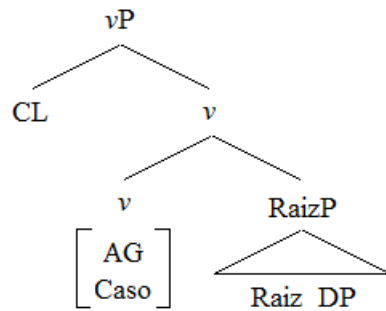
Tratar o sincretismo passivo-reflexivo sintaticamente, unificando-o por meio da noção de voz, é basear-se na existência de uma categoria funcional específica (*v*, Voice) e de expoentes dessa categoria pertinentes à projeção do agente e argumento externo do verbo. Como apresentamos no capítulo anterior, em EMBICK (1998, 2004) é proposto que em *v* podem ocorrer dois traços diferentes, [Ag] – que licencia a interpretação de um argumento agente no predicado – e [Caso] – que licencia um argumento externo para o verbo. Nesse sentido, verbos transitivos apresentam em *v* ambos os traços, uma vez que possuem um argumento externo agente. Verbos passivos apresentam apenas o traço [Ag], uma vez que não possuem argumento externo, mas sim um agente que pode não se realizar sintaticamente ou se realizar na forma de um argumento obliquo, denominado agente da passiva. Verbos anticausativos não possuem nenhum dos dois traços, uma vez que não apresentam leitura agentiva e nem argumento externo.

EMBICK (1998) procura explicar, com isso, a inserção da concordância não-ativa do grego moderno, que ocorre com verbos passivos, anti-causativos e reflexivos. É crucial para a análise a derivação de construções reflexivas sugerida pelo autor, que se baseia na conhecida

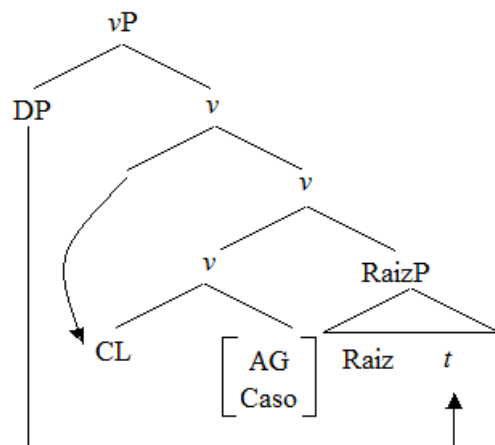
28 Como apresentado na seção 3.2. do terceiro capítulo.

Análise Inacusativa dos Reflexivos: nela, verbos reflexivos possuem os mesmos traços em v que os transitivos ([AG], [Caso]); entretanto, se se postula que na posição de argumento externo encontra-se um clítico ou uma anáfora reflexiva, os verbos reflexivos tornam-se inacusativos, pois seu argumento interno precisa ser alçado à posição de sujeito:

(5.10) a.



b.



Sendo assim, tanto verbos reflexivos como passivos e anticausativos são caracterizados pela ausência de um argumento externo que seja um DP pleno (não-anafórico). EMBICK (1998) propõe, então, uma regra que insere um traço abstrato em v quando há contextos como esses – isto é, quando a estrutura sintática é caracterizada pela ausência de um DP pleno como argumento externo. Com as propriedades de subespecificação e inserção tardia de formas lexicais no modelo da Morfologia Distribuída, é possível então explicar a inserção de uma mesma marca em passivas, reflexivas e anticausativas: trata-se de um mesmo *item de vocabulário* especificado para o traço abstrato inserido em v na ausência de um argumento externo DP pleno. No caso da marca de concordância não-ativa para terceira

pessoa do singular no grego moderno *-ete*, podemos formalizar o processo da seguinte forma:

(5.11) a. **Inserção do Traço Abstrato [NAt]**

$v \rightarrow v-[NAt]$ / ____ Argumento externo DP pleno ausente.

b. **Item de Vocabulário**

/ete/ \rightarrow [NAt]; [Pres]; [-Actor]; [-Participant]; [-pl]

EMBICK (2004) propõe que a mesma análise seja estendida para outras línguas. Entretanto, mostramos no capítulo anterior que, para os dados do georgiano, esta extensão é problemática por uma razão: embora a teoria permita explicar a ocorrência de *-i-* em anticausativas e médias e reflexivas, não parece fácil estendê-la para as construções com leitura de posse e de sujeito agente-beneficiário, que consideramos no momento serem construções diferentes²⁹.

Para AMIRIDZE (2006) as construções de sujeito agente-beneficiário são consideradas construções reflexivas de sujeito e objeto indireto. Sendo assim, há nelas um objeto indireto beneficiário co-indexado com o sujeito, não expresso sintaticamente, mas evidenciado pela presença de *-i-*. Como já mencionamos no capítulo anterior, uma forma de explicar essas construções seguindo AMIRIDZE (2006), dentro da proposta de Embick aqui apresentada, é proposta em LAZZARINI CYRINO (2008): de acordo com esta proposta, a derivação desse tipo de construção seguiria a derivação de reflexivas ilustrada em (5.10).

No entanto, esta proposta enfrenta problemas sérios. Em primeiro lugar, no caso de verbos com sujeito agente-beneficiário, há com *dois* argumentos internos – um direto e outro indireto –, além da anáfora não expressa fonologicamente como argumento externo; e o argumento interno que se move não é o argumento interno *direto*, mas o *indireto* – nisso, a estrutura difere de (5.10). E esta diferença cria um problema para os mecanismos assumidos de checagem de casos. É importante lembrar que a análise inacusativa dos reflexivos obriga a anáfora na posição de argumento externo a checar o caso acusativo do verbo, fazendo com que o argumento interno seja deslocado à posição de sujeito para checar o caso nominativo. No caso das construções de sujeito agente-beneficiário, se essa mecânica mesma fosse aplicada, o objeto direto do verbo não poderia ser realizado, uma vez que o caso acusativo do verbo já teria sido checado pela anáfora “abstrata” na posição de argumento externo. Além

²⁹ Ao lidar com essa análise, não considerei a possibilidade de que as construções de sujeito agente-beneficiário possam ser, na verdade, leituras inferidas das construções de posse. Mas, mesmo que se esse fosse o caso, as construções de posse continuam apresentando problemas para a teoria de sincretismo de voz proposta pro Embick. Logo, não há diferença, em termos de aplicabilidade da teoria aos dados do georgiano,

disso, poder-se-ia argumentar que o argumento interno *objeto indireto* não teria seu caso (dativo) checado pela anáfora – razão pela deveria poder permanecer *in situ*.

Também as construções de posse não podem ser explicadas segundo a teoria em questão. Consideremos as duas sentenças abaixo, ambas possíveis:

- (5.12) a. Igi gaaptrebul-i da mo- i- chr -a
 Ele furioso -NOM e pvb-vpr-cortar-aor.3s
 pex -i dan -it.
 Perna-ABS faca-INS.
 “Ele ficou furioso e cortou sua (própria) perna
 com uma faca.”
- b. Dato pex -s i- ch'r -s.
 Dato.NOM perna-ACU vpr-cortar-3s3s.
 “Dato corta a perna. (num acidente)”

Se apenas construções com sujeito não-agentivo como (5.12b) fossem possíveis, poderíamos dizer que em georgiano ocorre o mesmo tipo de fenômeno que ocorre em português, de alçamento do possuidor em verbos inacusativos (“*O João quebrou a perna*” vs. “*A perna do João quebrou*”)³⁰. Entretanto, como há produtividade em dados como (5.12a), com sujeito agente, não há nenhuma forma de garantir a inexistência de um argumento externo que não seja um DP-pleno não-derivado nestas construções – portanto, para estes casos é difícil sustentar que é uma estrutura como (5.10) o que licencia a inserção de -i-.

Além dos problemas vistos com os dados do georgiano, a análise em termos de *voz* também não é capaz de explicar a distribuição do SE das línguas românicas, que apresenta o mesmo sincretismo que a morfologia não-ativa do grego. Como discutido anteriormente na dissertação, se SE é considerado apenas um morfema de *voz*, não há como dar conta de seu caráter anafórico; se, por outro lado, SE é considerado apenas uma anáfora, não há como explicar sua ocorrência em construções anticausativas – em que se não é um argumento semântico do verbo coindexado com o sujeito da sentença. Por fim, se há dois SEs, uma anáfora e uma marca de *voz*, não apenas ficamos com uma homofonia sem explicação como também não há nada que impeça a derivação de sentenças totalmente agramaticais, como a seguinte:

30 Fenômeno abordado em KATO (1989, 2008) e CANÇADO & NEGRÃO (2010), entre outros.

(5.13) * João_{i,k} [_{VP} se_i [_v se] [_v lavou t_k.]

A seguir, sintetizamos uma outra proposta encontrada existente na literatura para a análise de sincretismos passivo-reflexivos. Trata-se da teoria REINHART (1997) e REINHART & SILONI (2004), baseada em CHIERCHIA (2004; originalmente, 1988), segundo a qual os contextos de ocorrência do morfema sincrético compartilham entre si uma semântica de reflexividade.

5.2.2. O Sincretismo Passivo-Reflexivo enquanto um fenômeno de Reflexividade.

Anteriormente discutimos a possibilidade de se tratar do sincretismo de -i- como um sincretismo de voz. Como vimos, esse tipo de análise é frustrado por não dar conta da distribuição de -i- em construções de posse, nem de suas leituras de sujeito agente-beneficiário. Além disso, a teoria também enfrenta problemas quando o morfema sincrético pertence ao inventário de anáforas da língua (como o SE românico).

Retomemos agora a abordagem que se opõe à do sincretismo de voz. Na abordagem de REINHART & SILONI (2004), a generalização que se procura explorar é a de que o sincretismo passivo-reflexivo é um fenômeno de reflexividade. A análise se opõe à de EMBICK (1998), por exemplo, por defender que o sujeito dos verbos reflexivos não se identifica com o de inacusativos – o que exclui a **análise inacusativa dos reflexivos**, crucial para o tratamento de construções reflexivas num sistema de sincretismo de voz. Para REINHART & SILONI (2004) a explicação para ocorrência do mesmo morfema em construções reflexivas, anti-causativas e passivas baseia-se na proposta em CHIERCHIA (2004) de que reflexivos e anti-causativos compartilham da mesma semântica, resultante da operação de redução argumental aplicada a entradas bi-argumentais:

- (5.14) a. $V \langle \theta_1, \theta_2 \rangle$
 b. Redução: $R(V) \langle \theta_1 \rangle$
 $(R(V)(x)) \leftrightarrow \lambda x [V(x, x)]$
 c. Redução de caso

Para REINHART & SILONI (2004), no entanto, esse tipo de operação não deve ser somente lexical: há línguas que requerem que a operação seja sintática: isso se faz necessário por causa da observação de WASOW (1977) sobre a impossibilidade de afetar, por meio de

operações lexicais, sujeitos de predicados subordinados em ECM. Entretanto, tais sujeitos podem ser expressos pelo SE românico, como em “Ele se_i considera t_i inteligente”. Por conta disso, as autoras propõem que haja também uma operação de redução argumental aplicada na sintaxe, representada abaixo:

- (5.15) a. $V\langle\theta_1, \theta_2\rangle$
 b. Numeração: $\{\dots I \dots SE V(\theta_1, \theta_2), \{DP\}\}$
 SE: Absorção de Caso.
 c. LF: $[DP_{(\theta_1, \theta_2)} SE V+I\dots]$

Deixando de lado as discussões técnicas acerca dos mecanismos de redução argumental e também do algoritmo semântico envolvido nesse tipo de teoria, discutidos anteriormente, voltamos para a questão central acerca da aplicabilidade dessa análise ao georgiano: a semelhança que a teoria supõe, especialmente a de natureza semântica, entre anti-causativos e reflexivos auxilia na compreensão dos usos do morfema *-i-* em georgiano?

Como na proposta de Embick, a análise de Reinhart & Siloni também supõe que anticausativas e reflexivas sejam construções estruturalmente idênticas – embora a semelhança agora seja a de que ambas são “estruturas reflexivas”. O fato de que anáforas são usadas para a construção anticausativa pode ser observado em diversas línguas, como nos exemplos abaixo:

(5.16) **Português**

- a. O João se lavou.
 SUJ REFL VERBO.
 b. A porta se abriu.
 SUJ REFL VERBO

(5.17) **Russo**

- a. Ivan kupal-sja.
 João lavou-REFL.
 SUJ VERBO-REFL.
 b. Dver' otkryla-s'.
 Porta abriu -REFL.
 SUJ VERBO -REFL.

(5.18) **Albanês**

- a. Gjonit lah -et.
O.João lava -REFL.3s.
SUJ VERBO-REFL
- b. Dera hap -et.
A.Porta abre -REFL.3s.
SUJ VERBO-REFL.

Entretanto, o que REINHART & SILONI (2004) não levaram em conta é que a semelhança atestada em (5.16)-(5.18) não se observa em *todas* as línguas. Já em EMBICK (1998, 2004), artigo debatido pelas próprias autoras, são encontrados os dados das construções reflexivas do grego moderno: estas apresentam, além da morfologia não-ativa, sincrética, o prefixo/anafórico *afto*:

- (5.19) a. I supa keg-ete.
A sopa esquentar-nAT.3s
"A sopa esquentada."
b. O Iannis afto-katastraf-ete.
O João ANAF-destruir -nAT.3s.
"O João se (auto)destrói."

Assim, os fatos do grego sugerem que, em algumas línguas, o elemento sincrético não é, por si, um elemento anafórico – portanto, a estrutura correspondente pode não ser ‘reflexiva’. Fatos semelhantes são revelados pelo georgiano: em construções anti-causativas, apenas o morfema -i- ocorre; em construções reflexivas, ocorrem -i- e o substantivo reflexivo *tav*:

- (5.20) a. Saxl-i i-rts'qv-eb -a.
Casa-NOM vpr-alagar-tema-3s
"A casa está alagando."
b. Shen **tav -s** i- gheb -av.
Tu reflx-ACU vpr-pintar-tema.
"Tu estás te pintando."

Como dissemos antes, parece não haver lugar na teoria de Reinhart e Siloni para

elementos como *afto* em grego, ou *tav* em georgiano. À primeira vista, poder-se-ia considerar *tav* ou *afto*, que não são especificados nem para gênero e nem para pessoa, como expletivos que marcam, de alguma forma, a operação redução de caso (5.14c). Mas isso não explica a ausência de *tav* (ou *afto*) em anti-causativas, uma vez que, para a teoria, as duas construções são obtidas a partir da mesma operação.

Além disso, os outros contextos em que -i- ocorre – as construções com sujeito agente-beneficiário e as construções de posse – requerem alguma explicação, já que não se acomodam de modo fácil à teoria da reflexividade. Isto é especialmente claro no caso das construções de posse, em que o elemento dependente anaforicamente não é um co-argumento do sujeito verbal.

5.2.3. Conclusão

Nas subseções precedentes, procuramos demonstrar que as duas principais linhas teóricas disponíveis para explicar o sincretismo passivo-reflexivo não dão conta da realização de -i- de modo satisfatório. As duas abordagens enfrentam problemas com as construções de posse e suas leituras de agente-beneficiário, que não parecem conciliáveis, nestas teorias, com a ocorrência de -i- em construções reflexivas e anticausativas. É preciso lembrar, ainda, que desconsideramos, até aqui, os casos em que -i- se emprega para marcar tempo (ou aspecto perfectivo) em verbos de classe III e IV (com o alomorfe -e-, que licencia argumentos dativos).

É necessário, por isso, que se explorem outros caminhos de análise. Nesse sentido, na próxima seção apresentamos duas hipóteses sobre o sincretismo passivo-reflexivo que parecem se aplicar melhor ao caso do morfema -i- do georgiano. Essas hipóteses, entretanto, encontram-se num estágio preliminar de desenvolvimento, e precisarão ser investigadas de modo mais profundo em pesquisa futura.

5.3. Possibilidades Alternativas de Explicação do Sincretismo Passivo-Reflexivo.

Observando os problemas enfrentados pelas duas teorias que consideramos anteriormente, é possível dizer que eles decorrem da tentativa de unificar em torno de uma única “construção modelo” diferentes aspectos da gramática que parecem estar envolvidos na ocorrência do morfema -i- em georgiano. No caso da teoria de EMBICK (1998, 2004), o sincretismo passivo-reflexivo se deve a uma propriedade sintática que deriva da ausência de

um DP pleno na posição de argumento externo, estando por isso associado à categoria funcional de voz (*v*). No caso da teoria REINHART & SILONI (2004), o sincretismo passivo-reflexivo é considerado como consequência da hipótese de que as construções anti-causativas são, na verdade, construções reflexivas passando, portanto, pela mesma operação de redução (lexical ou sintática, dependendo da língua).

Além disso, é preciso lembrar que nenhuma das teorias teria qualquer explicação para a ocorrência do morfema *-i-* como marca de tempo/aspecto em verbos de Classe III e IV.

Tudo isso sugere que a análise de *-i-* não deve se basear em uma identificação completa de construções ou de aspectos gramaticais subjacentes. Antes, parece concebível que o morfema sincrético seja caracterizado por diferentes propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas, e que estas sejam responsáveis por sua aparição em diferentes contextos. Tendo isso em mente, discutimos a seguir duas possibilidades de explicação: a primeira é a análise de LIDZ (2001), análise que se baseia num possível desencontro entre diferentes níveis de representação, restringindo menos a ocorrência do morfema sincrético. A segunda explicação não anula as demais, antes, num certo sentido, as integra – permitindo que as diferentes abordagens possam ser concomitantes. Trata-se de explicar a distribuição de *-i-* como consequência de uma derivação diacrônica gradual – hipótese que discutiremos a partir das sugestões de DE SCHEPPER (2007) sobre o SE românico.

5.3.1. Interação de diferentes níveis/componentes gramaticais

Em LIDZ (2001) encontra-se uma abordagem baseada na existência de diferentes níveis de representação de um evento e no mecanismo de correspondência entre eles. Antes de apresentar o funcionamento da proposta, vejamos alguns aspectos sobre o sincretismo passivo-reflexivo em kannada, para o qual se aplicaria a proposta em questão.

- (5.21) a. hari-yu **tann-annu** hoDe -du-**koND**-a
 Hari-NOM refl-ACU agredir-PP-SIN -3SM
 "Hari se agrediu."
 b. gaaL-ige baagil-u much -i **-koND**-itu
 Vento-DAT porta -NOM fechar-PP-SIN -3SN
 "A porta fechou com o vento."

Assim como em georgiano, em kannada ocorre em verbos anti-causativos, passivos e

reflexivos um morfema – *-koL-* ou *-koND-*, dependendo do tempo verbal – que é, por si só, incapaz de reflexivizar um predicado. Sendo assim, construções reflexivas com tal morfema requerem, além dele próprio, uma anáfora – *taan* – co-indexada ao sujeito. Os dados abaixo mostram a necessidade da ocorrência dos dois elementos para se obter uma construção reflexiva:

- (5.22) a. hari-yu **tann-annu** hoDe -du-**koND**-a
 Hari-NOM refl-ACU agredir-PP-SIN -3SM
 “Hari se agrediu.”
- b. *hari-yu hoDe -du-**koND**-a
 Hari-NOM agredir-PP-SIN -3SM
- c. *hari-yu **tann-annu** hoDe -du-a
 Hari-NOM refl-ACU agredir-PP-3SM

Além dessa característica, o morfema sincrético da língua ocorre em construções como a abaixo:

- (5.23) hari-yu kannu-gal-annu tere -du-koND-a
 Hari-NOM olho -pl -ACU abrir-PP-SIN -3SM.
 “Hari abriu os olhos (com um instrumento)/*por si próprio.”

A construção em (5.23) acima é uma construção de posse com causação externa, em que o sujeito possui o objeto sobre o qual atua. No caso do Kannada, é necessário que a posse seja inalienável, o que acarreta na agramaticalidade do dado abaixo em (5.24):

- (5.24) *raaju angiy -annu hari -du-koND-a
 Raaju.NOM camisa-ACU rasgar-PP-SIN -3SM
 “Raaju rasgou sua camisa.”

Claramente, trata-se de uma distribuição do morfema sincrético que é muito próxima da que encontramos em georgiano – novamente, além dos contextos mais conhecidos do sincretismo passivo-reflexivo (voz passiva, sentenças anticausativas e reflexivas), a construção abarca sentenças envolvendo a posse, pelo sujeito, do objeto afetado pelo verbo. Como visto

anteriormente, as teorias correntes sobre o sincretismo passivo-reflexivo não oferecem, ao menos de forma teoricamente elegante, maneiras de se analisar construções de posse como as vistas em (5.23). Isso motiva LIDZ (2001) a buscar uma resposta para o fenômeno do kanna-da em outro tipo de concepção de modelo gramatical.

A proposta de LIDZ (2001) baseia-se em GRIMSHAW (1990), no que diz respeito a conceber que haja dois níveis de representação lexicais/pré-sintáticos interagentes: (i) a estrutura Lexical-Aspectual e (ii) a estrutura temática. A estrutura Lexical-Aspectual compreende a combinação de primitivos da decomposição de um evento. Em LIDZ (2001) usa-se a decomposição proposta em GRIMSHAW (1990), que se utiliza de primitivos como *x ACT ON y*, *x CAUSE y*, *x CHANGE*, etc. As variáveis, no caso, *x* e *y*, são preenchidas por argumentos licenciados pela estrutura temática, uma estrutura hierárquica de argumentos de um predicado. Sendo assim, deve haver um algoritmo de correspondência – *linking* – entre os dois níveis de representação. Para LIDZ (2001) o algoritmo é o seguinte:

- (5.25) a) Inicie pelo elemento não-ligado menos proeminente na estrutura temática.
 b) Ligue tal elemento aos elementos na estrutura aspectual com que se tem correferência (da direita para a esquerda).
 c) Se todos os argumentos da estrutura temática estão ligados, pare.
 d) Caso contrário, vá a (a).

Abaixo segue um exemplo do mapeamento:

(5.26) “Mário machucou o gato.”

Estrutura temática: (Mário) (Gato)
 Estrutura Lex/Asp: [x ACT ON y] CAUSE [z CHANGE]

Segundo o esquema, as ligações iniciam-se com “Gato”, que apresenta co-referência com *Y* e *Z* na estrutura lexical/aspectual, ligando-se às variáveis. Mário é co-referente à *X*, ligando-se a tal. Nesse caso, nenhum argumento (variável) da estrutura lexical/aspectual resulta-se sem um correspondente na estrutura temática. A ausência de correspondentes na estrutura temática para as variáveis da estrutura Lexical/Aspectual, no entanto, é possível. E é

com base na possibilidade desse tipo de desencontro que LIDZ (2001) sugere uma explicação para o sincretismo passivo-reflexivo em kannada. A denominada **Hipótese do Desencontro** (Mismatch Hypothesis), tal qual é formulada segue abaixo:

(5.27) **Hipótese do Desencontro**³¹: a Marcação de Reflexividade Verbal (-koL-) ocorre somente quando o elemento mais à esquerda da decomposição aspectual não está ligada a nenhum elemento na representação temática.

Essa hipótese é capaz de explicar a inserção do morfema sincrético do kannada, caso a interação entre os níveis de representação pré-sintáticos se dê da seguinte forma:

(5.28) Construções inacusativas (cf. 5.21b):

Estrutura temática: ((X))
 Estrutura Lex/Asp: [x ACT ON y] CAUSE [z CHANGE]

(5.29) Construções reflexivas (cf. 3.21a):

Estrutura temática: (X (Y))
 Estrutura Lex/Asp: [x ACT ON y]

(5.30) Construções de posse (cf. 3.23)

Estrutura temática: (X (Y))
 Estrutura Lex/Asp: [x ACT ON y] CAUSE [z CHANGE]

Conforme a Hipótese do Desencontro, a ocorrência do morfema -koL-/-koND- é licenciada pela ausência de ligação entre a variável *x* da estrutura Lexical/Aspectual e um elemento da estrutura temática. Além disso, presença de dois argumentos na estrutura temática das construções reflexivas, conforme pode ser visto em (3.29), licencia a ocorrência do anafórico *tann*. Por fim, a teoria também fornece uma tentativa de explicação da inserção do morfema em construções de posse, isso é feito por estabelecer que as variáveis *y* e *z* da estrutura Lexical/Aspectual necessariamente se referem à mesma entidade.

³¹Originalmente:

Mismatch Hypothesis: the Verbal Reflexivity Marker (-koL) occurs only when the left-most element in the aspectual decomposition is not linked to any element in the thematic representation.

Para o georgiano, a mesma análise é possível para verbos reflexivos e anti-causativos: *-i-* cumpre o mesmo papel de *-koL-/-koND-* e *tav* de *tann*. Entretanto é necessário dizer que há diferenças na conceitualização de posse em georgiano para que se possa implementar a mesma análise nas construções de posse da língua, que não envolvem apenas contextos de posse inalienável. Além disso, deve-se pensar em alguma forma de explicar, dentro do framework adotado, a ocorrência de *-i-* nas construções que apresentam leitura de sujeito beneficiário da ação, cujo exemplo repetimos abaixo:

- (5.31) Avtandil-*i* saxl-**s** she- *i-* gheb -av -s.
 Avtandil-NOM casa-ACU pvb-vpr-pintar-tema-3s.
 "Avtandil pintará a casa para si."
 "Avtandil pintará a sua casa."

Lembramos aqui que as construções de sujeito beneficiário e as de posse em georgiano são formalmente idênticas, de modo que podem ser analisadas como duas leituras diferentes de uma mesma construção. Com isso, pode-se levantar a hipótese de que, na verdade, uma das leituras é inferencial, e não resultado direto das representações sintático-semânticas da sentença.

Há argumentos para se dizer, por exemplo, que o morfema *-i-* licencia interpretações de posse do objeto pelo sujeito. Um deles é o de que as construções reflexivas da língua podem ser de duas formas: ou com o morfema *-i-* no verbo e, na posição de objeto, o substantivo *tav*, que significa "cabeça", mas que é tomado como anafórico nessa construção; ou com um pronome possessivo seguido de *tav*. Ou seja, *-i-* alterna com um pronome possessivo nesses casos:

- (5.32) a. Shen **tav -s i-** gheb -av.
 Tu reflx-ACU vpr-pintar-tema.
 "Tu estás te pintando."
 b. Shen **shen -s tav -s** gheb -av.
 Tu poss.2s-ACU reflx-ACU pintar-tema.
 "Tu estás te pintando."

Outro argumento é o de que a leitura de posse costuma ser a preferível, a imediatamente lembrada pelos informantes na ausência de contextualização, conforme testamos com falantes nativos.

A partir disso, pode-se dizer que essas construções com *-i-* em verbos transitivos são, na verdade, construções de posse e podem, em contextos adequados, receber uma leitura inferencial de sujeito beneficiário não necessariamente possuidor. A intersecção entre esses dois tipos de leitura é bastante comum, podendo ser observada inclusive em português:

- (5.33) a. Deixa eu cortar o meu pedaço do bolo.
 ' Deixa eu cortar o pedaço do bolo que é meu.
 '' Deixa eu cortar um pedaço do bolo para mim.
- b. Ele vai me arrebentar o carro.
 ' Ele vai arrebentar o meu carro.
 '' Ele vai arrebentar o carro para mim (maleficiário).

Se essa hipótese está correta – e se se admite que as línguas podem variar em relação à noção de posse que é afetada por seus processos gramaticais³² –, então concluímos que a teoria de LIDZ (2001) é capaz de explicar todos os contextos de inserção de *-i-*, em georgiano, em que o sujeito é, de alguma forma, afetado pelo evento.

Contudo, é preciso ter cautela aqui, pois há diversos aspectos da proposta que são discutíveis. Em primeiro lugar, o algoritmo de mapeamento proposto por LIDZ (2001) é *ad hoc*: não há, no artigo, nada que explique a motivação do ordenamento de suas etapas e também não há demonstração de que o mapeamento funcione em outras construções – isto é, não há comprovação de que o algoritmo tem validade geral na gramática do kannada. Em segundo lugar, as representações propostas pelo autor para construções reflexivas e anticausativas também são passíveis de discussão. Finalmente, no artigo não são apresentados testes para assegurar de que se está utilizando uma “representação aspectual” que realmente represente a estrutura dos eventos envolvidos nas diversas construções reflexivas e anti-causativas em que ocorre o sincretismo.

32 Nada foi testado para conferir se há, realmente, uma diferença de conceitualização de posse na língua. Trata-se apenas de uma solução *ad hoc*.

Apesar desses problemas, podemos considerar a proposta de LIDZ (2001) como uma ideia bastante interessante de se conceber a causa do fenômeno do sincretismo passivo-reflexivo nas línguas: de fato, a falta de correspondência completa entre diferentes níveis de representação parece ser uma boa razão pela qual um certo expoente morfológico pode ser estendido a diferentes tipos de construções só parcialmente semelhantes. As demais propostas que discutimos até o momento presumem que o sincretismo ocorre como resultado de uma operação ou uma restrição que se pretende como única e categoricamente relacionada a uma propriedade específica das representações sintáticas ou semânticas das frases – razão pela qual tais teorias tendem a se aplicar de modo ótimo somente a um número muito limitado de contextos. A teoria de LIDZ (2001) parece mostrar maior flexibilidade no modo como se estende a diferentes contextos porque opera justamente com um elemento *no modo de articulação entre níveis de representação*, e não com aspectos particulares de alguma representação específica da sentença. Em particular, pode-se conceber a análise de Lidz como sendo baseada na idéia geral de que um mesmo expoente morfológico pode ser sensível ora a aspectos da estrutura de realização argumental do predicado, ora a aspectos da semântica lexical do mesmo predicado. Em suma, trata-se de uma análise que explora legitimamente a idéia de que há complexidade na interface entre estrutura argumental e representação semântica dos verbos.

A ocorrência de -i- como marca de tempo/aspecto, ainda não abordada de forma satisfatória, será tratada na seção a seguir, ao apresentar a hipótese da derivação diacrônica gradual dos contextos de inserção de -i-, que não necessariamente exclui a proposta de LIDZ (2001).

5.3.2. Derivação diacrônica gradual

Um problema presente em todas as teorias abordadas até o momento é sua incapacidade de explicar a presença de -i- em verbos de classe III, como marca de tempo/aspecto. Abaixo seguem dados de verbos de classe III no presente, futuro e aoristo:

(5.34) Verbos de classe III:

a. Dghes mama dzalian lap'arak' -ob -s.
 Hoje pai.NOM muito falando -tema-3s.
 "O pai está falando demais hoje."

b. Dghes mama-m dzalian i -lap'arak'-a.

Hoje pai -ERG muito **vpr**-falar -3s.

"O pai falou demais hoje."

c. Dghes mama dzalian **i** -lap'arak'-eb -s.

Hoje pai muito **vpr**-falar -tema-3s.

"O pai vai falar demais hoje."

Há dois argumentos para dizer que esse *-i-* é o mesmo *-i-* dos verbos anticausativos. O primeiro é que, com a presença de *-i-*, o tema do verbo, que normalmente é **-ob**, passa a ser **-eb**, como se pode observar em (5.34c). Essa mudança de temas para **-eb** lembra o que ocorre na derivação de verbos de classe II a partir de verbos de classe I (alternância causativo-incoativa, passiva ou média):

(5.35) a. Ivan saxl-s xat' **-av** -s.

João.NOM casa-ACU desenhar-tema-3s.

"O João está desenhando uma casa."

b. Saxl-i i -xat' **-eb** -a.

Casa-NOM vpr-desenhar-tema-3s.

"Uma casa está se desenhando."

O segundo argumento surge quando olhamos para os verbos de Classe IV e vemos que seu futuro e aoristo são realizados com o morfema **-e-** e a mesma alternância de tema para **-eb**:

(5.36) a. Gogo aris, romel-sa -ts m **-i** -qvar-s.³³

Garota há, qual -DAT-rel 1s-vpr-amar-3s.

"Há uma garota que eu amo."

b. Gogo aris, romel-sa -ts m **-e** -qvar-a.

Garota há, qual -DAT-rel 1s-vpr-amar-aor.3s.

"Há uma garota que eu amava."

³³ Lembrando que o morfema *-i-* desse verbo não é o *-i-* sincrético que discutimos na presente dissertação, mas sim o *-i-* da **versão objetiva**, que licencia um argumento oblíquo (dativo) na primeira ou segunda pessoa. Como já explicado anteriormente na dissertação, no caso dos verbos de classe IV, a **versão objetiva** ou **locativa** é utilizada para licenciar o sujeito dativo.

c. Gogo aris, romel-sa -ts m -e -qvar-eb -s.
 Garota há, qual -DAT-rel 1s-**vpr**-amar-tema-3s.
 "Há uma garota que eu amarei."

(5.37) a. Saxl-i g -a -kv -s ?
 Casa-NOM 2s-**vpr**-ter-3s.
 "Tens uma casa?"

b. Saxl-i g -e -kon-a ?
 Casa-NOM 2s-**vpr**-ter-aor.3s.
 "Tiveste uma casa?"

c. Saxl-i g -e -kn -eb -s ?
 Casa-NOM 2s-**vpr**-ter-tema-3s.
 "Terás uma casa?"

Ora, o morfema **-e-** é o mesmo que alterna com **-i-** em verbos de classe II, licenciando argumentos oblíquos para verbos de classe II:

(5.38) a. K'ar -i i -gh -eb -a.
 Porta-NOM vpr-abrir-tema-3s.
 "A porta se abre."
 b. K'ar -i e -gh -eb -a bavshv -eb-s.
 Porta-NOM vpr-abrir-tema-3s criança-pl-DAT.
 "A porta se abre para as crianças."
 c. *K'ar -i i -gh -eb -a bavshv -eb-s.
 Porta-NOM vpr-abrir-tema-3s criança-pl-DAT.

Logo, o mesmo motivo que faz **-i-** ser inserido como marca de tempo/aspecto em verbos de Classe III, faz **-e-** ser inserido em verbos de Classe IV, uma vez que verbos de Classe IV requerem uma vogal pré-radical que licencie seu sujeito dativo.

Esses argumentos mostram que, morfologicamente, **-i/-e-** em verbos de classe III e IV tem o mesmo comportamento de **-i-** em verbos de Classe II. Entretanto, os mesmos

fenômenos que identificam a vogal que marca tempo/aspecto à vogal que marca verbos anti-causativos/passivos/médios não são observados em outras construções em que -i- ocorre: reflexivas, construções de posse e sua leitura de sujeito agente-beneficiário. Como mostramos abaixo, o -i- dessas construções não envolve alternâncias de tema:

- (5.39) a. Shen rotsa saxl-s she-gheb **-av?**
 Tu quando casa-ACU pvb-pintar-**tema**.
 "Quando vais pintar a casa?"
- b. Shen rotsa saxl-s she-**i** -gheb **-av?**
 Tu quando casa-ACU pvb-**vpr**-pintar-**tema**.
 "Quando vais pintar a tua casa?"
 "Quando vais pintar a casa para ti?"

Além disso, -e- não pode licenciar argumentos dativos para esses verbos.

- (5.40) a. Shen tav -s **i** -xat -av mis -tvis.
 Tu REFL-ACU **vpr**-abrir-tema ele.GEN-para.
 "Tu estás te desenhando para ele."
- b. *Shen mas tav -s **e** -xat -av.
 Tu ele.DAT REFL-ACU **vpr**-desenhar-tema.
 "Tu estás te desenhando para ele."

Voltando ao que foi dito na primeira seção deste capítulo, -i- é abordado em três momentos na gramática tradicional do georgiano: (i) enquanto marca de **versão subjetiva**, (ii) enquanto marca de verbos de **classe II** e (iii) enquanto marca de futuro e aoristo de verbos de **classe III**. No entanto, a descrição que apresentamos aqui parece apontar dois comportamentos diferentes do morfema. Por um lado, há o -i- que se alterna com -e- e exige o tema **-eb**. Esse é a vogal pré-radical que ocorre em verbos anti-causativos/passivos/médios (Classe II) e em futuro e aoristo de verbos inergativos (Classe III) e psíquicos (Classe IV). Por outro lado, há o -i- que ocorre em verbos transitivos, de Classe I, descrito como marca de **versão subjetiva**. Esse -i- parece indicar algum tipo de posse, vista a sua ocorrência em construções de posse e a alternância que apresenta com pronomes possessivos em construções reflexivas:

- (5.41) a. Shen rotsa **shen-s** saxl-s she-gheb -av ?
 Tu quando **teu -ACU** casa-ACU pvb-pintar-tema.
 "Quando vais pintar a tua casa?"
- b. Shen rotsa saxl-s she-**i** -gheb -av?
 Tu quando casa-ACU pvb-**vpr**-pintar-tema.
 "Quando vais pintar a tua casa?"
 "Quando vais pintar a casa para ti?"
- (5.42) a. Sulel -o , **shen-s** **tav** -s gheb-av !
 Idiota-VOC, **teu -ACU** **cabeça-ACU** pintar-tema.
 "Seu idiota, estás pintando a ti mesmo!"
- b. Sulel -o , **tav** -s **i** -gheb -av!
 Idiota-VOC, cabeça-ACU vpr-pintar-tema.
 "Seu idiota, estás pintando a ti mesmo!"
- c. ?Sulel -o , **tav** -s gheb -av!
 Idiota-VOC, cabeça-ACU pintar-tema.
 "Seu idiota, estás pintando uma cabeça!"

Alguns aspectos dessa distribuição de -i- no georgiano relembram a distribuição do SE nas línguas indo-européias. Nesse sentido, o trabalho de DE SCHEPPER (2007) levanta uma série de contextos de ocorrência de SE em diversas línguas – contextos a que SE parece ter se expandido a partir de uma derivação diacrônica gradual:

(5.43)

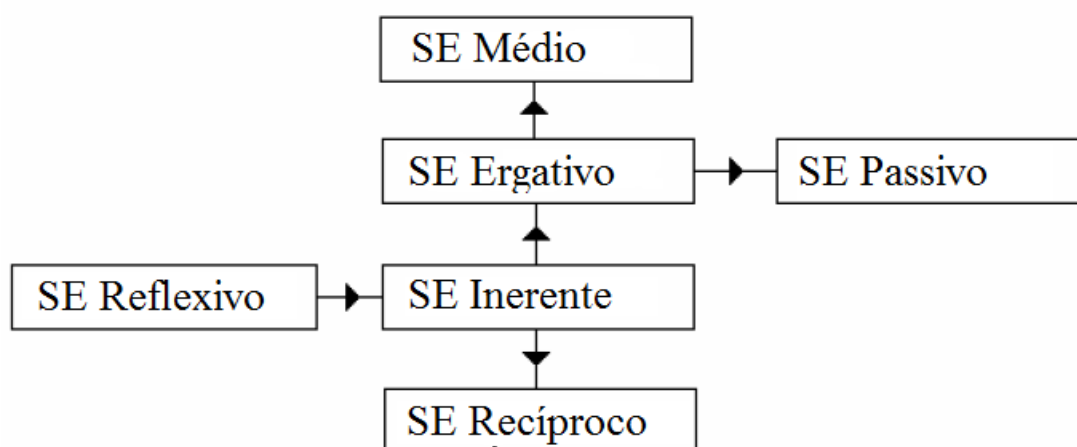
	Reflexivo	Inerente	Recíproco	Ergativo	Médio	Passivo
Latim	+					
Francês Antigo	+	+				
Holandês	+	+		+		
Alemão	+	+	+	+	+	
Dinamarquês	+	+	+	+		+

Francês	+	+	+	+	+	+
Russo	+	+	+	+	+	+

Cf. DE SCHEPPER (2007: 5)

O derivação diacrônica dos contextos de ocorrência de SE, pode, de acordo com o autor, ser representada no mapa a seguir, baseado em HASPELMATH (2003):

(5.44)



Cf. DE SCHEPPER (2007: 6)

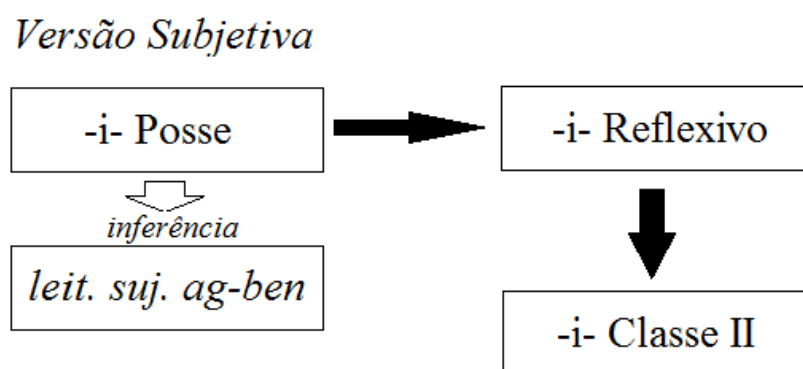
Os caminhos dessa derivação são determinados por características gramaticais diferentes que os contextos de ocorrência de SE apresentam. Além de representar a evolução diacrônica, o mapa indica as análises uniformes possíveis: o SE Inerente e o SE Reflexivo compartilham uma propriedade em comum diferente da compartilhada entre o SE Inerente, o Recíproco, e o Ergativo, por exemplo.

No caso do georgiano, pode-se cogitar um processo de expansão diacrônica similar; em particular, é possível dizer que tudo parte do *-i-* indicando posse. Desse uso pode-se claramente derivar as construções reflexivas, por processo de metonímia conhecido, pelo qual partes essenciais do corpo (daí o uso de *tav* "cabeça") passam a referir ao próprio indivíduo (cf. HEINE, 1999, entre outros). No caso do georgiano, as formas gramaticais das construções de posse e das reflexivas são semelhantes e ambas podem ter seu *-i-* substituído por um pronome possessivo. Além disso, pode-se explicar, também de modo claro, a extensão do *-i-* de posse para as construções de sujeito agente-beneficiário: por inferência pragmática, quem faz algo de positivo com uma propriedade sua (por exemplo, pinta sua própria casa) faz algo em benefício próprio (pinta a casa para si). De fato, é sabido de longa data que há relação

muito próxima entre as chamadas "construções dativas" e a semântica das relações de posse (ver, por exemplo, OEHRLE, 1976; PINKER, 1989, entre outros).

Por conta de semelhanças que vem sendo apontadas em diversos trabalhos – muitos mencionados na presente dissertação –, é inegável a probabilidade de o -i- das reflexivas ter sido apropriado para marcar também construções anti-causativas, passivas e médias (verbos de classe II). Assim, parece-nos plausível que os diversos contextos de ocorrência de -i- derivaram do seguinte processo de expansão:

(5.45)



O morfema -i- para marcar futuro e aoristo de verbos de Classe III, bem como o morfema -e- marcando o mesmo em verbos de Classe IV é provavelmente derivado do -i- dos verbos de Classe II por conta dos argumentos apresentados anteriormente: uso do tema em **-eb** e alternância com **-e** na presença de um argumento dativo. A hipótese de uma deriva diacrônica, em que não se trata de encontrar uma propriedade comum a todas as ocorrências do morfema sincrético, mas de propriedades que associem *pares de construções*, parece-nos fundamentalmente correta para os usos da vogal pré-temática -i- do georgiano: ainda que a análise exija uma investigação mais profunda, encontramos elos naturais a associar pares de construções por meio daquilo que, plausivelmente, seria um processo de extensão construcional.

Mas o quadro acima esquematizado não está completo. Restaria, ainda, explicar a razão pela qual justamente esta mesma vogal também é utilizada para marcar futuro e aoristo em verbos inergativos e psíquicos. Especulemos brevemente acerca destes.

Tem sido descrito em algumas gramáticas (HEWITT, 1995; ARONSON, 1990, entre outros) que os preverbos que marcam o futuro e o aoristo de verbos das Classes I e II – e parecem não ser admitidos em verbos de Classes III e IV – têm, cada vez mais, carregado um sentido de completude do evento verbal. Inicialmente, os preverbos eram marcas de

direcionalidade do evento, como se pode ver nos próprios verbos de movimento da língua:

- (5.46) a. Mi -di-s.
 pvb-ir-3s.
 "Ele vai."

 b. Mo -di-s.
 pvb-ir-3s.
 "Ele vem."

 c. Ts'a-di-s.
 Pvb -ir-3s.
 "Ele vai embora."

Pode-se supor que haja algum tipo de restrição para a ocorrência dos preverbos em verbos que denotam algum tipo de **atelicidade**, o que explicaria a ausência desses elementos como marca de futuro e aoristo nos verbos de Classe III e IV, que denotam atividades e eventos psíquicos: o que os faz parecerem menos télicos que os verbos das demais classes. Dada essa restrição, essas classes de verbo se apropriaram do morfema -i- e de seu alomorfe -e- para marcar tempo:

- (5.47) a. Dghes dzalian v -i -lap'arak'-e.
 Hoje muito 1s-**vpr**-falar -aor
 "O pai falou demais hoje."

 b. *Dghes dzalian **da** -v -lap'arak'-a.
 Hoje muito **pvb**-1s-falar -3s.

 (5.48) a. Saxl-i g -a -kv -s ?
 Casa-NOM 2s-**vpr**-ter-3s.
 "Tens uma casa?"
 b. Saxl-i g -e -kon-a ?
 Casa-NOM 2s-**vpr**-ter-aor.3s.

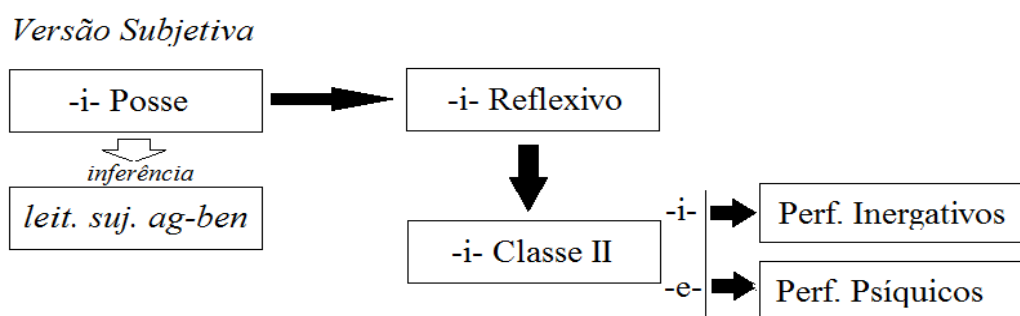
"Tiveste uma casa?"

c. *Saxl-i mo -g -a -kon-a ?
 Casa-NOM p**vb**-2s-vpr-ter-aor.3s.

Se descobrirmos como exatamente atua tal restrição, é possível dizer que os verbos de Classe III e IV passaram a se apropriar da vogal pré-radical *-i-* e do tema *-eb-* de verbos anticausativos para marcar o aspecto perfectivo. Contudo, para verificar essa hipótese, também é necessário verificar quais propriedades verbos anticausativos/passivos/médios apresentam para que uma de suas marcas características (morfema *-i-*, sem mencionar o tema *-eb*) sejam utilizadas para marcar algum tipo de perfectividade. Certamente a explicação para esse fenômeno envolverá uma melhor discussão acerca das maneiras de se formar aspectos lexicais e gramaticais em georgiano.

Toda essa discussão encontra-se em estado preliminar e deve ser continuada em pesquisa futura. Por hora, estamos apenas em condições de formular a hipótese a ser investigada: a de que o uso do morfema *-i-* enquanto marca de aspecto perfectivo deve ser derivada de seu uso como marca dos verbos de classe II, como se vê no mapa da expansão diacrônica de *-i-* abaixo sintetizado:

(5.49)



Assim, no presente estágio de nossa investigação, o que podemos dizer é que, com base na discussão precedente, acreditamos que é bastante plausível a idéia de que atual distribuição do morfema *-i-* não se deve a algum tipo de "comportamento uniforme" em algum nível de generalização; antes trata-se de um conjunto de usos associados parcialmente por diferentes propriedades do morfema, sendo o resultado total da distribuição efeito destas sobreposições parciais. Acreditamos que recolocando a questão nestes termos, apresentamos

uma agenda de pesquisa que inova na concepção corrente sobre o sincretismo passivo-reflexivo; no caso específico do sincretismo de -i-, nossa discussão anterior sugere uma agenda de pesquisa empírica clara, que exigirá, entre outras coisas, estudo de dados diacrônicos da língua. Tudo isso indica um caminho de trabalho complexo, mas promissor: não apenas acena para uma melhor compreensão da natureza do sincretismo da vogal pré-temática -i- em georgiano, mas principalmente, do ponto de vista teórico, acena para uma análise que faz jus à autonomia parcial das interfaces entre morfologia, sintaxe, semântica e pragmática.

5.4. Síntese e Considerações Finais da Dissertação.

No capítulo final da presente dissertação, retomamos os principais pontos discutidos acerca da distribuição da vogal pré-radical -i-, sincrética, e as conclusões obtidas a partir da tentativa de análise uniforme do morfema sob a perspectiva das duas principais teorias atuais acerca do sincretismo passivo-reflexivo. Por um lado, teoria de EMBICK (1998, 2004) que trata o sincretismo passivo-reflexivo como um morfema de *voz* inserido em passivas, reflexivas e anti-causativas como consequência da Análise Inacusativa dos Reflexivos, mostra-se incapaz de dar conta do sincretismo de -i- por não prever a ocorrência do morfema basicamente em construções de posse. Por outro lado, vimos a teoria de REINHART & SILONI (2004, 2005), que concebe o sincretismo passivo-reflexivo como consequência da hipótese levantada por CHIERCHIA (2004) de que anti-causativas possuem semântica de reflexividade e portanto passam pelo mesmo processo lexical (ou sintático) de redução de argumentos. Essa teoria também é incapaz de dar conta do sincretismo de -i- por não explicar a ocorrência de *tav* em construções reflexivas e sua ausência anti-causativas. Além disso, como ocorre na teoria de Embick, essa teoria é incapaz de prever a ocorrência de -i- em construções de posse e em sua leitura de sujeito agente-beneficiário.

As teorias apresentadas buscam uma unificação da análise baseando-se em um único aspecto da gramática. Na teoria de Embick, o sincretismo passivo-reflexivo é visto como um fenômeno que está atrelado somente à voz enquanto na teoria de Reinhart & Siloni, o sincretismo é visto como um fenômeno atrelado à reflexividade. Por conta dessa 'limitação' que não permite incluir a variedade de contextos que cobre o sincretismo de -i-, buscamos duas alternativas teóricas que podem apresentar uma resposta sobre o que acarreta na inserção do morfema.

A primeira, baseada em LIDZ (2001), propõe que o sincretismo seja consequência de

um desencontro no mapeamento de dois níveis pré-sintáticos, seguindo a teoria de GRIMSHAW (1990): a estrutura Lexical-Aspectual e a estrutura temática. Da mesma forma que as outras teorias apresentadas anteriormente, essa teoria não parece ser capaz de explicar a ocorrência de -i- em futuros e aoristos de verbos de Classe III (e de -e- nesses tempos em verbos de Classe IV). Mas consegue-se explicar a ocorrência de -i- em reflexivas, anticausativas (também em médias e passivas) e construções de posse. A proposta, no entanto apresenta-se num estágio hipotético no sentido teórico.

A segunda alternativa apresentada é relevante para compreender o status do morfema -i- enquanto marca de futuro e aoristo (aspecto perfectivo) em verbos de Classe III, bem como de seu alomorfe -e- em verbos de Classe IV. Baseando-se em SCHEPPER (2007), levantamos a hipótese de que os contextos de ocorrência de -i- tenham sido derivados gradual e diacronicamente. Nesse quadro, -i- enquanto marca aspecto perfectivo encontra-se derivado do -i- dos verbos anticausativos/médios/passivos (Classe II) por conta de uma propriedade aspectual não clara que podem compartilhar entre si. Se a teoria está correta, essa propriedade não é compartilhada pelos outros contextos de inserção de -i-, fazendo com que o -i- que marca aspecto perfectivo ocupe outro lugar na gramática. Ainda assim, a derivação diacrônica pode explicar seu comportamento morfológico semelhante ao do -i- dos verbos de Classe II.

Embora não tenhamos chegado a uma conclusão clara e definitiva sobre o funcionamento do morfema -i- e o sincretismo passivo-reflexivo em georgiano, pode-se dizer que a presente dissertação contribui com uma descrição mais clara da distribuição do morfema do que aquela que vem sendo proposta não só pela gramática tradicional, como também em trabalhos dentro da teoria gerativa, como os de NASH (2002) e AMIRIDZE (2006). Além disso, nossa discussão sobre as teorias que lidam com o sincretismo passivo-reflexivo é contributiva no sentido de que faz parecer mais vantajosa a teoria que busca uma explicação que leve em conta fatores como a interação de diferentes níveis/componentes gramaticais, bem como fenômenos de diacronia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXIADOU, A. & ANAGNOSTOPOULOU, E. Voice morphology in the causative-inchoative Alternation: evidence for a non unified structural analysis of unaccusatives. *In*: ALEXIADOU, A., ANAGNOSTOPOULOU, E. e EVERAERT M. (orgs.) *The Unaccusativity puzzle*. Oxford University Press, 2004.

AMIRIDZE, N. Reflexivization strategies in Georgian. Phd Diss. Universiteit Utrecht, 2006.

ANDERSON, S. *A-Morphous Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

ARONSON, H. *Georgian: A Reading Grammar*. Columbus: Slavica, 1990.

ASATIANI, R. Classificação Funcional dos Prefixos Verbais nas línguas Kartvelianas. *In*: *Boletim de Língua e Literatura*, 3, 192-204, 1987. (Em georgiano)

CANÇADO, M. & NEGRÃO, E. Two Possessor Raising Constructions in Brazilian Portuguese. Apresentação no VIII Workshop on Formal Linguistics, 2010.

CHIERCHIA, G. A semantics for unaccusatives and its syntactic consequences. *In*: ALEXIADOU, A., ANAGNOSTOPOULOU, E. e EVERAERT M. (orgs.) *The Unaccusativity puzzle*. Oxford University Press, 2004.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

DE SCHEPPER, K. "Reflecting the past: Mapping the development of the Indo-European SE-form." *In*: B. Los and M. van Kopp n (eds.) *Linguistics in the Netherlands 2007*, Amsterdam: Benjamins, 211-222, 2007.

EMBICK, D. Causativization in Hupa. *In*: *Proceedings of BLS 22*, 83–94, 1997

EMBICK, D. "Voice systems and the syntax-morphology interface". *In: MIT Working Papers in Linguistics*, 32: 41-72, 1998

EMBICK, D. "Unaccusative syntax and verbal alternations". *In: ALEXIADOU, A., ANAGNOSTOPOULOU, E. e EVERAERT M. (orgs.) The Unaccusativity puzzle*. Oxford University Press, 2004.

GENIUSIENE, E. *The Typology of Reflexives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1987

GRIMSHAW, J. "Anticausativization". *In: Natural Language and Linguistic Theory* 27:77-138, 1990.

HALLE & MARANTZ, A. "Distributed Morphology and Pieces of Inflection". *In: HALE, K. & KEYER, S. (orgs) The view from building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberguer*, MIT Press, Cambridge, MA, 111-176, 1993.

HASPELMATH, M. The grammaticization of passive morphology. *In: Studies in Language*, 14: 25-72, 1990.

HASPELMATH, M. "The geometry of grammatical meaning: Semantic maps and cross-linguistic comparison." *In: Tomasello, Michael (Orgs.) The new psychology of language*, vol. 2. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 211-242; 2003.

HEINE, B. Polysemy involving reflexive and reciprocal markers in African Languages. *In: Frajzyngier, Zygmunt and Curl, Traci S. (eds.), Reciprocals: forms and functions*. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins, 1-29, 1999.

HEWITT, G. *Georgian: A Structural Reference Grammar*. Benjamins J., London, 1995.

HEWITT, G. *Georgian: A learner's Grammar*. Routledge, London, 1996.

HAVRÁNEK, B. *Gêneros Verbais nas Línguas Eslávicas*. Praga: Královská Česká Spolecnost Nauk, 1928 (Em Tcheco)

ISACENKO, A. O Sistema Gramatical Russo em comparação com o Eslovaco. Bratislava: Morfologija, 1960.

KALLULLI, D. The Comparative Syntax of Albanian: On the contribution of Syntactic Types to Propositional Interpretation. Tese de Doutorado, Universität Durham, 1999.

KALLULLI, D. “A unified analysis of passives, anticausatives and reflexives”. *In: O. Bonami & P. Cabredo Hofherr (orgs .) Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics 6: 201-225, 2006.*

KALLULLI, D. “Rethinking the passive/anticausative distinction”. *In: Linguistic Inquiry 38(4):770-780, 2008.*

KATO, M. Sujeito e Tópico: Duas Categorias em Sintaxe?. *Cadernos de Estudos Linguísticos, CAMPINAS, v. 17, p. 109-132, 1989.*

KATO, M. Indefinite Subjects in Brazilian Portuguese, a Topic and Subject-prominent Language. *Apresentação Oral no VII Workshop on Formal Linguistics, UFPR, 2008.*

KAYNE, R. “Romance se/si”. *GLOW Newsletter, 20, 1988.*

KOONTZ-GARBODEN, A. “Anticausativization”. *In: Natural Language and Linguistic Theory 27:77-138 2009*

KOPECNÝ, F. Pasivum, reflexivní forma slovesná a reflexivní sloveso. *In: Studie a prace lingvistické. Praga: K sedesátým narozeninám akad B. Havránka, 1954.*

KRATZER, A. “The event argument and the semantics of voice”. *Manuscrito, University of Massachusetts, 1994*

KRATZER, A. “Severing the external argument from its verb”. *In: J. Rooryck & L. Zaring (orgs), Phrase Structure and the Lexicon. Dordrecht: Kluwer: 109-37, 1996.*

LAZZARINI CYRINO, J. P. Alternâncias de Estrutura Argumental em Georgiano: Sobre o sincretismo do Morfema –i-. Relatório de Iniciação Científica: FAPESP, 2008.

LIDZ, J. Causation and Reflexivity in Kannada. Manuscrito, 2000.

LIDZ, J. “The Argument Structure of Verbal Reflexives”. *In: Natural Language and Linguistic Theory* 19.2:311-353. 2001

MARANTZ, “On the nature of grammatical relations”. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1984

NASH, L. “Entre la Flexion et le Verbe: syntaxe, morphologie, acquisition”. Tese de Habilitação apresentada na Universidade Paris 7, 2002.

OEHRLE, R. “The grammatical Status of the English Dative Alternation. Tese de Doutorado. MIT, 1976.

PARSONS, T. “Events in the semantics of English: A study in subatomic semantics”. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.

PESETSKY, D. Paths and categories. Doctoral dissertation, Massachusetts Institute of Technology. Dept. of Linguistics and Philosophy, 1982

PESETSKY, D. “Zero syntax. Experiencers and Cascades”. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

PINKER, S. “Learnability and Cognition: The acquisition of the Argument Realization.” Massachusetts: MIT Press, 1989.

REINHART, T. “Syntactic effects of lexical operations: reflexives and unaccusatives.” *In: UiL OTS Working Papers, Univeriteit Utrecht*, 1997.

REINHART, T. & REULAND, E. Reflexivity. *In: Linguistic Inquiry*, 24: 657-720, 1993.

REINHART, T. & SILONI, T. “Against a Reflexive analysis of unaccusatives.” *In:*

ALEXIADOU, A., ANAGNOSTOPOULOU, E. e EVERAERT M. (orgs.) *The Unaccusativity puzzle*. Oxford University Press, 2004.

REINHART, T. & SILONI, T. The Lexicon-Syntax Parameter: Reflexivization and other operations. *In: Linguistic Inquiry*, 36, 389-436, 2005.

RIBEIRO, P. Contra anticausativização como reflexivização. Apresentação no encontro do GT de Teoria da Gramática, 2009.

SCHLADT, M. The typology and grammaticalization of reflexives, in: Frajzyngier, Zygmunt, and Curl, Traci S. (eds.), *Reflexives: forms and functions*. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins, 103-124, 1999.

SHANIDZE, A. *Fundamentos da Gramática Georgiana*. Tbilisi: Editora da Universidade de Tbilisi, 1973. (em georgiano)

SHLONSKY, U. *Null and Displaced Subjects*. Tese de Doutorado, MIT, 1987.

VENDLER, Z. *“Linguistics And Philosophy”*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967